

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO (IUPERJ)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

GABRIEL FRANCO BORBA

SOCIABILIDADES TORCEDORAS:
Um estudo sobre o Olaria Atlético Clube e o bairro suburbano do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2025

GABRIEL FRANCO BORBA

SOCIABILIDADES TORCEDORAS:

Um estudo sobre o Olaria Atlético Clube e o bairro suburbano do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política. Linha de Pesquisa: Cidade, Cultura e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Araújo Monteiro

Rio de Janeiro

2025

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ
Bibliotecário responsável: Paulo César do Prado – CRB-7 7131

B726s Borba, Gabriel Franco.

**Sociabilidades Torcedoras: um estudo sobre o Olaria
Atlético Clube e o bairro suburbano do Rio de Janeiro /
Gabriel Franco Borba. -- Rio de Janeiro, 2025.
117 f. : il.**

**Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Instituto
Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2025.**

Orientação de: Prof. Dr. Rodrigo de Araújo Monteiro

**1. Sociabilidades Torcedoras. 2. Futebol. 3. Olaria
Atlético Clube. 4. Subúrbio. I. Instituto Universitário de
Pesquisa do Rio de Janeiro. II. Título.**

CDU

316.728:796.332(911.375.64)(911.375.5)(815.3)

GABRIEL FRANCO BORBA

“Sociabilidades torcedoras: um estudo sobre o Olaria Atlético Clube e o Bairro suburbano do Rio de Janeiro”

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Documento assinado digitalmente:
RODRIGO DE ARAÚJO MONTEIRO
Data: 08/05/2025 09:38:25-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo de Araújo Monteiro
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente:
FABIO PY MURTA DE ALMEIDA
Data: 08/05/2025 11:04:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente:
RONALDO GEORGE HELAL
Data: 08/05/2025 10:05:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Ronaldo Helal
Universidade Estadual do Rio de Janeiro / UERJ

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato no prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Teses aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.

RIO DE JANEIRO
2025



UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS
DO RIO DE JANEIRO - IUPERJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTOSENSU
EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
ATA Nº 048

DEFESA DISSERTAÇÃO MESTRADO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Ao sétimo dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e cinco, reuniu-se a banca examinadora da Dissertação de Mestrado em Sociologia Política do candidato **Gabriel Franco Borba** com trabalho intitulado **“Sociabilidades torcedoras: um estudo sobre o Olaria Atlético Clube e o Bairro suburbano do Rio de Janeiro”**, composta pelos professores Doutores **Rodrigo de Araujo Monteiro** (Orientador), **Fábio Py Murta de Almeida** (IUPERJ), **Ronaldo Helal** (UERJ). Após a exposição oral o candidato foi arguido pelos membros da banca, que, após reunirem-se reservadamente, decidiram:

- (X) APROVAR
() APROVAR a Dissertação COM RESTRIÇÕES (as exigências que constam na folha complementar em anexo devem ser atendidas e até 60 (trinta dias)).
() REPROVAR

Observação da banca quanto a Aprovação: _____

Para constar redigi a presente Ata, que vai assinada por mim, Secretária, e pelos demais membros da banca



Documento assinado digitalmente
RODRIGO DE ARAUJO MONTEIRO
Data: 07/05/2025 16:00:12-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

RiodeJaneiro, 07 de maio de 2025.

Prof.Dr.Rodrigo de Araujo Monteiro
Presidente e orientador



Documento assinado digitalmente
FABIO PY MURTA DE ALMEIDA
Data: 07/05/2025 17:05:03-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr.Fábio Py Murta de Almeida
Membro do IUPERJ



Documento assinado digitalmente
RONALDO GEORGE HELAL
Data: 07/05/2025 16:17:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Ronaldo Helal
Membro da UERJ



Documento assinado digitalmente
CÁTIA CRISTINA DE MENDONÇA MOREIRA
Data: 19/05/2025 13:55:59-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Cátia Cristina de Mendonça Moreira.
Secretária

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato não prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Teses aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.



AGRADECIMENTOS

Esses dois anos de pesquisa foram desafiadores e enriquecedores pessoalmente na medida em que saí pela primeira vez do meu Estado de Sergipe para morar fora. Em primeiro lugar, pois, fiquei distante da minha mãe, Sandra Oliveira Franco, a qual agradeço imensamente pelo suporte e diálogo ao longo de todo esse tempo. Em segundo lugar, agracio profundamente o meu pai Claudio Borba que esteve comigo fisicamente e que me auxiliou durante todo o desenvolvimento da pesquisa dando-me dicas e revisando meu texto. Em terceiro lugar, agradeço aos meus amigos mais próximos em Aracaju que me receberam muitíssimo bem durante minhas idas e vindas para a cidade durante a pesquisa.

Dentro do universo da academia, agradeço especialmente ao meu orientador, o professor doutor Rodrigo de Araújo Monteiro pelo apoio e compreensão durante todo o período da dissertação. Pude ter contato não apenas como um orientador acadêmico, mas também como um amigo ao longo desse processo, em que pudemos conversar e desabafar sobre outros assuntos, em especial sobre o futebol com relação ao Santos e ao Fluminense, nossos times de coração. Gostaria de agradecer aos membros da banca, os professores doutores Fábio Py Murta de Almeida e Ronaldo George Helal, que também fizeram parte da qualificação, trazendo contribuições importantes para o texto final da dissertação.

Agradeço aos docentes da instituição, em especial a professora Lilian Alves Gomes, a qual aprendi com a disciplina sobre “memória e patrimônio” que foi importante para esta dissertação. Além dos outros componentes da instituição como funcionários da secretaria, em particular a Jéssica. Ademais, sou grato aos meus colegas de mestrado por terem me acompanhado durante todo esse processo de aprendizado.

Por fim, no espaço da pesquisa, agradeço expressamente a todos os interlocutores citados e não citados que contribuíram nesta pesquisa, que foram de suma importância para que ela pudesse ter chegado ao seu fim. Em particular, ao senhor Pedro Paulo Vital do Nascimento, que colaborou dando seu depoimento sobre o Olaria como então vice-presidente administrativo e sendo o principal historiador do clube, por escrever livros que foram importantes para esta dissertação. Agradeço também, aos membros que pude ter contato da Torcida Jovem Olaria que foram solícitos durante as caravanas e encontros no clube bem como os integrantes da Web Rádio Jovem Olaria.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o Olaria Atlético Clube, uma das instituições esportivas mais tradicionais do futebol carioca e uma das mais importantes da Zona Norte do Rio de Janeiro, tendo revelado jogadores famosos como Romário e Joel Santana. Além de conquistar títulos ao longo de sua história, entre eles a Taça de Bronze de 1981 equivalente a terceira divisão nacional. Clubes esportivos acompanham o processo de transformação urbana das cidades e possibilitam a formação de laços de sociabilidade. No subúrbio, espaços como o de Olaria, surgidos na primeira metade do século XX, permitiram o acesso ao esporte e ao lazer à sua comunidade. Nas últimas décadas, a partir da consolidação do neoliberalismo, o futebol se tornou cada vez mais dependente do capital e da mediatização do torcer, quando muitos clubes locais como o Olaria e seus torcedores se adaptaram a essa nova condição. Assim, a pesquisa teve como objetivo investigar de que forma o clube e seus torcedores possibilitam o desenvolvimento de sociabilidades advindas do futebol e de outras atividades como expressão de um *ethos* local pelo direito à cidade e ao esporte. Ela elegeu como abordagem metodológica a perspectiva qualitativa para sua realização, tendo como técnicas preferencias a observação participante em dia com jogos (mandante e visitante) e sem. Além dela, aprofundou-se determinadas questões a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com alguns interlocutores envolvidos com o clube como membros da organizada, da diretoria e torcedores “comuns”. A conclusão da pesquisa entende que o pertencimento clubístico da instituição não está centralizado apenas na esfera do futebol, mas está expandido nas diferentes formas de socialização e das atividades ligadas ao clube, sendo o futebol ainda peça importante como forma de expressão de uma identidade local que acompanha as transformações do clube e do bairro.

Palavras-chave: Futebol; Olaria Atlético Clube; Sociabilidades Torcedoras; Subúrbio.

ABSTRACT

This research focuses on the Olaria Atlético Clube, one of the most traditional sports institutions in Rio de Janeiro football and one of the most important in the North Zone of Rio de Janeiro, having produced famous players such as Romário and Joel Santana. In addition to winning titles throughout its history, among them the 1981 Bronze Cup, equivalent to the third national division, sports clubs accompany the process of urban transformation of cities and enable the formation of social bonds. In the suburbs, spaces such as Olaria, which emerged in the first half of the 20th century, allowed access to sports and leisure for their community. In recent decades, since the consolidation of neoliberalism, football has become increasingly dependent on capital and the mediatization of fan support, when many local clubs such as Olaria and its fans have adapted to this new condition. Thus, the research aimed to investigate how the club and its fans enable the development of sociability arising from football and other activities as an expression of a local *ethos* for the right to the city and to sport. The qualitative perspective was chosen as the methodological approach for its implementation, with preferred techniques being participant observation on match days (home and away) and without. In addition, certain issues were further explored by conducting semi-structured interviews with some interlocutors involved with the club, such as members of the organized group, the board of directors and “ordinary” fans. The conclusion of the research understands that the club’s membership in the institution is not centered solely on the sphere of football but is expanded in the different forms of socialization and activities linked to the club, with football still being an important part of expressing a local identity that accompanies the transformations of the club and the neighborhood.

Keywords: Football; Olaria Atlético Clube; Supporters Sociabilities; Suburbs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Considerações iniciais	11
1.2 Metodologia	15
CAPÍTULO 2 - O BAIRRO DE OLARIA.....	19
2.1 Definições de subúrbio	19
2.2 O subúrbio carioca	22
2.3 Urbanização e demografia do bairro de Olaria	26
2.4 Patrimônios do bairro	35
CAPÍTULO 3 - OLARIA ATLÉTICO CLUBE.....	47
3.1 História do Clube	47
3.2 O processo político dentro do clube	58
3.3 A influência das <i>bets</i>	66
CAPÍTULO 4 - TORCIDA JOVEM OLARIA.....	70
4.1 Origem e formação da Torcida	70
4.2 Composição e comportamento da torcida.....	72
4.3 Sociabilidades torcedoras da TJO	76
4.4 A bifiliação dentro das organizadas	82
4.5 Caravana - uma etnografia com a Torcida Jovem Olaria.....	84
4.6 A questão da violência nas organizadas	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Bairro de Olaria.....	27
Figura 2 - Indígena símbolo do Cacique de Ramos.....	36
Figura 3 - Feijoada no Cacique de Ramos.....	38
Figura 4- Estátua de Pixinguinha.....	41
Figura 5 - Bar da Portuguesa	42
Figura 6 - Cine Olaria em 2023	44
Figura 7 - Estádio da Rua Bariri durante o A2 Carioca em 2024	53
Figura 8 - Lançamento da Chapa Branca e aniversário do candidato opositor	62
Figura 9 – Caminhada da Torcida Jovem Olaria no dia de jogo pela Copa do Brasil ...	77
Figura 10 - Torcida Jovem Olaria a caminho do ônibus rumo à Maricá	87
Figura 11 – Parada de almoço em Maricá durante a caravana	92
Figura 12- Torcedor do Olaria em Maricá	94
Figura 13 - América X Olaria, jogo do primeiro turno Carioca A2.....	98

LISTA DE SIGLAS

ALERJ - Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Atléticos

AP – Área de Planejamento

BRT - *Bus Rapid Transit*

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

GEPE - Gerenciamento Especial de Policiamento em Estádios

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRPH - Instituto Rio Patrimônio da Humanidade

SAF - Sociedade Anônima do Futebol

TJO - Torcida Jovem Olaria

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, sendo praticado por milhões de pessoas de várias classes sociais e matrizes religiosas. No Brasil, ele adquiriu uma conotação especial de um *ethos* cultural no decorrer do tempo, sendo quase indissociável falar do país sem que se possa falar sobre esse esporte (HELAL, 2014). Por conseguinte, ele faz parte do cotidiano do brasileiro, seja nas mesas de bares, em discussões em redes sociais, redes de rádio e televisão, nas ruas, nos transportes públicos, portanto, está inserido no contexto social do país. Além do seu caráter lúdico, aponta o mesmo autor, o futebol permite uma leitura sociológica da nossa cultura pois integra os diferentes grupos étnicos e classe constituintes como ocorrido na cidade do Rio de Janeiro.

O seu surgimento acompanhou o próprio desenvolvimento das cidades. Os primeiros relatos sobre a prática remontam às escolas inglesas na primeira metade do século XIX, a qual pertencia ao calendário dos alunos tendo no primeiro momento um aspecto mais corpóreo e menos artístico (BOURDIEU, 2004). Seguindo o autor citado, o futebol possuía um caráter elitizado, pertencente a um estilo de vida próprio desses grupos sociais que o viam como um meio de inserir noções de disciplina, masculinidade e educação para os jovens. Com a expansão das indústrias e das trocas econômicas e culturais cada vez mais intensas entre as nações e grupos sociais, o esporte se inseriu em outros contextos para além do Reino Unido, tendo na América do Sul uma das regiões onde se maior registrou sua popularização, inclusive entre as diferentes classes sociais.

No Brasil o desenvolvimento do futebol passou a acompanhar o crescimento econômico e urbanístico do país, a partir da implantação de amplas reformas que modificaram o cenário demográfico das cidades especialmente no século XX. O Rio de Janeiro, então capital do país, viveu uma crise de moradias a preços populares, uma crise sanitária, um movimento de incentivo migratório e uma crescente expansão demográfica. Essas adversidades resultaram no deslocamento de muitos trabalhadores para outras regiões fora do centro, o que formou os subúrbios cariocas (MIYASAKA, 2016). De acordo com a mesma autora, o período das reformas urbanas chamadas de “Bota-Baixo” durante a prefeitura de Pereira Passos no início do século XX objetivaram através de um processo violento “apagar” a memória escravista

colonial e buscar um projeto dito modernizador inspirado no modelo civilizador de Paris, referência cultural na época. Esse movimento desenvolvimentista e reformador urbanístico do Rio de Janeiro resultou na expansão e povoamento territorial para outras regiões da cidade que eram menos povoadas e com menor acesso aos bens públicos, o que possibilitou a obtenção de preços acessíveis para as moradias, comércios e indústrias que se instalaram. Soma-se a essa gênese dos subúrbios cariocas, a existência de funcionários públicos de média hierarquia, de comerciantes e de investidores inclusive de outras nacionalidades ali residentes num período anterior (MATTOSO, 2019). Ao longo desse crescimento surgiram uma série de segmentos culturais, esportivos e religiosos clubes, botecos, igrejas como consequência desse associativismo civil de diferentes grupos com sua comunidade.

Nesse sentido, uma das regiões que mais se expandiram ao longo do início do século XX foi a da Leopoldina, que compreende bairros da Zona Norte, entre eles o de Olaria, que recebeu imigrantes estrangeiros, sobretudo portugueses, italianos bem como nacionais de outras regiões da cidade (PIMENTEL, 2020). Por conseguinte, seu desenvolvimento se estabeleceu a partir da fomentação de um polo habitacional pelo Estado com o objetivo de atrair uma nova massa de trabalhadores. Antes tidos como espaços pouco habitados e longes do centro, ao longo das décadas os diferentes bairros que se formaram na Zona Norte, se tornaram densamente povoados e mais próximos.

Junto com o povoamento do bairro, ao lado de empreendimentos culturais como cinemas está a criação da agremiação esportiva e social mais importante, o Olaria Atlético Clube. Originalmente fundado como Olaria Futebol Clube em 1915, surgiu como uma das primeiras iniciativas locais de fomento de atividades sociais e de lazer, bem como de combate ao estigma aos discursos estigmatizantes do subúrbio (MELO, 2021). Ele foi concebido por um grupo de rapazes que praticavam futebol, fato incomum, pois naquele período a prática ainda era dominado pelas elites da Zona Sul. Essas e outras iniciativas culturais ajudaram a quebrar o estigma social da região vista como carente de recursos pela imprensa.

Ao longo do tempo, o Olaria construiu uma rica história, colecionando títulos importantes para sua história, como, por exemplo, a segunda divisão da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) em 1931, o Torneio Início em 1960 e o seu maior êxito, a Taça de Bronze em 1981, conhecida atualmente como a terceira divisão. Para além deles, o mais importante foi que esses momentos contribuíram para edificar memórias em seus torcedores ao desenvolver laços de solidariedade e de pertencimento não apenas com o clube, mas com o bairro como um todo.

Nesta medida, o clube Olaria ao longo da sua história enraizou laços com sua comunidade a partir dos seus feitos esportivos bem como por sua atuação social, tornando-se um patrimônio importante para a região. Para o antropólogo francês Bromberger (2021), o patrimônio desportivo é constituído tanto por aspectos materiais como imateriais a partir de edifícios e arenas desportivas, representações, arquivos audiovisuais, documentos, equipamentos e relatos orais do esporte que expressam as práticas e sentimentos esportivos. Através dessa perspectiva, compreende-se a importância de valorização da cultura e dos espaços esportivos como catalisadores para a promoção de políticas públicas de proteção. Assim, em razão de sua importância histórica e local, seu estádio, sua sede e o polo aquático foram tombados pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Em termos desportivos contemporâneos, caracterizados pela mercantilização do futebol, o clube adquiriu insucessos como rebaixamentos estaduais, maus desempenhos nacionais, risco de extinção e perda de relevância competitiva estadual frente a outros concorrentes que se tornaram conhecidos nacionalmente. Apesar disso, o Olaria consegue se manter como um clube tradicional da cidade e reconhecido pelos moradores do bairro como um dos símbolos de expressão comunitária. Essa construção simbólica das sociabilidades dos torcedores e moradores com o clube e o seu bairro se relaciona com o que Pollack (1989) chamou de memória social, que faz parte da identidade tanto individual quanto coletiva dos seus integrantes a partir de um processo constitutivo em transformação.

Uma característica marcante de clubes do porte do Olaria é a participação de torcedores organizados que o apoiam. O principal grupo, a Torcida Jovem Olaria (TJO) fundada em 1998, presta um apoio futebolístico diferente do torcedor comum, ao formar uma associação de torcedores especializados em ajudar animicamente os jogadores durante as partidas a partir dos cânticos e ritmos criados tanto dentro de casa quanto fora dela. Além disso, também realiza outras atividades sociais que visam ajudar a comunidade local, mediante ações semelhantes à de outras torcidas organizadas. Ao se constituírem como um grupo, os integrantes também estabelecem relações de amizade e de pertencimento por meio do clube, por vezes com maior proximidade afetiva que a própria família. Também vale destacar a presença de membros femininos dentro da organizada, fenômeno este que também é percebido em outros grupos. Seu surgimento foi oriundo do interesse das namoradas e esposas dos membros masculinos da TJO em participar, a chamada Tribo Feminina.

No caso do bairro de Olaria, por exemplo, existe um processo de reconhecimento suburbano da Zona Norte e enquanto clube se torna uma instituição esportiva de resistência

frente a essa modernização encontrada nos rivais nacionais da cidade. Nesse sentido, a criação de cânticos, bandeiras, artefatos festivos e da socialização antes e após os jogos formam um *ethos* próprio para sua prática torcedora, bem como de reafirmar a cultura do bairro. Como *ethos*, refere-se ao estilo de vida com que organizados vivenciam essa cultura torcedora de suas respectivas localidades (TOLEDO, 1996). Assim, observa-se por parte da organizada um processo de filiação clubística que não se encerra durante os jogos, mas que se expande fora dele a partir dessas iniciativas que levam o nome do clube e da organização para outros lugares a partir do seu pertencimento clubístico (DAMO, 2008).

Por outro lado, há de ressaltar que existem moradores antigos que carregam memórias com o clube, algumas delas tendo participado como funcionários da instituição ou mesmo antigos apaixonados nos momentos de sucesso e infortúnio, sentimento de paixão passado de geração em geração. Já os mais jovens, também moradores do bairro e de regiões próximas, atualmente possuem uma forma de se relacionar diferente de torcer, ao aderirem afetivamente para os mais populares da cidade e internacionalmente. Vale ressaltar que a “polifiliação clubística”, termo designado por Campos e Toledo (2013) para classificar estes torcedores mistos é um tema tabu dentro das torcidas organizadas e visto como um valor negativo institucionalmente pelo grupo, apesar da sua existência entre filiados. Existem também os mais jovens que fazem parte das categorias de base ao disputar competições, além ajudarem na equipe profissional.

Já para os membros da diretoria, um dos grandes desafios latentes na atualidade é em como gerir um clube histórico do Rio de Janeiro que enfrenta problemas financeiros em sua estrutura e ao mesmo tempo organizar um time principal de futebol masculino. Tendo como objetivo mirar na primeira divisão carioca, para disputar as principais agremiações populares como Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. Além disso, acompanhar esses processos de modernização do futebol requeridos no mercado de futebol é um desafio ainda maior para clubes locais de menor orçamento e que possuem um calendário esportivo irregular ou inexistente durante o ano.

Dessa forma, compreender como os torcedores do Olaria e a gestão do clube lidam com esse processo de modernização e competição do futebol aliado a discussão sobre o direito a cidade através de sua sede social se tornam relevante na contemporaneidade, tendo em vista que muitos extinguiram sua parte esportiva e até mesmo a social. A memória e o patrimônio esportivo do clube são assim exigidos frente a essa dinâmica de poder dentro das estruturas políticas e simbólicas do neoliberalismo que apossaram do futebol e das cidades, as

homogeneizando e centralizando na mão de poucos. Mediante isso, entende-se como neoliberalismo um projeto teórico-econômico e político que se estabeleceu a partir da década de 1980 com objetivo de acumular e recompor o capital (HARVEY, 2014). Soma-se a esse contexto, a modernização do futebol como um processo de internacionalização multifacetado do esporte que atinge clubes, atletas, transmissões, publicidade, entre outros aspectos (GIULIANOTTI, 2010). Dessa forma tanto os clubes hegemônicos nacionalmente de cada país quanto os outros clubes de seus universos, dentre eles os locais, acabam sendo afetados por essa influência econômica e política.

Além disso, a dissertação aborda a noção de “sociabilidade” de Simmel (2006) como as interações entre os indivíduos que produzem significados em um jogo social. Assim, quanto maior for o nível de sociabilidade envolvida, maior é o seu caráter simbólico e finalístico da vida das pessoas em sociedade. Soma-se a esse conceito outra figura importante que o desenvolveu dentro da sociologia do futebol que foi Toledo (2021) com o termo “sociabilidade torcedora”. De acordo com ele, no seio dessas discussões sociológicas sobre o futebol, trabalhos que se sucederam buscaram se aproximar da etnografia, da sociologia do lazer, da perspectiva de Pierre Bourdieu e da psicologia. Nesse sentido, as sociabilidades torcedoras defendidas nesta dissertação dizem respeito a uma abordagem etnográfica ligada a observação participante no campo de pesquisa em sua prática tal como realizada por Toledo (1996).

Assim, a dissertação está estruturada em quatro capítulos, incluindo o da introdução. O segundo, intitulado “O bairro de Olaria”, apresenta uma abordagem teórica sobre o conceito de subúrbio e uma descrição e análise social sobre a geografia do bairro. Por conseguinte, no terceiro capítulo, nominado de “Olaria Atlético Clube” é abordada a relevância da instituição para sua comunidade e da relação com seus torcedores. Inclui também um subcapítulo sobre uma observação empírica feita dentro do processo eletivo e um outro que discute o impacto das *bets* no cotidiano dos torcedores e do clube. Por fim, o capítulo quatro discorre sobre a “Torcida Jovem Olaria”, principal organizada e suas formas de expressão torcedora. Nesse sentido, os subcapítulos mesclam uma abordagem tanto empírica quanto analítica a respeito do objeto, ao explorar alguns tópicos entendidos como importantes a partir das observações e das leituras.

1.2 Metodologia

A pesquisa elegeu como abordagem metodológica a perspectiva qualitativa para sua realização. Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa discute os significados, as

motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes circunscritos num espaço de relações investigados de forma dinâmica. A fundamentação teórica utilizou-se de artigos, teses, dissertações e livros que discutem a temática do futebol relativo aos clubes e às torcidas, a sociologia urbana, a memória e o patrimônio interseccionados com a questão esportiva.

As técnicas escolhidas a partir da abordagem qualitativa visaram auxiliar na compreensão dos objetivos do presente estudo. Nesse sentido, as observações *in loco* juntamente com o diário de campo foram utilizadas ao longo da pesquisa nas ruas do bairro de Olaria, em especial nas instalações do clube a fim de produzir dados e impressões pertinentes a problemática da pesquisa. O uso da observação participante se fez necessária em virtude de buscar uma maior interação, principalmente com os torcedores e membros da organizada em dias de jogos dentro e fora de casa, observando aspectos e emoções mais bem percebidos em situações de ação prática das suas rotinas esportivas. Assim, essa técnica tem o objetivo de captar uma série de situações ou fenômenos que apenas podem ser observados durante a própria prática dos atores sociais ao transmitir o imponderável e o evasivo dos hábitos do seu cotidiano, seja por uma participação plena ou um distanciamento observacional (NETO, 2002).

Em termos temporais foram acompanhados *in loco* ao longo da pesquisa os jogos do time masculino de futebol do Olaria no ano de 2023 e sobretudo em 2024. Em termos quantitativos foram vistos 20 jogos das competições do Campeonato Carioca A2, Copa Rio e Copa do Brasil. Parte desses ingressos relativos a esses jogos podem ser visualizados na sessão de anexo dessa dissertação. A forma de locomoção até o campo nos jogos de mando do Olaria foi feita integralmente através de transporte público, o ônibus, tendo como ponto de partida o bairro de Copacabana até Olaria por meio da linha 483 de itinerário Ipanema-Penha. O turno das locomoções acompanhou o período de jogos realizados pela manhã às 10:45 e pela tarde 14:45, tendo como tempo médio de deslocamento cerca de 70 minutos e a passagem custando R\$ 4,30 durante o campo. Já com relação ao acompanhamento aos jogos fora de casa contra outros clubes, foram realizadas 3 viagens para as cidades de Maricá em confronto com o Maricá FC, Duque de Caxias contra o clube de mesmo nome e Petrópolis contra o Serrano. Essas viagens foram efetivadas por meio de ônibus fretado pela torcida organizada do Olaria, que permitiu o acesso e que partiram da sede do próprio clube no turno da manhã, mas em horários variados até a chegada para os jogos da tarde. Nesse sentido, foram necessários maiores deslocamentos sendo o primeiro de Copacabana à Olaria e depois até o destino. O deslocamento de volta foi feito pelo mesmo itinerário, retornando para casa à noite.

Ademais, utilizou-se das entrevistas por meio de roteiros semiestruturados com membro da TJO, da diretoria e torcedores do clube, a fim de aprofundar aspectos importantes para a pesquisa, como o pertencimento clubístico, a memória e os conflitos com a modernidade urbana e esportiva. De acordo com Neto em Minayo (1994) as entrevistas são importantes para o pesquisador social, pois obtém-se as impressões das falas dos atores sociais a partir de um diálogo não neutro com o sujeito-objeto sobre uma realidade vivenciada. Nesse sentido, salienta que a construção metodológica da pesquisa necessita também da honestidade do pesquisador que incorpora também valores anteriores ao seu objeto e do respeito às práticas científicas para a realização do estudo.

Dessa forma, a partir das entrevistas buscou-se articular questões observadas na literatura e no campo com essas interlocuções. Elas foram realizadas de maneira presencial com os interlocutores no ano de 2024. Todas aconteceram dentro do clube do Olaria em diferentes momentos, antes, após e fora dos jogos com uso do gravador de voz do celular do pesquisador. A primeira entrevista foi com o entrevistado “Profeta”, membro da TJO aconteceu no dia 11 de setembro. A segunda com o repórter Mano Gil, ocorreu no dia 9 de outubro. Mesmo dia com outra interlocutora. A quarta com Pedro Vital, vice-presidente administrativo foi feita no dia 11 de outubro. Por fim a última com Bruno Feijão, torcedor, membro da Web Rádio Olaria e um dos fundadores da TJO foi realizada no dia 2 de novembro.

Outra técnica de pesquisa empregada foram as imagens fotográficas capturadas pelo próprio pesquisador no trabalho de campo por meio da câmera do celular. O conteúdo das fotografias registra atividades durante o acompanhamento aos jogos do Olaria na rua Bariri bem como fora de seu recinto durante as “caravanas”. Também foram representados elementos urbanos do bairro como as ruas, as casas, os comércios, a linha trem e o BRT (*Bus Rapid Transit*), por exemplo, e culturais como escola de samba, antigos cinemas e o próprio estádio. Para Koury (1999) as imagens são elementos documentais importantes para múltiplos discursos, valores e ações incorporados nas fotografias, pois capturam memórias individuais de um tempo ou coletivamente compartilhada do espaço enquadrado. Assim, esses registram buscam materializar e expressar a potência daquilo que foi tratado ao longo da pesquisa bem como acompanhar sua rotina. Parte das imagens capturadas podem ser visualizadas no corpo do texto e na sessão em anexo, uma vez que nem todas puderam ser inseridas em razão da quantidade e para fosse evitado repetições temáticas.

Por fim, utilizou-se de informações das redes sociais, em particular do aplicativo *Instagram* do clube e da TJO, a fim de compreender os níveis de produção de conteúdo e conexão com seus torcedores e integrantes.

2 O BAIRRO DE OLARIA

2.1 Definições de subúrbio

Para Soares (1960), dois termos ficaram conhecidos para denominar espaços de crescimento urbano em torno do centro, os chamados *suburbs* e *banlieues* sendo o primeiro de origem inglesa, especificamente dos Estados Unidos, e a segunda francesa. Eles se referiam tradicionalmente às regiões fora dos limites administrativos da cidade, ou seja, fora dos espaços controlados pela municipalidade. Aproveitando-se do diálogo com Chauncy Harris, a autora indica que os subúrbios possuem duas noções geográficas basilares, a primeira de menor densidade habitacional e a segunda como dependentes da cidade. Acrescenta que o conceito estadunidense sobre o termo *suburb*, amplia os limites administrativos para focar-se na sua funcionalidade de dependência através desses espaços livres. Por outro lado, o termo francês *banlieue*, homólogo do estadunidense, refere-se a uma forma de crescimento urbanístico das cidades da Europa Ocidental bem como apresenta espaços livres como jardins e bosques em tornos das casas. Outrossim, o termo carregava uma carga de valor que se diferenciava dos moradores dos espaços urbanos, sendo um estilo de vida próprio e que superou o estigma negativo. Aquele que trabalhava na cidade e morava nos espaços rurais era considerado um indivíduo híbrido em razão de experimentar duas formas de vida diferente ao longo do dia. Desse modo, tanto a expressão a francesa quanto a estadunidense, segundo Soares (1990), referiam-se ao processo de crescimento urbano para as zonas rurais fora dos limites administrativos da cidade, mas que eram dependentes desse centro.

De acordo com Martins (2008, p. 48) “Na Europa e nos Estados Unidos, a sociologia utilizou a concepção sobre subúrbio para definir os espaços residenciais de alto nível ao redor das grandes cidades, algo no limite entre o rural e o urbano, ou o lado “bom” do urbano”. Nesse sentido, o autor aponta essa concepção comum bucólica de que as cidades seriam lugares voltados para o trabalho e as zonas suburbanas com a função de repouso. Por conseguinte, na sociologia brasileira, o conceito de subúrbio não foi explorado da mesma forma e na mesma quantidade no universo acadêmico. Em contrapartida, esse termo conseguiu influenciar a visão do cotidiano dos próprios moradores locais de como que fosse pensado a partir processo integrativo da comunidade.

Em referência ao estudo feito por Martins (2008) sobre os subúrbios de São Paulo, encontra sua primeira utilização na segunda metade do século XVIII, quando o termo era

empregado para designar o vínculo dos moradores rurais da região do ABC com a capital do Estado. Posteriormente foi-se a popularizar no século XIX, inicialmente em um trecho rodoviário da São Paulo Railway para nominar as regiões dos trens metropolitanos, sendo empregado até a década de 60. Nesse sentido, o autor aponta que São Paulo transformou a noção da cidade como apêndice do campo, sendo invertida sua concepção em detrimento do crescimento populacional da mesma e de sua importância econômica.

Acerca dos conceitos de subúrbio e periferia, Martins (2008) versa que de forma indevida, o primeiro termo foi sendo substituído pelo segundo como forma de diferenciação dessas residências precarizadas que se proliferaram nas urbes brasileiras na década de 60. Em termos espaciais, indica que nos subúrbios, mesmo no período de desenvolvimento industrial e das vilas operárias, os terrenos eram grandes e possuíam recintos para produção de hortas e de criação de galinheiros. Por outro lado, as periferias não possuem essas mesmas características, destacando-se por espaços reduzidos que carecem ainda mais do acesso à infraestrutura pública e que são resultados do processo de especulação imobiliária. Nesse sentido, ele aponta que são regiões onde são negadas as ideias civilizatórias e emancipatórias que a urbanidade prometeu, em contraste com outras regiões com poder aquisitivo maior onde foram cumpridas. Em relação ao subúrbio, Martins alerta que em 2008, o problema estava no acesso e efetividade de políticas públicas capazes de atender essa população envelhecida de décadas anteriores.

Perante isso, vale ressaltar que a população brasileira de modo geral cresce rápido etariamente, o que gera várias implicações no próprio campo das políticas públicas relacionadas a previdência, saúde, entre outros. Outrossim, vale ressaltar uma contínua especulação imobiliária nas várias cidades, somado a isso ao crescimento dos aluguéis de apartamento para turistas, inclusive no Rio de Janeiro, o que resulta numa mudança habitacional para outras regiões, em especial na Zona Oeste.

Por sua vez, Hiernaux e Lindón (2004) afirmam que existe convergência entre os termos “arrabalde”, “subúrbio” e “periferia”, na medida que evocam a expansão das cidades frente ao rural e denotam construções novas e descontínuas. De forma inicial, a palavra arrabalde foi utilizada nas cidades latino-americanas entre o século XIX e começo de XX. Posteriormente, o termo subúrbio se cristalizou até a metade desse mesmo século sob influência estadunidense, e a partir de então o verbete “periferia” se sobrepôs e se popularizou. De forma etimológica eles afirmam que, o arrabalde é aquilo que está fora, já o subúrbio aquilo que está próximo. Já a periferia possui também um sentido geométrico circular em torno da cidade. O emprego do termo periferia em muitas cidades latino-americanas a partir da 1960, tem para os mesmos

autores uma influência dos debates que se popularizaram inicialmente acerca da dualidade centro e periferia entre os países e que reverberaram também no campo urbano.

Nesse contexto, Domingues (1995) diz que as zonas suburbanas estão situadas dentro do contexto de fragmentação urbana das cidades, fruto do seu processo de desenvolvimento territorial complexo e descontínuo. O primeiro nível está no pré-conceito atribuído como lugar de exclusão, marginal e deficiente quanto à cidadania, estando distanciado do centro sociológico perante o acesso aos recursos como educação, economia, informação entre outros. Sendo esse centro, ressalta, considerado num aspecto geográfico ou simbólico do termo. Na Europa, o autor exemplifica a partir do filme “La Heine”¹ de Mathieu Kassovitz de 1995, onde a concepção de François Dubet de áreas marcadas pela desconexão da população jovem com relação às questões importantes da vida urbana como emprego, educação e família. Por outro lado, nos Estados Unidos, ressalta como espaços marcados por lotes residenciais unifamiliares de baixa densidade populacional e pelo uso de automóveis privados para locomoção, considerado um “sonho americano” para o estadunidense médio. Esses espaços contrastam com as zonas centrais, as “*inners cities*” que compreendem os moradores étnicos e dos mais segregados da sociedade estadunidense.

Outro sentido que Domingues (1995) aponta para os subúrbios está na crítica à Jacques Levy a respeito da perda de cidadania dos espaços urbanos em razão da descontinuidade do território. Nesse sentido, amplia essa questão não apenas para essas regiões, mas para pensar a cidade como um todo e na resolução dos déficits de políticas públicas. Ademais, outra crítica feita pelo autor a teoria do “ciclo das cidades” por seu caráter simplista e reducionista sobre a descrição e análise do espaço. Ela começa a partir da fase da urbanização pelo acúmulo econômico e populacional do centro, depois segue com a suburbanização, quando existe a desconcentração desses índices para outros locais. Na terceira fase está a “desurbanização” com a redução da população e das atividades no território concentrado, e finalmente a reurbanização que seria a revitalização do centro e das zonas próximas.

¹ Sinopse do filme: Um trio de adolescentes em um subúrbio fora de Paris retrata as aflições que os imigrantes sofrem no dia a dia. A consciência deles de sua própria marginalização atinge um ponto de ebulição culminante (Cinemateca Brasileira)

2.2 O subúrbio carioca

Nesse subcapítulo será discutido os diferentes sentidos e desenvolvimentos do subúrbio carioca. Dessa maneira, para Mattoso (2019) a noção de subúrbio frequentemente é interpretada de forma simplificada como áreas periféricas pela própria narrativa da imprensa, sem uma discussão ampla acerca do seu desenvolvimento histórico e espacial. Perante isso, como morador do subúrbio, entende-o de forma mais complexa como um espaço plural, de sociabilidade e de disputa de interesse dentro de cada território ocupado pelas pessoas, onde devemos falar sobre os diferentes sentidos dos subúrbios e não apenas como um único subúrbio. São ambientes permeados por lacunas históricas sem a mesma valorização enobrecida da Zona Sul, ao merecer desse modo que seus relatos possam serem contados como está dissertação intencionou realizar.

Ademais, soma-se ao que El-Kareh (2010) disse a respeito sobre a origem do termo subúrbio, que carregou consigo um sentido pejorativo, já que o prefixo “sub” indica uma relação de inferioridade ao centro da cidade. Por sua vez, no sentido francês de *banlieue*, “ban” podia se referir também a um elo de banimento desses espaços afastados. Todavia, no Rio de Janeiro durante o século XIX, a expressão mais empregada era de arrabalde, que vinha do árabe *ar-rabad*, relativo as cercanias urbanas.

A partir dos termos de *suburb* e *banlieue*, Soares (1960) averigua sua aplicação na então capital. Na década de 1950, os subúrbios eram denominados pelos dicionários da língua portuguesa como “arrabaldes, vizinhanças da cidade ou de qualquer povoação”. Inicialmente, os subúrbios denotavam espaços distantes do centro urbano, bem como apresentavam um povoamento menor que o último e detinham espaços livres para produção agrícola, assemelhando-se aos termos aplicados nos países citados. Ademais, destaca que esses locais foram modificados com a inserção e impacto dos bondes na cidade na segunda metade do século XIX. Esse meio de transporte foi importante para integrar urbanisticamente as áreas rurais do município e desconcentrar a população da zona central. A partir do surgimento da estrada de ferro e das linhas suburbanas para as áreas até então despovoadas, foi possível atrair cada vez mais pessoas para morarem nessas regiões, onde trabalhavam nas novas áreas comerciais e principalmente industriais da cidade entre o final de XIX e começo de XX. Por conseguinte, ela realça a importância da utilização diária dos trens para o transporte de trabalhadores das áreas limítrofes até o centro da cidade para a popularização do termo subúrbio. Sendo até hoje, um modal de transporte de uso frequente pelos moradores.

Mesmo com a diminuição da utilização do transporte ferroviário e do aumento do rodoviário nas décadas seguintes, a utilização do termo permaneceu na linguagem popular. Sua manutenção segundo Soares (1960) produziu um sentido de depreciação pelas pessoas do centro da cidade com relação aqueles de menor poder aquisitivo, bem como por seu estilo de vida peculiar rural. Por fim, uma outra característica elencada até a década de 1950 pelo menos, era a escassez de melhorias na infraestrutura pública dessas novas regiões ocupadas, refletido num aspecto de desarrajo. A expansão territorial da Zona Norte suplantou os limites territoriais de municípios vizinhos como Duque de Caxias e Nova Iguaçu, por exemplo, transformando-os em espaços conurbados. Até aquele período, era comum que os moradores do centro da cidade nomeassem aqueles que viviam para além dos limites do Rio de Janeiro de maneira genérica, já aqueles que moravam fora dos limites municipais da capital federal preferiam mostrar-se como residentes de outro lugar.

Como aponta Abreu (2022), os bondes apenas alcançavam regiões mais urbanizadas, já os trens atuavam nas freguesias rurais e detiveram importância no processo de transformação dessas áreas durante a primeira metade do século XX. Assim, com a inauguração de linhas férreas como a Estrada de Ferro Dom Pedro II, juntamente com a abertura de novas estações, foi possível abarcar um contingente de pessoas crescente de pessoas que se assentavam em busca de moradias baratas conectadas com o centro. Ao passo que aumentava, mais linhas e estações também eram construídos, tendo seus períodos de funcionamento adequando-se ao perfil dos trabalhadores. Nesse sentido, ressalta que o desenvolvimento se iniciou nas áreas próximas às linhas, mas que se alastraram para seu interior com a abertura de novas ruas até então desocupadas. Um destaque foi Estrada do Norte, posteriormente Leopoldina Railway, inaugurada em 1886 de São Francisco Xavier até Meriti, atual Duque de Caxias. Essa linha permitiu que regiões semiurbanas como Bonsucesso, Olaria até Vigário Geral passassem a se urbanizar de forma intensa, recebendo incentivos para sua ocupação. De forma geral, tanto os subúrbios quanto as regiões próximas do centro, ganharam um aumento populacional entre as décadas 1870 e 1890 com os benefícios de investimentos nos bondes e ferrovias como coloca Abreu.

Para se ter noção, segundo Santos (1996), a Leopoldina Railway era a maior estrada de ferro em extensão do Brasil, contando suas várias linhas e ramais, com atuação na antiga capital federal, Minas Gerais e Espírito Santo. Uma série de melhorias ocorreu a partir da inauguração da linha entre as estações de São Francisco Xavier à Meriti em 1872. As estações de Ramos, Olaria, Cordovil à Vigário Geral eram apenas estações de paradas. Apesar disso, as regiões

de Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha foram os primeiros núcleos a se popularizarem e expandirem urbanisticamente, sendo divididos em lotes entre 1898 e 1902. Ramos nesse período se constituiu como um polo comercial nessa estrada. Vale dizer que em 1926 circulavam cerca de 78 viagens diárias de trens e depois, em 1928 passaram-se para 100.

Em termos comparativos de acordo com Soares (2011) o principal elemento distintivo de formação entre os bairros da Zona Sul e os bairros da Zona Norte, tidos como suburbanos, foi a intensidade pelo qual o solo foi ocupado. Assim, apontava que até a década de 1960, a Zona Norte de forma geral era caracterizada pela ocupação horizontal do solo e que possuía raros casos de ocupação predial, sendo predominante as construções térreas ou de dois andares. Apenas no bairro da Tijuca se demonstrava uma transformação de algum modo semelhante as da Zona Sul. Em contrapartida, ela apresentava um incremento de prédios maiores com a substituição dos menores, em razão do acelerado desenvolvimento econômico na região em especial quanto mais próximos da praia. Dentre os bairros que mais se alteraram urbanisticamente e populacional foi a de Copacabana ao longo do século XX por exemplo. Isso refletiu em seu encarecimento e na dificuldade em atender a infraestrutura necessária para amparar esse contingente. Outros como Ipanema e Leblon, viriam na década de 1930 a sofrer alterações semelhantes, já em Flamengo e Botafogo, como bairros mais antigos, demorariam a acompanhar o mesmo processo e de forma diferente.

Nesse período, segundo a mesma autora, observou-se um processo de migração populacional da Zona Norte para a Zona Sul, formando as favelas respectivas. Essa massa de trabalhadores vinha a atender esse movimento de expansão vertical das construções habitacionais mais ricas, além de servir ao ramo de bens e serviços. Em razão do acelerado crescimento num mesmo espaço, o preço dos imóveis se elevou, enclausurando-os nas favelas.

Um segundo elemento diferenciador, aponta Soares (2011), entre as regiões da Zona Norte e Zona Sul está no período de construções e de estilo arquitetônico de cada território. Nesse sentido, a primeira apresenta um espaço de casas datadas anteriores a década de 1930, de característica mais simples de forma geral, com exceção de alguns bairros como a Tijuca e São Cristóvão, por exemplo, que apresentavam construções robustas. Já a segunda, apresentava em termos gerais obras mais novas ou mesmo que passaram a ser revitalizadas com o tempo, como Botafogo e Flamengo.

O terceiro elemento está ligado à formação social. No período observado, ela aponta que a Zona Norte possuía uma homogeneidade em termos econômicos, tendo a classe média

sua maioria, sem existência de espaços específicos para os ricos e com baixa presença de pessoas mais pobres e das favelas. Já a Zona Sul apresentava um diagnóstico da época mais heterogêneo nessa época, ou seja, existia uma desigualdade social perceptível entre as pessoas mais ricas e pobres que viviam e trabalhavam por lá. Nas zonas mais belas paisagisticamente como de frente para as praias e da Lagoa Rodrigo de Freitas se localizavam os ricos. No interior dos bairros ficavam as pessoas de classe média em apartamentos menores e por fim as pessoas mais pobres se estabeleceram próximas aos morros.

O quarto elemento distintivo está ligado à característica funcional de suas regiões, sendo transformadas ao longo das décadas. Nesse período, ela diz que a Zona Norte era ligada à sua força industrial, das grandes as menores, tendo um comércio ainda incipiente e uma zona residencial que atendia a esse público, bem como o da massa trabalhadora do centro da cidade. Já a Zona Sul passava por um processo de transformação das indústrias de médio porte para outras regiões como a Zona Norte, sendo Copacabana um bairro que viria a se destacar por seu comércio de bens e serviços. Por fim, o último elemento elencado referia-se ao desenvolvimento dos serviços entre as regiões.

Outrossim, Soares (2011) destaca que apesar de certas semelhanças, os bairros tipicamente suburbanos durante as primeiras três décadas apresentavam uma heterogeneidade em suas formações. Nesse aspecto ressalta que eram divididos da seguinte forma: da Central, da Leopoldina, Linha Auxiliar e Rio Douro. A primeira referia-se aos bairros do Méier e de Madureira, que possuíam uma classe média consolidada de habitações mais antigas em comparação aos outros e que era marcado pela sua característica residencial e comercial. Os suburbanos da Central tinham ligações com o centro a partir das ferrovias e dos bondes. Já os da Leopoldina, Linha Auxiliar e Rio Douro possuem formações mais recentes que a primeira. Em razão da baixa capilaridade do acesso às ferrovias e aos bondes e do seu terreno pantanoso, sua ocupação demorou mais tempo para que fosse efetivada.

A partir da drenagem do solo, da melhoria da infraestrutura ferroviária e da abertura da Avenida Brasil, essas regiões passaram a ser habitadas e receber mais pessoas, transformando assim a vida social. Dentre eles, Olaria, Bonsucesso, Penha, Inhaúma, Brás de Pina, somavam as características residenciais e industriais, sendo plenamente ocupados nas décadas de 1950 e 1960 como aponta Soares. Alguns deles iriam se construir como subcentros para outros bairros próximos como de Madureira e Bonsucesso, por exemplo, com seus polos comerciais de destaque, consequência do processo de expansão da cidade e da busca pelos moradores de espaços próximos a suas residências para atender suas necessidades básicas.

Além disso, Bernardes (1968) distinguiu dois tipos de modelo de subúrbio, cada qual por sua função. O primeiro tratou-se dos residenciais ou dormitórios que abrigam uma massa populacional operária e que contém um comércio apenas de subsistência para atendê-los. Essa é a categoria funcional mais comum, sendo as regiões de Anchieta, Coelho Neto, Nilópolis e Queimados alguns exemplos. O segundo tipo foram os subúrbios de caráter dependente industrial, onde o seu crescimento se fortalece a partir das fábricas, mas que sua população num primeiro momento não reside naquele espaço. A partir desses modelos, a autora apresentou outras características de subúrbio possíveis como os mistos, que são tanto residenciais e industriais ou vice-versa como Irajá, Bangu e Lucas. Ainda existiam os residenciais e agrícolas como Jacarepaguá e os fortalecidos a partir da influência militar como Deodoro e Marechal Hermes. Nesse período, a autora destaca que era comum observar um crescimento dos subúrbios diversificados, ou seja, que apresentavam uma cena industrial, residencial e comercial concomitantes. Assim, é válido afirmar que essas impressões eram frutos do período temporal analisado, não sendo estanques.

2.3 Urbanização e demografia do bairro de Olaria

Neste parte será feita uma abordagem histórica e descritiva a respeito do bairro e da região na qual se encontra (Figura 1). Porém, antes é preciso discutir sobre o processo de descoberta e inserção no campo de pesquisa.

Assim, é importante ressaltar as diferentes experiências no cotidiano especialmente entre os bairros de Copacabana, local de moradia do autor no Rio de Janeiro e Olaria, local pesquisado. Ambos passaram por processos transformativos urbanos e habitacionais, especialmente na primeira metade do século XX. Nesse sentido, Copacabana passou de um lugar pouco povoado, voltado para pesca para mudar para uma das maiores concentrações populacionais da cidade e um dos símbolos turísticos mais famosos do país. Ao morar nele durante esses dois anos de pesquisa e me deslocar especialmente de bicicleta no cotidiano por regiões próximas como Ipanema e Leblon, percebi grandes diferenças no ritmo de vida das pessoas em relação à minha cidade natal, Aracaju. Ao contrário desta, a dependência com os automóveis é menor e o número de pessoas que circulam pelas ruas é maior. Talvez a justificativa seja em razão do sol forte e da sensação de umidade percebido. O transporte público na capital sergipana se restringe aos ônibus de qualidade bem inferior, onde os ricos não a utilizam já na carioca a variedade modal é maior com as elites e turistas também usufruindo.

Em Aracaju, a quantidade de turistas nacionais e principalmente de estrangeiros é diminuta em relação à mesmo em Copacabana. Em Olaria, em outro sentido, percebi uma realidade e urbanidade distinta a do bairro citado. O fluxo urbano nessa região da Zona Norte, principalmente durante os dias da semana, se torna dependente das atividades empregatícias no Centro da cidade e na Zona Sul, sendo seu deslocamento feito através do trem, metrô ou ônibus.

A diferença de arborização entre os dois bairros é nítida. Se por um lado Copacabana, mesmo com uma alta concentração de edifícios, de arborização. Em Olaria e proximidades, essa condição não é percebida da mesma forma. No campo da pesquisa foi possível sentir na maioria das visitas, como essa questão impacta na acessibilidade das pessoas se locomoverem a pé ou de bicicleta. Ademais, a proximidade com o mar faz com que turistas e moradores locais possam se refrescar. Já nessa região de Olaria, as opções de arrefecimento da temperatura corporal são reduzidas aos poucos espaços de hidratação e proteção. Os grandes edifícios ajudam a sombrear Copacabana. Já em Olaria, destaca-se predomínio de casas e edifícios baixos com pouco sombreamento.



Figura 1 – Localização do Bairro de Olaria. Fonte: www.bing.com/maps

Acerca da história do bairro de Olaria, ela é compartilhada com a de outros vizinhos que hoje compõem praticamente uma única região, em razão do compartilhamento dos limites territoriais e de certas características comuns. Nesse sentido, remonta-se que Ramos, Olaria e Penha faziam parte de duas sesmarias, a de Inhaúma e de Irajá, sob domínio respectivamente dos fidalgos portugueses Antônio da Costa e Antônio de França (FRAIHA e LOBO, 2004).

Eram terras propícias para a lavoura e a pesca. Nelas se estabeleceram engenhos, uns mais famosos, como o da fazenda Engenho da Pedra e a Nossa Senhora da Ajuda.

Sua ocupação e forma de locomoção era limitada até a chegada das primeiras linhas de trem que vieram modificar a configuração na região. Era costumeiro que o acesso fosse através por antigas estradas coloniais do século XVII, bem como a utilização do Porto de Maria Angu, pelo qual eram transportados a produção dessas fazendas até o centro do Rio de Janeiro (FRAIHA e LOBO 2004). O desenvolvimento de Olaria propriamente dito, remonta ao período em que Francisco José Pereira Rêgo comprou terrenos do Caminho da Matriz até próximo da Igreja da Penha em 1820. Num primeiro momento, a família Rêgo capitalizou na região através da criação de bovinos e da agricultura, porém ao descobrir que parte do seu terreno era rico em argila, desenvolveu as primeiras olarias. Esses empreendimentos eram locais específicos para a manipulação da argila na confecção de objetos utilitários e materiais de construção, que tinham como elemento visual característico uma grande torre que servia de chaminé. No caso de Francis Rêgo e seus filhos, a produção destinava-se a produção de telhas e louças para regiões próximas. Seu sucesso desencadeou também a abertura de novas unidades, consolidando-as como o território das olarias na cidade, forjando o nome do bairro posteriormente como apontam Fraiha e Lobo. Por conta desse desenvolvimento manufatureiro, estabeleceu-se uma parada de trem simples, diferente das demais estações, e tinha como objetivo o transporte de bens primários para esses locais de produção, bem como realizar o transporte dos seus produtos e auxiliar no deslocamento das pessoas que ali viviam.

Apenas foi em 1917 que a região do atual bairro de Olaria ganharia uma estação de trem definitiva, a Estrada de Ferro da Leopoldina. As autoras citadas anteriormente dizem que outros dois nomes importantes para pensar a região foram Quincas Leandro e Custódio Nunes. O primeiro, juntamente com outras pessoas, comprou alguns terrenos nela, incluindo propriedades da família Rêgo, e com isso ajudou a criar as primeiras ruas. Ele se associou a Custódio Nunes, um empresário local que passou a ter importância após começar a criação e abatimento de bovinos em 1882. Ao longo dos anos seu negócio prosperou, culminando num importante ponto de distribuição de venda de carne para a cidade do Rio de Janeiro, pois naquele período eram poucos os lugares que tinham autorização para criação e comercialização.

Quando Custódio Nunes faleceu em 1916, Quincas Leandro formou uma associação com outro dono de matadouro chamado de Goulart, formando a Irmãos Goulart S/A. Por conseguinte, é válido dizer que a história do Olaria Atlético Clube se entrelaçou com esses personagens e esse momento histórico, pois em 1916 funcionários dessa nova empresa criaram

um clube de futebol para sua prática, onde convidavam outras pessoas também. Existem esparsos dados históricos acerca do clube dos Goulart, todavia se sabe que a rua onde jogavam bola se tornou o espaço onde o Olaria Atlético Clube posteriormente constituiu sua sede e campo de futebol, graças à doação do terreno pela filha de Custódio Nunes, Noemia Nunes em 1925.

De acordo com Abreu (2022), o período de 1906 a 1930 na cidade do Rio de Janeiro foi marcado por duas ondas distintas de desenvolvimento urbano para pessoas das classes médias e altas, em oposição às classes proletárias e populares. Nesse sentido, as regiões ligadas à Zona Sul e Central detiveram um apoio significativo do Estado para transformação e adequação de ocupação e saneamento para atendê-los, vide os casos de Copacabana, Ipanema e Leblon. Já para as regiões suburbanas, após o período Pereira Passos presenciou-se um alto crescimento de trabalhadores nessas regiões em decorrência do processo de expansão das indústrias. Contudo, esse movimento não teve apoio do Estado para as reformas necessárias em apoio a essa massa populacional.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, se estabeleceram entre Bonsucesso e Olaria indústrias de pequeno e médio porte, muitas delas provenientes do deslocamento de empresas que saíam do Centro em decorrência da construção da Avenida Presidente Vargas. Abreu (2022) ainda destaca que a edificação da Avenida Brasil objetivava a expansão, especialmente do setor industrial nas áreas limítrofes a ela, porém alguns desses locais foram afetados pelo crescimento da ocupação das favelas, o que impediu que esse setor se desenvolvesse particularmente entre Olaria e Parada de Lucas. Parte da explicação para o crescimento das favelas na Zona Norte foi influenciado pelo volume de indústrias que se estabeleceu naquele período, atraindo pessoas a morarem próximas a seus locais de trabalho. Fato este também percebido, porém de outra forma, na Zona Sul, onde os moradores se vinculavam ao setor de serviços como dito anteriormente.

Em termos de planejamento urbano, o bairro de Olaria faz parte da atualmente Área de Planejamento (AP) 3 da cidade do Rio de Janeiro, juntamente com outros da Zona Norte. A AP1 remonta a área Central da cidade, AP2 a Zona Sul, AP4 uma parte da Zona Oeste (Barra da Tijuca ao Recreio dos Bandeirantes) e AP5 abarca outros territórios da Zona Oeste. Essas AP foram formalizadas pelo município em 1992 com o Plano Diretor.

Segundo Albernaz (2019), predominaram nos bairros de Bonsucesso, Ramos e Olaria na primeira metade do século XX, dois tipos de construções: os sobrados e as casas com

pequenos afastamentos. Essas casas tinham a função residencial ou comercial e encontravam-se ao longo de antigas passagens ou em esquinas, depois acompanharam a linha férrea como nos moldes atuais.

Já na segunda metade mudam-se os tipos de construções para casas com dois pavimentos e edifícios com 3 a 4 andares, também com afastamento, localizando-se nas esquinas e meio das quadras. A partir disso é interessante destacar que ao caminhar pelas ruas de Olaria, particularmente nos deparamos com casas e edifícios com diferentes níveis de conservação. Determinadas construções permanecem com o estilo arquitetônico original de sua época, algumas com suas pinturas conservadas e ainda com residentes no local, já outras em mau estado de preservação ou mesmo fechadas. Salienta Albernaz (2019) que muitas dessas casas, edifícios e moradores antigos podem ser um elemento dificultador para novas construções imobiliárias modernas.

Outro fator que pode sobressair a essa questão, está no fato da existência de propriedades num espaço relativamente reduzido, o que dificulta ainda mais processos transformadores mais intensos. Poucos são os prédios com muitos andares, dentre eles três próximos ao Olaria Atlético Clube, o condomínio Itaúna na Avenida Professor Plínio Bastos, o Solar na rua Leopoldina Rego e o Bandeirante na rua Dr. Nunes. No geral, existe um predomínio de antigas casas. Soma-se a isso, a percepção de que muitas casas contavam em suas fachadas datas de suas construções e reformas, além de diferentes adereços como azulejos, esculturas e figuras religiosas. De acordo com Mattoso (2019) essa é uma característica comum de muitos subúrbios cariocas os quais revelam uma identificação dos moradores com as respectivas casas.

Há de notar também uma característica encontrada em Olaria, mas também em outros bairros com relação a intitulação dos nomes das ruas com referência a personagens da memória histórica da região. Esses logradouros remetem a figuras antes citadas como Custódio Nunes e seus familiares como Noemia e Filomena, bem como da família Rego com a Clara, Leopoldina, João, Antônio e Major Rego. Outra tipologia de rua encontrada faz referência a militares como Tenente Pimentel, Comandante Coimbra e Comandante Abreu localizadas próximas ao 16º Batalhão Militar do lado oposto à linha férrea próxima ao Olaria Atlético Clube. Outras ruas aludem a nomes indígenas como a Rua Pirangi, que significa na língua Tupi-guarani peixe-dourado do rabo vermelho, Rua Guaratinguetá que significa muitas garças brancas e a Rua Paranapanema, rio grande e inútil.

O logradouro com origem indígena mais famosa no bairro é a Rua Bariri, onde se situa o Olaria Atlético Clube, que significa “corrente rápida das águas dos rios em trechos de grande declive”. De acordo com Nascimento (2016), a rua na década de 1920 se chamava Lícínio Silva e na década seguinte foi nomeada Cândido Silva, passando a partir da década de 1940 para o nome atual. Sem registros históricos definitivos, especula-se que por causas das chuvas, as águas desciam em grande volume, tendo adquirido o apelido de “Bariri será Niágara”, uma clara referência às famosas Cataratas do Niágara no Canadá-Estados Unidos. Em uma das atividades de campo dentro do clube, pude ouvir essa mesma história de origem entre dois torcedores na faixa dos seus 60 anos de idade, sendo uma história comum dos olarienses.

Para pensar o bairro de Olaria como também outros bairros limítrofes da Leopoldina como Bonsucesso, Ramos e Penha, é importante compreender a morfologia e as sociabilidades urbanas advindas do seu processo de formação no contexto contemporâneo. Como tratado anteriormente, a construção de linhas férreas no subúrbio do Rio de Janeiro teve um impacto econômico significativo no desenvolvimento da região, pois permitia o transporte de produtos e dos trabalhadores das regiões atendidas. A estação de Olaria, que em 1934 já foi chamada de Pedro Ernesto, depois voltara para o nome do bairro. Além disso, passaria a ter um muro protegendo a ferrovia, forçando com que os transeuntes necessitem cruzar passarela por cima da linha quando quisessem passar para o outro lado do bairro. Atualmente a estação faz parte da administração da Supervia, sendo parte da linha Central do Brasil à Saracuruna, que posteriormente atende aos ramais via vila Inhomirim e Guapimirim.

A linha férrea produziu uma sociabilidade entre os moradores da região da seguinte forma: aqueles que moram e possuem suas atividades do lado mais próximo da Avenida Brasil e da Baía de Guanabara e do outro mais próximo do morro. Acerca dessa separação, Pedro Paulo Vital do Nascimento, doravante nominado Pedro Vital, vice-presidente administrativo do Olaria Atlético Clube, menciona em entrevista que:

Havia separação, a linha férrea separou o lado de cá, o lado de lá e até hoje a linha férrea ela é uma referência para dizer qual é o lado mais desenvolvido é o lado de cá, o lado de lá que é bom. [...]. É o preconceito “ao lado ao lado do morro”, mas aquilo dependendo do qual é o lado que é melhor como se fossem bairros diferentes. A linha férrea, ela claro que isso traz um desenvolvimento para o transporte, para a economia não há menor dúvida, mas houve assim uma segregação não há dúvida alguma, né. A geografia vai influenciar nisso, porque os morros estão para lá, para cá tava o mar né e aí, por exemplo, não há dúvida de que alguns, do ponto de vista imobiliário, um lado é mais valorizado, o outro é menos valorizado.

Essa separação geográfica citada pelo interlocutor, revela um preconceito histórico na sociedade brasileira por parte certa parte da população pelo viés de classe, tendo no Rio de Janeiro se estabelecido essa relação de uma forma particularizada em relação a outros centros urbanos populosos. A aproximação com o Complexo do Alemão configurou assim um preconceito inconsciente, por vezes consciente, com relação aos dois lados da ferrovia dentro do mesmo bairro, na medida em que essa separação férrea dificulta o acesso dentro dele mesmo, fazendo com que se desenvolvam duas regiões diferentes. Dessa maneira, há décadas Olaria se constituiu da seguinte forma: um lado mais residencial e outro com característica mais comercial, sendo até hoje essa constatação presente. De acordo com dados relativos ao site da empresa imobiliária digital Quinto Andar, em dezembro de 2024, o valor médio de aluguel de apartamentos é de R\$1 mil e o valor médio de compra é R\$ 316 mil. Ao analisar os anúncios dos imóveis, pode-se perceber que os maiores valores de compra estão situados na zona de característica mais residencial e o maior número de ofertas estão no lado comercial.

Do lado residencial, ao caminhar durante as atividades de campo, foi possível perceber que uma predominância de casas e pequenos apartamentos, além de um clima para transitar tranquilo, especialmente nos fins de semana, já nos demais dias o trânsito nas principais vias, excluindo a Avenida Brasil são mais intensas. Nas ruas próximas ao Olaria Atlético Clube, existe a presença de estabelecimentos comerciais e de serviços, os quais atendem essa parcela da população. Além disso, conta com o Fórum Regional da Leopoldina inaugurado na Rua Filomena Nunes em 2011, a qual trouxe maior movimentação as redondezas, e a 11ª Zona Eleitoral.

A maior concentração de bares e restaurantes para os moradores é o Largo das Cinco Bocas, local este conhecido por ser o principal polo gastronômico do bairro. Sendo próximo do Hospital Balbino, atraindo também pessoas de outros bairros e de canais da internet como o “Rio4Fun”², conhecido por explorar diferentes espaços alimentícios. A praça possui esse nome devido à confluência de cinco ruas: Angélica Mota, Alfredo Barcelos, André Azevedo e Noemia Nunes que é considerada como duas. De acordo com Albernaz (2019), o local surgiu após a iniciativa de um vendedor de cachorro-quente que começou a comercializar sua comida em uma das ruas. Posteriormente ganhou fama entre os moradores, sendo esse vendedor um dos principais organizadores. Juntamente com a Prefeitura do Rio de Janeiro, foram estabelecidas normas e regras de funcionamento, que nos finais de semana tem o período de maior

² O Canal de Youtube Rio4Fun esteve no local em vídeo postado no dia 4 de julho de 2020 e no dia 20 de maio de 2025 tinha 521 mil inscritos.

efervescência gastronômica, com as barraquinhas que lá se inserem e que conta também com música ao vivo num ambiente familiar.

Olaria, assim como outros do subúrbio do Rio de Janeiro, historicamente foram aliçados da ação de políticas públicas principalmente em relação ao urbanismo das ruas e praças públicas. Ao tratar acerca da preocupação ambiental com relação a estes bairros em comparação aos da Zona Sul, existiu uma nítida diferença com relação a arborização das ruas e praças públicas. Nessas regiões, em razão da ação direta do Estado, desenvolveu-se uma visão paisagística que propiciou a disseminação de árvores ao longo das ruas e avenidas, justamente nos espaços mais enobrecidos. Atualmente, são conhecidos os efeitos benéficos que o planejamento urbanístico ambiental possui para o bem-estar dos cidadãos ao evitar o aquecimento excessivo e melhorar a qualidade do ar, especialmente no verão, quando a temperatura se eleva de forma acentuada.

Já com relação aos bairros do subúrbio, como tratado anteriormente, carecem de políticas públicas que valorizem esse consenso científico de mitigação dos efeitos do aquecimento global nas cidades. Olaria e outros vizinhos historicamente foram forjados num período em que a presença do cimento e do asfalto imperava, sem que houvesse uma preocupação com a importância das árvores em seus arredores para o equilíbrio climático. Assim, tendo caminhado por suas ruas seja esse no lado da Avenida Brasil ou do Morro do Alemão, percebe-se nitidamente essa escassez de plantas e árvores, o que acaba influenciando nas sensações de alta temperatura. Todavia, durante os trabalhos de campo, foi notada uma iniciativa que visa combater essa questão, que é o coletivo “Olaria Verde”. Um grupo criado pelo advogado Victor Vianna em 2019, tendo como objetivo arborizar a região suburbana, especialmente do bairro de Olaria, caracterizado até então como acimentado com poucas árvores.

Além do plantio, o grupo que conta com a participação de voluntários do próprio bairro, também realiza manutenções e o trabalho de conscientização ambiental. Desse modo, percebeu-se que em várias ruas importantes foram colocados espaços de desenvolvimento de árvores visando aumentar o sombreamento da região e diminuição da temperatura. Um trabalho que também está presente dentro do Olaria Atlético Clube, no processo de arborização e cultivo de flores em suas imediações. Isso se dá pelo fato de que Victor Vianna é torcedor olariense e figura conhecida dentro do clube. Figuras assim, tanto atuais como no passado do Olaria Atlético Clube ajudam a fortalecer a identidade com o bairro, fortalecendo os laços de pertencimento que os moradores e torcedores têm com a região.

Em termos demográficos, o bairro de Olaria possui uma população de 51.222 mil habitantes, sendo 22.952 do sexo masculino e 28.270 do sexo feminino, segundo dados do censo feito pelo IBGE de 2022. A constituição etária mostra um perfil adulto, de tendência mais envelhecida, tendo o intervalo maior de 40 a 49 anos com 7.338 mil habitantes. Em uma das entrevistas, ao ser perguntado sobre o que mudou na região de Olaria e vizinhanças ao longo das décadas, o torcedor e repórter olariense (Mano Gil) disse em entrevista realizada no dia 9 de outubro dentro do clube após o jogo contra o Zinza:

Vou te falar o que mudou, que foi o rumo da violência ô Gabriel, do centro para cá, o bairro, tanto de Olaria para cá, ficou violento, né? Mas em questão de comércio caiu um pouquinho, né? Muita gente se mudando aqui do bairro, o bairro já foi muito bom, muito bom, mas deu uma caidinha todo esse problema da violência, né? O comércio também ficou bem, bem fraco.

O clima de insegurança se tornou comum na cidade do Rio de Janeiro, especialmente nos bairros da Zona Norte que apresentam índices de roubo e homicídios que chamam a atenção dos órgãos públicos e da população. Um dos casos mais recentes foi a do universitário Igor Melo de Carvalho, baleado no dia 23 de fevereiro de 2025 por um policial militar da reserva, após ter sido falsamente acusado de um assalto no bairro da Penha, vizinho a Olaria. Vale dizer assim que a sensação de periculosidade impacta na qualidade de vida dos moradores e trabalhadores, o que contribui na perda dos hábitos de socialização ao ar livre.

Desse modo, parte da população sente-se receosa em sair de casa sozinha ou mesmo acompanhada até determinado local, seja por qual motivo, em razão desse clima de insegurança apresentado. Em paralelo, em Copacabana, onde morei durante a pesquisa, a forma como a violência é vivida pelos moradores e turistas é diferente daquela de Olaria na Zona Norte. Apesar de Copacabana possuir um clima de preocupação com a “malandragem”, como me diziam, o bairro é fortemente policiado, tanto na região da praia quanto na avenida atrás dela. Assim, entende-se como malandragem aquelas pessoas que utilizam do “jeitinho” para burlar as regras em seu próprio benefício ao bandido que vive dos delitos (DAMATTA, 1997).

Além disso, soma-se a essa discussão sobre a malandragem e os perigos urbanos a concepção popular trazida por Zaluar (1994) acerca dos bandidos, vistos como pessoas mais perigosas por portarem armas e estarem envolvidos em assaltos ou tráfico de drogas. Nesse sentido, um ponto que chamou atenção foi com relação à distinta abordagem visual entre as viaturas policiais entre as duas regiões. Se por um lado na Zona Norte, o agente dentro do carro revela em público sua arma na janela com efeito de amedrontar os criminosos, já na Zona Sul, essa abordagem não é vista da mesma forma. Assim, parece predominar dentro do imaginário

comum o domínio dos malandros na Zona Sul, especialmente na região de Copacabana, Ipanema e Leblon ligados a praia e ao turismo e os bandidos na Zona Norte em razão do comando do crime organizado.

2.4 Patrimônios do Bairro

Como já mencionado, o bairro de Olaria se tornou conhecido pelas suas olarias, espaços de fabricação de cerâmica, principalmente de propriedade do empresário Francisco José Pereira Rego durante o século XIX. Ademais, passou a receber uma série de transformações urbanísticas, sendo que uma das mais intensas foi a da construção da Estrada de Ferro do Norte, posteriormente denominada Leopoldina, em 1886. A família Rego loteou suas terras durante essa época, atraindo novos moradores, inclusive estrangeiros, especialmente portugueses. Além dessa iniciativa, havia o matadouro de Custódio Nunes, que funcionou principalmente na primeira metade do século XX e que posteriormente foi loteada para a chegada de novos moradores, dentre eles de origem portuguesa (PIMENTEL, 2020).

Mediante esse contexto, as casas e ruas de Olaria transmitem arquitetonicamente o desenvolvimento histórico da região, sendo poucos os prédios maiores e casas modernas que aparecem em sua paisagem geográfica. Diante da criação da Avenida Brasil, o movimento no bairro cresceu, o que fez elevar a população do local e o surgimento de novas opções de lazer como cinemas, como o Cine Olaria, o São Geraldo e o Cine Teatro Oriente; blocos de samba como o Cacique de Ramos e o Estádio Antônio Vieira Mourão Filho conhecido como “Estádio da Bariri” do Clube Atlético Olaria, por exemplo. Todavia, alguns espaços de lazer e de cultura populares cultivados durante o século XX se transformaram ao longo do tempo, seja por razões endógenas quanto por razões exógenas, como se abordará, por conseguinte, ao trazer a reflexão sobre o papel da memória e do acesso aos bens culturais pela população suburbana longe do centro econômico hegemônico.

Um dos patrimônios culturais mais influentes do bairro de Olaria é o tradicional bloco carnavalesco Cacique de Ramos. Segundo informações do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento (2022), o bloco foi fundado em 1961 por um grupo de jovens de Ramos, limítrofe a Olaria, começou como uma opção cultural da região norte da cidade. Seus componentes iniciais foram os irmãos “Bira” como são conhecidos Ubirany e Ubiracy e de Walter Tesourinha e Aymoré. No decorrer dos anos, se consolidou como um dos blocos carnavalescos mais populares e animados durante o período festivo, devido a sua musicalidade

e fantasia que alude a cultura indígena. Na década de 1970, o bloco de samba instaura sua sede em Olaria, na rua Uranos, uma das mais movimentadas, tanto de veículos quanto de pedestres, em razão sua concentração comercial. Seu espaço é composto por diversas referências materiais e imateriais à história do bloco, que vão desde uma estátua símbolo do Cacique de Ramos (Figura 2), fantasias, instrumentos e cânticos a homenagens a nomes importantes que ajudaram a construir a tradição do Cacique de Ramos como Bira seu fundador e a cantora Beth Carvalho, por exemplo. Informações estas preservadas e relatadas pelo próprio centro de memória do bloco.



Figura 2 - Indígena símbolo do Cacique de Ramos/ Foto de Gabriel Franco Borba

Ainda segundo o centro, a origem do nome remonta à influência da cultura indígena sobre seus fundadores, sendo seu símbolo em referência aos indígenas de pele vermelha dos Estados Unidos, popularizados no Brasil pelos filmes que retratavam o faroeste. Já sua fantasia é permeada pelo influxo de várias culturas originárias desses dois países, ao mesclar características tanto de bases históricas aos referenciais da cultura audiovisual e dos quadrinhos. Nesse local, realizou-se apresentação de shows de grupos que se tornaram famosos, como a própria Beth Carvalho que gravou o álbum “De Pé no Chão” em 1978, o Fundo de Quintal,

Xande de Pilares, Grupo Revelação, Dudu Nobre, entre outros artistas renomados do samba. Além desses mais conhecidos, o Cacique de Ramos também concede oportunidade para outros grupos de samba e pagode em ascensão, tendo costumeiramente atividades musicais aos domingos e uma feijoada especial (Figura 3) nos terceiros domingos do mês com grande presença de público. Considerado desde 2010 como Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro, o Cacique de Ramos representa um pouco da história do samba e do carnaval brasileiro.

Como Zaluar (1994) aponta, tanto os times de futebol quanto os blocos de samba adquiriram importância popular ao representarem suas localidades e transmitirem vida às suas respectivas localidades. Desse modo, o Cacique de Ramos faz parte da paisagem cultural de Olaria e redondezas, tendo destaque na vida cotidiana dos habitantes locais, já sua música faz parte da valorização da identidade e pertencimento comunitário. Como forma de preservar sua memória, o bloco carnavalesco opera em diferentes frentes de representação. Seus desfiles em períodos festivos e datas de encontro estabelecido pretendem tensionar harmonicamente momentos e nomes importantes do passado com o presente. Isso reflete num trabalho de manutenção e construção de uma história viva do grupo a partir de encontros e ensaios ao longo do ano que não se restringem apenas ao Carnaval e tem o poder de conectar a vizinhança como aponta Zaluar. Ademais, o Cacique de Ramos conserva sua memória através de um centro cultural próprio na sede ao exibir registros como fantasias, reportagens, instrumentos, entre outros.



Figura 3 - Feijoada no Cacique de Ramos / Foto de Gabriel Franco Borba

Além disso, ele possui um site de internet próprio, onde notícia e registra por meio de fotos, vídeos, entrevistas e reportagens dos eventos pelos quais aconteceram e se realizarão na própria sede do bloco e em outros lugares da cidade e mesmo fora do estado. Além do site, institucionalmente, está presente em redes sociais como o *Instagram*, onde também serve como plataforma de registro e atualização sobre atividades realizadas e futuras do Cacique de Ramos como forma de comunicação com seus adeptos. Já em relação aos admiradores do bloco e do bairro, existe também uma relação recíproca de valorização da cultural local ao se fazerem presentes em momentos festivos, ao fantasiar-se e cantar-se com os ritmos tradicionais de mais de 60 anos de história desenvolvidos. Quando Michel (2010) aborda a questão da política da memória, está-se a falar sobre um conjunto de ações e dispositivos perpetradas por atores públicos com o objetivo de produzir memórias comuns a uma dada sociedade. Nesse sentido, ao tratar sobre políticas de esquecimento, versa-se acerca de diferentes disposições determinadas pelo poder por determinado grupo.

No Cacique de Ramos busca-se confrontar com essa política de esquecimento e de apagamento que o samba e outros ritmos de influência africana tiveram no Brasil durante o século passado. O samba, como outras atividades culturais de matriz africana, era marginalizado em virtude de sua conexão com membros das camadas mais pobres e negros, tendo alguns dos seus praticantes se relacionavam com prostitutas, traficantes e ladrões, o que

reforçava essa relação com as regiões subalternas da cidade (JUNIOR, 2012). Vale ressaltar, segundo o autor, que a popularização do rádio e a vertente nacionalista varguista foram importantes ao processo de inserção da cultura de massa devido à política de internacionalização do país e do projeto desenvolvimentista a partir do século XX. Durante o período da ditadura militar, o samba foi alvo da censura, sendo suas apresentações e letras tolhidas pela disciplina autoritária, porém que resistiu frente ao posicionamento de artistas e escolas de samba.

Quando tratamos do impacto que a Covid-19 teve no Cacique de Ramos, seu efeito foi percebido de imediato a partir do começo da pandemia em 2020, já que impediu que fossem realizadas atividades costumeiras do grupo dentro e fora da sua sede, como a tradicional feijoada que seria realizada em 15 de março de acordo com o centro de memória do bloco antes citado. De acordo com centro de memória, as atividades do Cacique de Ramos foram suspensas até novembro de 2021, sendo esse período utilizado para ajudar no processo de vacinação dentro da sede entre abril e outubro do mesmo ano, tendo-se aplicado mais de 17 mil doses. Esse momento também resultou num projeto de dor memorial para o grupo, chamado “Impactos da pandemia de Covid-19 na diretoria do Cacique de Ramos”, onde foram realizadas entrevistas com os diretores acerca de suas memórias e impressões sobre os efeitos do período para eles e para os participantes. O arrefecimento dos danos da pandemia e as medidas de flexibilização possibilitaram a retomada das atividades parciais em novembro de 2021, momento este de grande alegria para seus integrantes que não puderam festejar durante 2021 e 2022, ao retomar totalmente em 2023.

O Cacique de Ramos, portanto, apresenta-se como agremiação musical permeada por diferentes influências e contribuições para a região de Olaria, da Zona Norte e do Rio de Janeiro em geral, ao carregar consigo a tradição do samba e alegrar o espírito dos moradores e turistas da cidade. É considerado um dos principais símbolos da Zona da Leopoldina por sua história de mais de 60 anos de existência, considerado como patrimônio cultural da cidade e continua a participar da memória de diferentes gerações de pessoas e a contar sobre a importância da múltipla cultura popular local.

Ademais, é preciso também compartilhar uma experiência de campo rica experienciada no Cacique de Ramos. No dia 20 de outubro de 2024, acompanhado de um familiar, pude visitar a escola de samba em uma de suas tradicionais atividades, a 131ª Feijoada do Cacique. O evento que se tornou de grande porte e reconhecido para além das fronteiras cariocas, atrai um público de outros estados, tendo neste caso a presença de visitantes especialmente de São Paulo que se

deslocaram até o local através de ônibus de turismo. A dinâmica do evento gastronômico e musical se configura da seguinte: a entrada para o local é gratuita, sendo na chegada uma averiguação de segurança individualizada; a pessoa pode consumir o carro-chefe, a feijoada completa, no local pelo valor de R\$ 35,00 e pode também alugar uma mesa por R\$ 25,00, valores de outubro de 2024, sendo disputada e reservada previamente, além de acompanhada do consumo de bebidas e de outros aperitivos. Informações estas obtidas na observação de campo realizada no dia.

O início do evento começou tradicionalmente às 13 horas, aos poucos, o público se aglutinava para acompanhar o evento que teve como participações musicais o grupo Prazer da Serrinha, a participação de Marquinho PQD, o Crescendo no Samba, além de outras participações. Foi perceptível notar como o público do Cacique era formado por pessoas de todas as idades, desde as mais jovens aos idosos, além da composição heterogênea de pessoas dos bairros próximos, mas também de mais distantes do Rio de Janeiro, mas também de outros estados. Toda a operação envolvida no local é profissionalizada com a presença audiovisual notória para registro em seu site, além da comercialização de produtos da escola na loja próxima a entrada. Por conseguinte, enquanto presente no local, algumas pessoas pediram para que fossem tiradas fotos delas com a representação do Cacique. A feijoada do Cacique e do bloco como um todo constituem um valor cultural e turístico notório, demonstrando como outras regiões do Rio de Janeiro para além da Zona Sul também podem ser palco de atrativos para os moradores e turistas.

Neste mesmo dia, pôde ser notada uma camisa percebida também em um dos jogos do Olaria, que era dividida em duas partes, uma referente ao Cacique de Ramos e a outra com as cores e símbolo do clube Olaria. A relação entre a diretoria do clube e a escola de samba se apresenta de forma positiva entre as duas instituições, se fortalecendo no ano de 2024, quando foram realizados dois eventos dentro do clube. A partir dessa parceria, o clube Olaria inseriu um objeto como se fosse o totem clássico do Cacique de Ramos, após as catracas da entrada, onde se anunciara essa segunda edição realizada no dia 12 de outubro. A primeira edição realizada no dia 17 de agosto foi celebrada por ambas as partes, tendo o próprio Cacique ressaltado a importância daquele evento para os moradores de Olaria, se tornando símbolo da importância cultural delas para essas pessoas ao longo de sua história.

Outro grupo de samba que se relaciona com o bairro e propriamente com o Clube Atlético Olaria é o Grêmio Recreativo Escola de Samba Independentes de Olaria fundado em 2017, tendo como cores azul e branco em homenagem. Em 2025, ele disputou a série prata,

equivalente a terceira divisão do carnaval carioca e sua sede se localiza na Rua Alfredo Barcelos, n.º 711.

Além disso, um dos espaços de maior prestígio gastronômico é o Bar da Portuguesa, localizado na rua Custódio Nunes entre Olaria e Ramos. Ele foi fundado em 1968 pela portuguesa Donzília Gomes e foi reconhecido em 2021 como pertencente ao Circuito dos Botequins³ concedido pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH). Neste recinto onde tradicionalmente se ofertam pratos relacionados à culinária portuguesa, foi frequentado por Alfredo da Rocha Vianna Filho, o Pixinguinha, um dos principais nomes do choro que morava perto do local. Vale dizer que foi inaugurado em 2016 uma estátua de bronze em sua homenagem ao lado do restaurante (Figura 4). Este é um bar tradicional, um dos símbolos da boemia na região, sendo frequentado por pessoas dos bairros próximos, mas também de outros lugares do Rio de Janeiro.



Figura 4- Estátua de Pixinguinha - Foto de Gabriel Franco Borba

³ O Circuito dos Botequins tem o objetivo de divulgar e informar as pessoas, os espaços tradicionais da boêmia carioca. Tem a tradição de colocar placas nos estabelecimentos.

Minha relação com o espaço se ateve a três momentos em que pude visitá-lo após ter assistido aos jogos do Olaria ocorridos às 10:45 nos finais de semana. Foi possível perceber que se trata de um local de características familiares, que conta com frequentadores habituais, sendo parte dessas, por pessoas da terceira idade moradoras da região. O bar tem uma decoração que remete a influência lusitana da região (Figura 5), quando os portugueses que vieram morar em Olaria e Ramos, na primeira metade do século XX. Sua culinária traz inspirações dessa tradição e da mistura do Brasil, ofertando petiscos e pratos feitos, atualmente funcionando de terça a sexta-feira das 17:00 às 23:00 e de sábado e domingo também no horário de almoço. A comida é feita com participação da própria portuguesa Dona Donzília que tem costume em certos momentos de se encontrar com novos clientes sobre a experiência no local e de encontrar antigos amigos, acontecimento percebido em visitas por lá.



Figura 5 - Bar da Portuguesa - Foto de Gabriel Franco Borba

Outro ponto a se destacar é com relação a decoração do espaço, que conta um ambiente tradicional dos bares antigos do Rio de Janeiro e claro com influência portuguesa a partir dos seus elementos e das cores verde e vermelha em seu entorno. Porém, algo que chamou a atenção foi que dentro do bar existe uma decoração repleta de camisas emolduradas de uniformes de clubes tradicionais da Série A do Campeonato Brasileiro como Vasco e Flamengo, mas também de clubes como Olaria, Bangu e América.

Vale dizer que após os jogos do Olaria, foi percebido que alguns torcedores olarienses trajados adentraram o espaço da portuguesa e outros passaram a pé pela rua Custódio Nunes

para retornarem às suas casas em Ramos e Bonsucesso. Os que lá adentram comentavam sobre o jogo com os amigos acompanhados das cervejas. Já outras pessoas costumavam a conversar sobre outros assuntos, inclusive sobre futebol dos chamados clubes mais populares. Assim, é interessante perceber como a cultura futebolística bem como musical se imbricam no bar, tendo o símbolo do Olaria presente na identidade da região.

Outrossim, relacionado ao mesmo Pixinguinha, existe próximo ao Bar da Portuguesa o “Reduto Pixinguinha”, que desde 2018 oficialmente se tornou por lei um importante local de preservação da cultura do choro no bairro, homenageando o célebre compositor que morou na região. Através do projeto de lei do deputado Andrezinho Ceciliano (PT) foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) em 2024 como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Rio De Janeiro em razão da importância aqui tratada. Esse espaço, localizado na Praça Figueira Ramos em Olaria, próximo onde o compositor morou, tem como principal grupo atuante o 100% Suburbano, além de outros convidados. A programação cultural acontece tradicionalmente aos terceiros domingos de cada mês no começo da tarde, atraindo moradores da região. O grupo 100% suburbano, surgido em 2011, atua em outros bairros da vizinhos como Bonsucesso, Penha e Brás de Pina, e tem como um dos seus objetivos a valorização da identidade e da memória do subúrbio através da música tradicionalmente conhecida na região como símbolo (BASE DE DADOS – CHORO PATRIMÔNIO, [s.d]).

Além dessa iniciativa segundo o portal sobre o choro, o grupo também realiza desde 2013 o “Trem do Choro” em homenagem à data do gênero musical em 23 de abril. O movimento parte da Central do Brasil através do ramal Saracuruna, onde cada vagão conta com nomes importantes para o gênero além de Pixinguinha, como Jacob do Bandolim, Cesar Faria, Chiquinha Gonzaga entre outros, chegando até a Praça Figueira Ramos. Esse é um evento que apesar de ser reconhecido pelos moradores locais, ainda é pouco repercutido pela mídia hegemônica, logrando mais espaço nos portais de mídia alternativa. Os lugares de memória tratados por Nora (1993) têm aqui seu processo de ressignificação pela população local que através da Praça Figueira Ramos desenvolve ações de fortalecimento dessa memória viva, tendo como alicerce a figura de Pixinguinha que morou próximo dali. O patrimônio imaterial que é o choro no Rio de Janeiro e particularmente nos subúrbios torna-se importante para o processo de desestigmatização da violência e da inexistência de incentivo cultural na região.

A região Leopoldina também foi conhecida por ser a “Cinelândia suburbana” devido aos inúmeros cinemas lá presentes. Nesse contexto, é importante relembrar a trajetória dos cinemas de rua na cidade do Rio de Janeiro, um dos símbolos característicos da agitação

carioca. Em razão do processo de urbanização e modernização do Brasil e da cidade, em particular pelas reformas de Pereira Passos, esses espaços se popularizaram no Rio de Janeiro, primeiramente na Praça Floriano, local atualmente conhecido como Cinelândia, devido aos diversos espaços do tipo circundados. Essa popularização e receptividade maior dos filmes oportunizou a abertura de novas salas em outras regiões da cidade além do centro. A partir da década de 1950, a presença extensa dos cinemas diminuiu e nos anos 80 existiu um desaparecimento mais intenso dando abertura para o surgimento dos *multiplex*, especialmente nos shoppings centers. Através desse contexto, Souza (2010) defende que os cinemas de rua devem ser entendidos como patrimônios culturais por se tratar de espaços de expressão artística, bem como possuem em sua estrutura valores urbanísticos históricos, paisagísticos e científicos.

Um dos mais célebres pode ser encontrado a partir do caso do Cine Olaria (Figura 6), tradicional cinema local do século XX que deixou de existir ao final do mesmo século. Foi aberto em 1920 com o nome de Santa Helena e localizava-se na rua Uranos como um espaço de projeção de grande capacidade pelos padrões da época, sendo uma opção de lazer importante para os moradores. Sendo próximo de lojas e espaços festivos aponta Jiménez (2020).



Figura 6 - Cine Olaria em 2023 / Foto de Gabriel Franco Borba

Vale ressaltar, segundo a autora que fez um estudo arquitetônico e urbanístico a respeito desse cinema, que foi considerado um dos principais da região Leopoldina e um ponto socialização que se expandia para outras atividades noturnas como o próprio Cacique de Ramos a partir da década de 60. Apesar do sucesso por um longo período, o Cinema Olaria encerrou suas atividades em 1997, sendo algumas das razões apontada pela autora o aumento dos índices

de violência, o crescimento da oferta de atividades recreativas como a televisão e o sucateamento do próprio cinema.

Em virtude de seu valor arquitetônico e historiográfico para o subúrbio carioca e a cidade do Rio, o espaço foi tombado em 2015 pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), tendo como missão preservar sua estrutura. Já em 2016, foi elaborado um projeto arquitetônico por uma empresa privada que buscava modificar sua estrutura, preservando a fachada para que fosse implementado no térreo um novo cinema e um prédio residencial. No entanto, ao passar pelo local não se percebe qualquer sinal da obra. Ao testemunhar, como pesquisador e entusiasta do cinema, percebe-se por meio de fotos registradas no local que o local se encontra como abandonado sem qualquer indício de preservação ou revitalização desse lugar de memória para o bairro.

Além do Cine Olaria, próximo a ele existia também o Cine Oriente, aberto em 1920 na rua Dr. Alfredo Barcelos, que primeiramente exibia filmes e mais tarde, a partir de 1944 também apresentações de teatro, posteriormente conhecido como Cine Teatro Oriente. Sua importância para a região à época era possível ser notada através de inúmeras celebridades e espetáculos famosos ocorridos. Sua estrutura arquitetônica, aponta Lima (2020), tem influências do neoclassicismo, do *Art Nouveau* e da *Beaux Arts* ao buscar características simétricas com elementos da natureza como plantas e animais além de gradis e volutas de ferro. Todavia, suas atividades se encerraram na década de 1960 e atualmente se encontra em condições precárias de preservação, sem nenhum decreto de tombamento, mesmo com sua relevância memorial para o subúrbio carioca. Nesse sentido, Lima busca revitalizar a estrutura a partir de um projeto arquitetônico que contenha um novo espaço cultural de espetáculos agregado a um café cultural dentro do local.

A decadência desses cinemas em Olaria, está vinculada ao sucateamento da operação Além do surgimento *multiplexs* localizados nas regiões mais nobres da cidade do Rio de Janeiro e da popularização dos cinemas multiplex dentro de shoppings, espaços mais seguros e mais bem climatizados (JÍMENEZ, 2020). Essa situação que fez com que os cinemas de rua de outras regiões do Rio deixassem de existir, dando espaço por exemplo as igrejas evangélicas se instaurarem.

Para Caiafa e Ferraz (2012) o encerramento dos cinemas da região Leopoldina foi em paralelo ao sucateamento da ferrovia e do empobrecimento da população local. A partir de relatos com alguns moradores da região, as pesquisadoras obtiveram relatos que se

direcionaram a uma maior segurança e comodidade dos *multiplex*, porém com menos interação pessoal com o espaço, voltando-se mais para a lógica do consumo do mercado. Dentro desse aspecto dos antigos cinemas de Olaria e da Leopoldina como um todo, o vice-presidente do Olaria Pedro Vital diz que:

O bairro de Olaria tinha 3 cinemas, um era o cinema Santa Helena, que que depois mudou para o nome para Cinema Olaria, fica ali perto da estação, está fechado, né. O outro era o Cinema Leopoldina que depois virou uma casa de show e hoje é uma igreja, né e outra era o Cinema São Geraldo ali, só que o cinema São Geraldo é aquele cinema que chamavam de “poeirinha” aquilo tudo, né. O pessoal até brinca né “Não é cria de Olaria, quem, quando na adolescência não foi lá ver um filme Pornô no Cinema São Geraldo e aquele cinema aí entrou para a história do Olaria...entrou para a história da Olaria na medida em que ali no cinema São Geraldo, ali já foi também uma sede do Olaria onde era o Cinema São Geraldo mas aquilo o que parecia que basicamente.

A partir desse relato é interessante de destacar como dentro do próprio subúrbio existia uma cena cultural de cinemas. Esses locais eram assim formadores de personalidades e de lazer dos espectadores que ali frequentaram os diferentes estilos da região. Por algum tempo, esses espaços foram fonte de entretenimento para os moradores da região até seus encerramentos, assim não era necessário que se deslocassem para os cinemas do Centro ou da Zona Sul, referências no meio para esse tipo de lazer. Ao retornar para a declaração, nota-se como também os cinemas pornográficos faziam parte da construção de caráter da juventude e adultos olarienses, tornando-se pontos de sociabilidades para homens e mulheres. Vale lembrar que aquilo que Nora (1993) chamou de “lugares de memória” sendo espaços históricos construídos socialmente capazes de serem lembrados e esquecidos pelo coletivo na formação de identidades. Através desse aspecto é possível compreender que aqueles espectadores que frequentaram os cinemas de Olaria sentem saudades desse tradicional local de memória como espaço significativo em suas vidas.

Atualmente, esses antigos espaços se tornaram estruturas abandonadas ou se transformaram em outras finalidades. Em Olaria, como em outros bairros onde existiram estes tipos de estabelecimentos de lazer, a memória se resguarda especialmente entre aqueles moradores mais antigos que vivenciaram a época de atividade desses espaços. Nesse sentido, através do trabalho de campo foi perceptível como eles não possuem qualquer referência material pública relacionada à importância cultural que detiveram, como placas, por exemplo. Nesses casos, a memória sobre eles é perpassada de maneira oral para seus descendentes, mostrando como o bairro possuía uma dinâmica social que desenvolvia afetos entre os moradores.

3 OLARIA ATLÉTICO CLUBE

3.1 História do clube

O Olaria Atlético Clube, foi fundado originalmente em 1915 com o nome de Olaria Futebol Clube depois se transformou no nome atual. Sendo sua sede e campo localizados no mesmo espaço na rua Filomena Nunes, onde se tornou uma das importantes opções esportivas e de lazer locais. Sua criação foi realizada por um grupo de rapazes de subúrbio que praticavam futebol no bairro, fato incomum, pois naquela época o futebol ainda era dominado pelas elites da zona sul, o que ajudou a quebrar junto de outros clubes o paradigma social. O nome dos principais fundadores foram Alfredo de Oliveira, Agostinho Rodrigues dos Santos, Carolino Martins Arantes, Sylzed José de Sant'Anna, Elmano Jofre, Hermogênio Floriano de Vasconcellos, Manoel Gonçalves Boaventura, Isaac de Oliveira e Jaci de Oliveira (NASCIMENTO, 2016). Segundo o mesmo autor, para que o clube se organizasse, esses nomes pediram contribuições de outras personalidades da região para a compra dos materiais esportivos destinados à prática do futebol. Sendo a primeira pessoa a contribuir com um valor significativo Noêmia Nunes, filha de Custódio Nunes. A primeira diretoria do clube se constituiu a partir dos próprios fundadores, com Hermogênio na presidência, o vice sendo Agostinho, o diretor de futebol Carolino e Isaac como tesoureiro.

Segundo Melo (2021), essas pessoas faziam parte de um extrato médio da sociedade da época, formado por funcionários da esfera pública e privada. Ademais, o empreendimento esportivo logo recebeu apoio de outras figuras conhecidas na região como o próprio Custódio Nunes, um dos donos do Matadouro da Penha, Magno da Silva, um dos proprietários do jornal “A Semana” e Antonio Roma, escrivão da prefeitura. Tendo recebido atenção de alguns veículos da imprensa que valorizaram as iniciativas desse novo clube para o bairro e região suburbana, alguns desses jornalistas que estabeleceram relações próximas com a instituição. A partir disso, o mesmo autor expõe que essa ligação com esses meios, bem como da origem de seus fundadores e sócios, tinha como objetivo construir uma imagem positiva e desenvolvimentista para a comunidade, sendo um espaço tanto para o lazer quanto de socialização. Vale destacar que o contexto da época era marcado pelas normas de etiqueta em ambientes públicos e privados inclusive dentro dos clubes esportivos. Nesse sentido, o vice-presidente administrativo Pedro Vital acerca desse aspecto ressalta:

A para o sócio bater bola terá que vestir isso, colarinho (chama atenção).
Tinha que ter até colarinho, isso estava nas regras, isso já refletia aquele

glamour que vinha lá do...do...do Charles Miller, aquele pessoal que trouxe o futebol para cá, tem que ter toda aquela cena que hoje com o tempo, tempo, isso foi acabando, né, mas se é para ser glamoroso, o glamour não é uma coisa que vai ser só da elite, nós vamos também fazer, pelo menos é o que a gente entende pelo que a gente pesquisou é isso. Nós vamos colocar isso aqui também, né “Você tem que ter colarinho, pô, praticar o futebol com o colarinho”, mas estava lá nos nossos estatutos, né e havia a gente vê muito o bairrismo nessa época aí também.

Esse trecho é rico pois, a partir dele podemos entender como a fundação dos clubes na época detinham uma imbricada conexão com as origens bretãs, bem como nelas se incorporavam as práticas esportivas e sociais de seus associados e atletas uma necessidade de aura fidalga. Nesse sentido, vale lembrar que a origem do futebol brasileiro esteve ligada com o intercâmbio esportivo das elites com os países europeus, especialmente a Inglaterra no século XIX (GOMES, 2019). Nela, os primeiros praticantes e clubes incorporaram regras, materiais e terminologias utilizadas para o território nacional. Os brasileiros, desde seu início foram espaços limitados para tomada de decisões por parte de seus torcedores, apenas uma fração do extrato social era permitida praticar.

Apenas na transição para o século XX, existe um movimento de inserção de jogadores das classes trabalhadoras no seio do futebol, uma demonstração da sua popularização nas outras camadas. Durante as primeiras décadas do futebol no Rio de Janeiro, os clubes detinham uma forte conexão com seus bairros de origem. Instituições do início do século como Fluminense, Flamengo Botafogo e América representavam o domínio das elites da Zona Sul frente a outras regiões destaca Gomes. Tendo a discussão sobre amadorismo e profissionalismo o futebol inculcado nesse bojo da época.

A partir desse contexto das duas primeiras décadas do século, Olaria Atlético Clube, incorporou em seu início o espírito aristocrático da prática esportiva da época, porém diferentemente desses tinha sua origem na Zona Norte, numa região que passava por uma transformação urbana e populacional diferente. Segundo Pedro Vital:

É no início do século 20, né as elites, ainda queriam continuar se apropriando do futebol, né e o surgimento de clubes de subúrbio não deixava de ser assim, é um fura bolha dessas elites. O Bonsucesso já existia, né, o objetivo Bonsucesso é um pouco mais antigo que o Olaria, ele é de 1913, né. O objetivo aí era duplo, e você pode ver isso nas origens dos clubes, né. Esses clubes de um modo geral, Olaria em especial é quando foram fundados, eles tinham um duplo objetivo. Na verdade, Olaria tinha 3. Eu vou dizer qual era, qual era o terceiro. O primeiro era a prática do futebol. O segundo era fundar um clube que ostentasse o nome do bairro, então vai ter que se chamar Olaria, o bairro de Olaria e o terceiro era enfrentar o Bonsucesso que já existia ali, né. Então vamos duelar com o Bonsucesso, né que foi o primeiro nosso grande rival histórico hoje é mais vizinho amigo, mas lá nesse tempo, era o rival, né?

Então foi esse o objetivo, né a prática do futebol, a criação de um clube que ostentasse o nome, porque já existia um clube de futebol aqui tá, tinha um clube aqui chamado Japonês, que depois até o Olaria jogou contra ele.

É interessante perceber como o futebol, inicialmente ligado apenas para as elites, se disseminou então para outras regiões da cidade bem como resto do Brasil. O Olaria surge assim, como um clube circunscrito num contexto de proliferação esportiva bem como da constituição de grupos e instituições civis sob a égide da nova república. Simões (2023) aponta que muitas dessas instituições surgiram como associações civis com o intuito de oferecer através de sua sede social um espaço de lazer e de socialização para seus membros. Ao passo que elas foram se tornando “produtoras de espetáculo” a partir de 1930 com a profissionalização e comercialização de ingressos, o futebol gradualmente passou a ser o carro-chefe para a chegada dos novos associados. Porém, diferentemente Flamengo, Botafogo e Vasco, o Olaria surgiu a partir da prática do futebol e posteriormente incorporou outros esportes, ao contrário desses citados.

Por outro lado, outro aspecto importante a esse contexto da década de 1910 relacionado as razões para sua fundação, foi a de ostentar o nome do bairro, ao visar o aprofundamento das raízes locais, tal qual outros clubes da cidade. Essa constituição, como relatado nas primeiras décadas, possuía um forte caráter local a esses clubes e seus torcedores, porém com o tempo, com a popularização do futebol, do desenvolvimento da cidade e do país, alguns clubes expandiram suas fronteiras clubísticas para fora dos limites do bairro de surgimento.

O segundo motivo é fecundo dizer para sua criação foi o estabelecer rivalidades clubísticas com outras localidades próximas, dentre elas com Bonsucesso. A afirmação do nome do bairro portanto marcou a história do clube, tendo auxiliado a instituição a se fortalecer e a ganhar popularidade entre os moradores. Através da perspectiva de Damo (2008) que cunhou o conceito de “pertencimento clubístico” para designar a identidade coletiva dos torcedores por um clube. Podemos entender que o Olaria ajudou a fortalecer os laços de integração e orgulho com o bairro com os passos seguintes que viria a dar juntamente com seus torcedores.

Em maio de 1920, o Olaria se transformou enquanto instituição, em suas finalidades esportivas e sociais, ao deixar de ser apenas voltado ao futebol para ser um clube poliesportivo, ou seja, alargando suas atividades do ramo. Um dos seus primeiros movimentos de impacto social foi em sua atuação a partir do porto de Maria Angu. Segundo Melo (2021) o Olaria foi um dos pioneiros na prática dos esportes náuticos nos subúrbios do Rio de Janeiro, sendo o remo um exemplo dessa diversificação. No primeiro festival, além do remo, houve a

competição de natação, saltos aquáticos e de atividades recreativas, sendo repercutido pela imprensa.

A partir de então segundo o mesmo autor, com essas atividades, o clube não apenas conseguiu atrair novos associados, mas também se tornou benquisto por parte da imprensa, que entendia sua vinculação a esses esportes tradicionalmente ligados às elites como iniciativas positivas para a educação dos jovens dos subúrbios. Essas atividades, em determinados momentos eram permitidas para não-associados, um plano da instituição para angariar prestígio nas camadas sociais e de constituir uma identidade local própria.

Nota-se que existia um preconceito daquela época com essas novas regiões em desenvolvimento por parte da imprensa e alta sociedade fluminense. Ademais, segundo o Melo (2021), foram feitos aperfeiçoamentos na estrutura das práticas esportivas náuticas por parte do clube. Também foi feita uma aliança com o Iate clube de Ramos em 1923 e buscou melhorias urbanas nos bairros da Leopoldina, como estradas e ruas, a fim de facilitar o acesso às praias por parte dessa população crescente.

Ao longo dos anos seguintes, o Olaria Atlético Clube se tornou um polo auxiliar a outros grupos esportivos que não possuíam estrutura e materiais apropriados. Um dos grupos a utilizar sua sede como prática foi o Grupo de Escoteiros Olavo Bilac a partir de 1923, tendo o escotismo já na sua época sua atividade ligada aos valores patrióticos e de educação da juventude. Segundo o autor citado o maior benefício do envolvimento do clube com o escotismo, foi torná-lo mais conhecido na região bem como reforçá-lo como símbolo do desenvolvimento local. Durante esse período do escotismo náutico os jovens praticantes participavam e organizavam competições com outros grupos, o que prolongou o interesse dos sócios pelos esportes náuticos.

Vale dizer que o porto de Maria Angu, segundo Albernaz (2019), também era um importante local de redistribuição de alimentos provenientes de Irajá e Inhaúma até as regiões do Centro e da Ilha do Governador, além de ter sido um ponto de distribuição de uma fábrica de curtimento de couro da Penha entre 1920 e 1980. O porto também foi utilizado como destino para aqueles que se deslocavam para a festa da Igreja da Penha. Porém, em decorrência do processo de aterramento iniciado durante a década de 1940, com o objetivo da construção da Avenida Brasil, os bairros de Ramos e Olaria perdem seu contato com o mar. A iniciativa da edificação do Piscinão de Ramos em 2001, como forma de valorizar e reconectar a região aos tempos pretéritos, tornou-se de um lado positiva como entretenimento, por outro é um caso notório de apagamento da memória segundo Albernaz.

Nesse sentido, até hoje essa tradição histórica com essas atividades pretéritas do clube é valorizada por parte dos associados mais antigos e daqueles mais conhecedores da história da instituição. Como lembra o Vice-Presidente administrativo Pedro Vital acerca dos esportes praticados:

Então nós tivemos o basquete tá, o Olaria foi forte no basquete. Com a inauguração do parque aquático, a natação. Olaria foi muito forte no ciclismo no final dos anos 50, o Olaria foi campeão carioca de ciclismo, teve grande ciclismo tanto no masculino como no feminino. Naquela época, não sei exatamente como era a categorização do ciclismo, né, mas havia o feminino masculino como tem até hoje né, agora não sei exatamente, mas o Olaria foi campeão. Teve o judô, né. A condição de passar de futebol clube pra Atlético clube, né ocasionaria também a mudança no escudo do Olaria e que olha não é por torcer para o Olaria, mas é um dos um dos escudos mais bonitos de clube de futebol.

No decorrer do tempo, o Olaria passou por diversas transformações em sua estrutura, como a mudança de cores do preto e branco para o atual azul e branco, do escudo de losango para o atual, da sua mudança de estádio para o atual Estádio Mourão Vieira Filho (NASCIMENTO, 2016). Um dos acontecimentos mais importantes para o clube e seus torcedores foi a inauguração do seu estádio em 6 de Abril de 1947, conhecido popularmente como Estádio da Bariri (Figura 7), que passou a ser símbolo dessa fase de modernização do clube. Durante as primeiras décadas até a construção do estádio, o clube não possuía um campo físico.

De acordo com o mesmo autor, o Olaria até então disputava seus jogos de futebol no terreno da casa de um dos seus fundadores, no atual espaço onde existe a Igreja São Geraldo, sempre jogando nas ruas do bairro. O primeiro desafio encontrado para a construção de um estádio próprio foi a questão financeira para a compra do terreno, já que o clube detinha um valor bem abaixo do necessitado, isso no final da década de 1920. Em razão dessa limitação orçamentária, três sócios, incluindo o Presidente de Honra, completaram financeiramente o montante restante para compra do local, na rua Cândido Silva, atual Bariri. Durante os anos seguintes o Olaria jogou em um campo no espaço, mas demorou-se anos para que a construção de fato fosse iniciada. Sendo custeada exclusivamente pelos torcedores, sem qualquer participação do poder público salienta Nascimento.

Vale dizer que sua edificação foi uma exigência da federação da época para que o Olaria pudesse retornar a primeira divisão carioca. É interessante destacar ainda que o início das obras teve a presença do padre da Igreja de São Geraldo de Olaria, que abençoou aquela terra, uma prática que naquele tempo era comum, vide a participação do Monsenhor Francisco Bastos para

o Morumbi. Naquele momento esteve presente o presidente do clube à época e um dos fundadores, o Sylzed José de Santana no dia de 23 de abril de 1944.

Outrossim, um dos orgulhos dos torcedores olarienses até hoje lembrado foi a presença de um dos maiores jogadores do futebol brasileiro e mundial, o Garrincha. Ele foi bicampeão da Copa do Mundo nas edições de 1958 e 1962, sendo reconhecido como um dos melhores dribladores de sua época e a figura mais icônica do clube Botafogo, onde se tornou reconhecido. Em decorrência de questões extracampo e pelas lesões, sua carreira enquanto atleta foi abreviada, porém sua última participação profissional foi com a camisa do Olaria. Nele disputou ao todo 12 jogos no ano de 1972, sendo sua estreia no Maracanã contra o Flamengo e o seu último contra o clube que ficara reconhecido, o Botafogo, durante o Campeonato Carioca. A memória da presença do Garrincha na história do clube está refletida em uma das paredes da entrada, onde aparece em várias fotos em preto e branco e em cores com o uniforme do Olaria. Segundo Pedro Vital, ao ser perguntado sobre sua importância:

Tem ex-jogadores né você falou do Garrincha, o goleiro que jogou com o Garrincha naquele time o Beto é nosso conselheiro hoje aqui, deve estar aí hoje, porque toda sexta-feira ele tá lá, ele joga pelada joga o baralho dele e sobre o Garrincha né pô, o Garrincha, ele, ele, ele ficou pouco tempo no Olaria, mas foi o suficiente para escrever na história do Olaria, né a passagem de um monstro sagrado do futebol mundial. Eu sempre costumo dizer, poxa, qual o clube que pode de falar isso? Aqui o Romário começou e aqui o Garrincha terminou. Pode falar outro jogador, me fala alguns assim equivalentes a esses um que tenha começado e outro que tenha terminado. Vão ser poucos os clubes que vão poder falar isso né um que começa, o outro que terminou né.

Ademais, forjou sua veia popular com outras medidas, como a adesão à campanha de vacinação de Varíola em sua sede em 1925 (MELO, 2021). Além da mais recente parceria com a Prefeitura em seu estádio, com um posto de vacinação em 2021 contra a Covid-19, ajudando a salvar a vida dos moradores da região (VENTURA, 2021), entre outras memórias marcantes que poderíamos citar.



Figura 7 - Estádio da Rua Bariri durante o A2 Carioca em 2024 / Foto de Gabriel Franco Borba

O Olaria construiu uma rica história, colecionando títulos como por exemplo a segunda divisão da AMEA em 1931, o Torneio Início em 1960 e o seu maior êxito, a Taça de Bronze em 1981. Além desses títulos, o mais importante foi que contribuiu para edificar memórias em seus torcedores ao construir laços de solidariedade e de pertencimento não apenas com o clube, mas com o bairro como todo. O estádio, a sede e o polo aquático são tombados pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o que corrobora com a importância memorial coletiva desse patrimônio desportivo para os torcedores e moradores de Olaria. É, portanto, um patrimônio desportivo constituído tanto por aspectos materiais como imateriais a partir de edifícios e arenas desportivas, representações, arquivos audiovisuais, documentos, equipamentos e relatos orais do esporte que expressam as práticas e sentimentos esportivos (BROMBERGER, 2021).

Através dessa perspectiva, compreende-se a importância de valorização das experiências esportivas também como catalisadora para a fomentação de políticas públicas que protegem essas práticas. A área da piscina inclusive é uma estrutura importante para os associados, na medida em que se trata de um dos poucos locais que dispõem dessa estrutura no bairro. Ao todo são quatro de diferentes tamanhos, que atendem os públicos infantis e adultos. Durante a estação do verão de 2024, o seu horário de utilização foi ampliado até a noite, o que ajudou a refrescar os usuários. Ademais, a piscina tem a função de propiciar a prática esportiva da natação dentro do clube, bem como de receber competições municipais e estaduais que atraem outros clubes como Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense, quando foi possível visualizar presencialmente tais eventos. O clube também possui um ginásio e outros dois

campos de futebol *society*, prática popular nas cidades brasileiras, jogados em grama sintética, onde as categorias de base o praticam. Serve também como espaço de uso para associados e convidados. Ademais, possui uma loja que vende diversos produtos relacionados ao Olaria em frente à área da secretaria. Sendo este, um espaço requisitado especialmente em dias de jogos, antes e após, quando o fluxo de consumidores aumenta consideravelmente.

Por fim, conta com uma academia e um bar. Vale ressaltar que essas estruturas compartilham o mesmo espaço de circulação daqueles que vão exclusivamente aos jogos, sendo necessário passar pelo mesmo para acessar as arquibancadas. A título de conexão entre essas duas formas de uso, o bar, nos dias com partidas de futebol enquanto estive presente, era requisitado pelos torcedores, principalmente no intervalo para discutir o andamento do jogo. Ao mesmo tempo, em menor número, outras pessoas que não tinham relação direta com o futebol compartilhavam o espaço. Fora dessas datas, o perfil mudava, por exemplo, pessoas que ficavam sozinhas ou junto de amigos bebendo cerveja, ou homens da terceira idade jogando dominó. Assim, percebe-se o clube como equipamento de socialização, reforçando a identidade do bairro, de autoestima e do futebol como centro na dinâmica local.

Durante o período de disputa da segunda divisão carioca, tive a oportunidade de observar a participação do clube durante o torneio de 2023, que visou a disputa para a uma vaga na primeira divisão do campeonato estadual. Esse período de observação fez parte do processo de construção da pesquisa e que auxiliou no trabalho de disciplina sobre memória e patrimônio do mestrado. Em primeiro lugar, notou-se que a galeria de inúmeros troféus e medalhas obtidos pelo clube se preserva dentro da sede social do clube. Além disso existe também referência à presença do “rei do futebol” no estádio da rua Bariri e da participação do lendário jogador Garrincha no Olaria como seu último clube. O tradicional Olaria, com uma história de mais de 100 anos de existência, possui uma relação íntima com o bairro de mesmo nome, sendo parte integrante da vida dos moradores como o primeiro time e o segundo time ao lado dos ditos “4 grandes do Rio”.

Durante a presença nos jogos em casa, pude perceber que a formação do público de torcedores que foram ao estádio assistir as partidas era constituído pela forte presença familiar, com avôs e seus netos, pais e filhos, mas também com a participação de jovens adultos. Nesse sentido, vale ressaltar que pela troca de conversas e familiaridade uns com os outros, a massa de torcedores era de moradores locais ligados com o clube, sendo poucos os curiosos “estrangeiros” no recinto. Diferentemente de outros mais populares do Rio de Janeiro como Flamengo e Vasco, onde o nível de impessoalidade é maior, no Olaria existe um processo de

aproximação entre as pessoas que se fazem presentes periodicamente. De acordo com o então vice-presidente, Pedro Vital acerca do perfil da torcida:

[...] é um clube de família, porque isso vem até pela tradição, as famílias que se perpetuam aqui não em termos de poder, mas em termos de presença, né dentro do clube, em termos de quadro social, né e nós temos aqui as associações.

Até mesmo por parte dos jogadores, existe um avizinhamento das sociabilidades com os torcedores, que podem ser vistos entrando no seu recinto de trabalho, o gramado, por dentro do espaço social e serem abordados pelos torcedores e familiares dos atletas. Isto foi percebido em vários jogos momentos antes de seu início, tanto dentro de casa quanto fora, quando os atletas se preparam para adentrarem no ônibus em confrontos disputados no período vespertino.

Nesse aspecto relacionado à torcida, durante a fase de observação, constatei na grande maioria dos jogos, a presença de uma mulher na arquibancada da Bariri bem como nos jogos fora de casa. Em uma dessas partidas contra o São Cristóvão válido pela Copa Rio, ela estava presente no setor visitante junto do seu marido. De maneira educada, pedi o seu contato a fim de uma possível entrevista com ela numa outra data oportuna. Quando fui realizar a entrevista, na primeira resposta acerca da sua trajetória com o Olaria, com surpresa percebi que ela não se tratava de uma torcedora típica do clube, mas sim uma mãe de jogadora do elenco. Por essa razão, tive de adaptar algumas perguntas a serem feitas a partir da ótica dessa interlocutora. Nesse sentido, pude compreender melhor a perspectiva de uma familiar de atleta acerca de alguns temas relacionados ao futebol e da relação de seu filho com o Olaria. Por outro lado, em alguns dos jogos, já pude avistar a presença de pessoas não-brasileiras na arquibancada, inclusive em um desses dias, dois escoceses conversavam em inglês com um brasileiro que explicava a respeito do clube para eles.

Apesar do insucesso nas finais da série A2 Carioca em 2023 e 2024, o Olaria e seus torcedores celebraram a campanha naquela edição e esperam que no próximo ano o time possa retornar a elite do estado de novo. Em termos desportivos, mesmo com insucessos como rebaixamentos estaduais, maus desempenhos nacionais, risco de extinção e perda de relevância estadual frente aos seus principais concorrentes (Flamengo, Botafogo, Fluminense e Vasco), o Olaria consegue se manter como um clube tradicional da cidade e reconhecido pelos moradores do bairro. Dentro desse aspecto, sua memória pôde ser contada com a participação de torcedores do clube como o pesquisador da história do futebol Pedro Paulo Vital do Nascimento, professor de história da rede estadual do Rio de Janeiro e que já ocupou diferentes cargos dentro do clube e consagrado como Grande Benemérito, tendo escrito livros a respeito como “A Volta ao Mundo

em 30 Jogos” (2016), “Olaria: Histórias de um Centenário” (2023) e o mais recente “O pecado de ser grande: o time do Olaria de 1971” (2024). Pedro Vital inclusive relata na sua apresentação que sua relação com o Olaria Atlético Clube advém de uma ancestralidade futebolística cultivada pelo seu pai, Waldyr Vital do Nascimento e o avôs Manoel Vital Nascimento e Manoel José Lisboa, todos envolvidos administrativamente com a agremiação. Outro nome que escreveu sobre o clube foi o jornalista Marcelo Paes em “Olaria: a conquista da Taça de Bronze” (2021) que reconta toda a trajetória do maior título nacional, considerada a terceira divisão brasileira.

No primeiro livro citado de Pedro, reconta-se na medida do possível as informações a respeito do *tour* futebolístico internacional em países da Europa, tendo enfrentado alguns times grandes ainda relevantes atualmente como o Chelsea e o West Ham da Inglaterra, o Atlético de Madri da Espanha e o Galatasaray da Turquia, por exemplo. Devido à limitação financeira e de estrutura jornalística da época, não foi possível o acompanhamento mais detalhado sobre determinados jogos, o que não impediu que essa história fosse celebrada e recontada com orgulho em livro décadas depois pelos torcedores olarienses. Já em “Histórias de um Centenário”, Pedro reconta a partir de documentos, conversas com jogadores e torcedores, além de testemunhos do próprio autor acerca de curiosidades, jogadores, jogos e momentos marcantes do Olaria durante esse período. Nele relata-se acerca do surgimento, sobre a estreia do irmão de Zico no Olaria, da estreia de Romário no clube, do dia em que Pelé vestiu a camisa do time carioca, sobre Garrincha jogador do Olaria, entre outras curiosas memórias. Por fim, no mais recente de suas publicações, “O pecado de ser grande: o time do Olaria de 1971”, o autor destrincha a campanha histórica daquele ano, tendo atingido a terceira colocação do Campeonato Carioca.

Além das publicações em livros por torcedores, existe também a iniciativa da chamada “Web Rádio Olaria”, fundada em 2010 por um grupo de amigos torcedores que desejavam saber mais sobre o cotidiano do clube, constituindo a rádio que transmite e interage com os ouvintes via internet. Desde então, sua popularidade tem crescido entre torcedores, bem como aparecido em reportagens em outras emissoras devido ao seu trabalho pioneiro na crônica esportiva. Período de nascedouro do grupo onde Pedro Vital participou por algum tempo do quadro “Pedro Paulo Rasga a Mídia” de cunho humorístico e de debate acerca dos assuntos relacionados ao Olaria, como forma de resposta ao esquecimento da grande imprensa. A inspiração para o nome adveio do programa do apresentador da TV Tupi nos anos 1970 que tinha o costume de quebrar discos que considerava ruins. Após o encerramento da colaboração com a rádio anos depois,

ele criou o blog de mesmo nome e que continua em produção que aborda principalmente política, mas também mistura outros temas como o Olaria, futebol, cultura, história entre outros assuntos.

Apesar da tamanha paixão envolvida pelos torcedores olarienses e pelos moradores locais, o clube enfrenta problemas financeiros oriundos de más gestões e dívidas trabalhistas passadas que colocam a instituição e sua estrutura em alguns impasses sobre seu futuro. Um dos problemas mais urgentes é com relação a execução de um processo trabalhista, tendo a justiça pedido a penhora do Estádio da Rua Bariri para que o clube possa pagar o passivo. Sob esse contexto neoliberal agressivo pelo qual Harvey (2014) analisa, compreende-se que novas formas de relações econômicas e sociais atuam na formação de uma sociedade controlada cada vez mais pelo capital. Nesse sentido, a disputa pela manutenção da memória material e imaterial do Olaria Atlético Clube se perpetua mesmo com dificuldades administrativas e uma nova dinâmica neoliberal que acentua as diferenças entre clubes e a relação de torcedores. Segundo o mesmo Pedro Vital, ao comentar sobre o motivo para escrever livros e em seu blog a respeito do Olaria:

Olaria não tem mídia espontânea isso já faz com que o Olaria não tenha memória. Se nós não cuidarmos da nossa memória, não vai ser a mídia corporativa que vai cuidar, por quê daqui a 50 anos, quem for abrir o Globo, o Extra, O Dia, qualquer desses jornais for procurar alguma coisa sobre o Olaria não vai ter, antigamente ainda tinha, hoje não tem mais. Então quem é que tem que fazer? Somos nós mesmo temos que fazer isso né. Já chegaram a me perguntar até quando eu estava lá no Flamengo. Perguntaram quais são as grandes dificuldades para a preservação da memória do Olaria? Uma delas é a falta de mídia espontânea.

Diferentemente dos considerados grandes do Rio de Janeiro, o Olaria não gera o mesmo interesse pela mídia de massa. Apenas em momentos excepcionais como a disputa na Copa do Brasil ou mesmo sobre histórias e notícias pitorescas digamos assim, é que clubes de bairro ou clubes fora da capital recebem atenção da imprensa hegemônica.

Por outro lado, é possível perceber tendo acompanhado os jogos do Olaria a presença de pessoas relacionadas historicamente com a instituição, que fizeram parte no passado como membros da diretoria e continuam a frequentar suas dependências. Ademais, existe também o fato de ex-jogadores do clube e até mesmo outros que não jogaram, mas que frequentam o espaço social e assistem os jogos oficiais, foi o que disse o vice-presidente Pedro Vital. De acordo com ele, sobre o relacionamento com os ex-atletas:

É quanto aos ex-jogadores né aqueles que a gente consegue trazer para cá, que a gente ainda tem contato né se você for ver no Instagram, inclusive

do Olaria, a gente tem trazido muitos ex-jogadores né. Eu acho que o ponto alto de tudo. Foi quando a atual administração do presidente Lenivaldo passou a conhecer agora nós demos para eles o título de os campeões da taça de bronze que o Olaria foi campeão brasileiro da série c, a primeira série c do Brasil foi em 81 e o Olaria ganhou e não foi fácil ganhar aquele campeonato né. Mais de 40 anos depois, nós demos o título de sócios honorários para eles. Eles vêm aqui e frequentam o clube, se reúnem aqui de vez em quando jogam pelada, agora são sócios do clube. O Afonsinho vem aqui, nós temos é o relacionamento agora mais estreito com o Washington, que está com 96 anos de idade que foi um dos jogadores é o único último sobrevivente único não é que da excursão de 54 da volta ao mundo Washington, Washington Ribeiro, Washington foi o maior artilheiro da história do Olaria, né é enfim a gente sempre tem dentro, agora com alguns nós perdemos o contato, nós fazemos um trabalho para encontrá-los, não é.

Em um dos jogos do Olaria durante a pesquisa, ex-jogador Afonsinho, que jogou pelo clube estava assistindo ao jogo e pôde tirar fotos com os torcedores que o reconheciam. Outra figura marcante como também do futebol carioca e nacional que circula nas dependências do clube é a de Joel Santana. Ele foi criado no bairro próximo ao estádio, teve sua formação na juventude no Olaria como também no profissional, tendo com maior destaque sua passagem pelo Vasco enquanto atleta. Já na sua fase de treinador, teve diferentes experiências nos quatro clubes mais populares do Rio de Janeiro, onde conquistou campeonatos cariocas. Em razão de seu sucesso à frente deles, assim como seu carisma com os torcedores, ganhou o apelido de “Papai Joel”. Assim, não é incomum vê-lo a visitar a sede do Olaria ou mesmo a falar sobre a importância que a instituição teve para sua vida, na medida em que foi lá que teve seus primeiros passos. Dessa forma, as sociabilidades torcedoras no Olaria acabam que conectam diferentes gerações de torcedores, jogadores e moradores ao extravasar assim os limites do campo de jogo para fora dele em seus cotidianos.

3.2 O processo político dentro do clube

Acerca da questão política do clube vivida durante o período da pesquisa, algumas ponderações merecem ser colocadas. A gestão que administrou sob a presidência do senhor Lenivaldo Gomes da Silva, assumiu após o falecimento do antigo mandatário, vítima da Covid-19 em 2020, o senhor Augusto Pinto Monteiro, conhecido pelos torcedores olarienses como “Pintinho”. Ele administrou o clube em duas passagens, de 1995-2007 e 2013-2020, prolongando-se através de várias eleições vencidas, sendo uma figura carismática e a que por maior tempo presidiu. Sua trajetória política dentro do Olaria, segundo informações da própria instituição, iniciou-se em 1976, na gestão do presidente Jomeri Calomeny, quando foi diretor. Além disso, Pintinho ocupou diferentes cargos ao longo da sua trajetória como vice-presidente

infanto-juvenil de futebol e segundo vice-presidente administrativo. Em razão do seu falecimento, o então presidente durante a pesquisa, o senhor Lenivaldo assumiu de forma provisória o comando no início de 2021, tendo vencido a eleição definitiva em dezembro deste ano para o triênio 2022-2024.

Lenivaldo, advogado de formação, é conselheiro desde 1995, tendo tornado benemérito em 2018. Além disso, como trajetória prévia dentro do clube, foi diretor do departamento jurídico entre 1995 e 2007 e depois de 2013 a 2017 e já foi presidente da assembleia geral. Ao assumir o cargo mais importante, Lenivaldo, em entrevista ao blog “Pedro Paulo Rasga a Mídia” do vice-presidente Pedro Vital, disse que as prioridades seriam regularizar a folha de pagamento, a parte financeira, atrair de volta antigos associados e realizar eventos para a comunidade olariense. Na mesma conversa, abordou-se acerca da questão financeira da gestão. De acordo com ele, bem como de outras conversas tidas com torcedores olarienses, a questão das dívidas é antiga. Segundo a Procuradoria Geral do Ministério da Fazenda é de R\$ 5.665.165,38 no final de 2024. Nesse sentido, todo o dinheiro da premiação pela disputa da Copa do Brasil foi penhorado para a quitação das pendências trabalhistas, surgidas há 20 anos atrás e que segundo ele não tinha relação com a sua gestão.

Assim, foi falado pelos torcedores nas arquibancadas durante os primeiros jogos do Olaria na segunda divisão carioca em 2024, principalmente quando vivia uma má fase com três derrotas seguidas. Alguns deles inclusive, se perguntaram para onde foi a premiação de 740 mil reais da Confederação Brasileira de Futebol ao Olaria pela participação na competição nacional em razão dos resultados daquele momento. Mediante isso, o vice-presidente administrativo, em seu blog pessoal, explicitou em março o destino desse valor aos ex-funcionários, bem como ressaltou a dívida ainda maior que o clube possui pendente. Em razão proximidade da eleição dentro do clube, a gestão do presidente Lenivaldo lançou em 27 de outubro a “Chapa Azul – Olaria Renovado”, que contou com a presença de associados e ex-funcionários adeptos e tinha como lema “continuar para consolidar”. Uma chapa de reeleição que tinha como um dos principais pressupostos a questão da gestão sobre as dívidas do clube, bem como do progresso esportivo do futebol masculino, tendo subido da terceira para segunda divisão carioca e seguidamente ter quase alcançado na primeira. Além desse objetivo, dentro das propostas esportivas, a Chapa Azul prometia seguir com o apoio às diferentes modalidades, dentre elas o futebol feminino. Ademais, o desejo em vincular-se ao Comitê Brasileiro de Clubes, associação esportiva que auxilia na promoção de diferentes recursos para as agremiações vinculadas.

Com relação às propostas administrativas, a Chapa Azul, como primeiro ponto, prometeu a elaboração de um planejamento de cargos e salários para os funcionários, ressaltando o estabelecimento de parcerias com instituições de educação. Como segunda proposta, a criação de um portal de transparência com o intuito de trazer mais transparência às contas do clube, além de criar um canal de ouvidoria para com os associados. Por sua vez, pretendia-se a expansão no número de sócios. Dentro das propostas para a social, uma delas prometia um programa de relacionamento com os sócios beneméritos através da realização de atividades culturais e sociais. Além disso, um projeto de iluminação e arborização na área da piscina que propiciasse o seu uso durante o período noturno. Outrossim, uma outra proposta consoante era a criação do projeto “Olaria 60+” que tinha como objetivo integrar os sócios dessa faixa etária com diferentes atividades.

Dentro das propostas de responsabilidade social, a Chapa Azul apresentou a criação de um ciclo de palestras dentro do auditório em colaboração com instituições da região da Leopoldina de diferentes áreas como saúde e educação. Ademais, sugeriu a elaboração de um calendário de campanhas de sustentabilidade, bem como sugeriu afiliar-se ao Conselho de Direitos da Criança e Adolescente. Além disso, se comprometeu em incorporar a visão do Olaria Verde, para realizar um plano de arborização nas áreas internas e externas do clube. Por fim a essa sessão, executar uma campanha permanente referente a doação de órgãos e de sangue com a ampliação dos convênios presente da área da saúde.

Ademais sobre o que o clube melhorou administrativamente, nas palavras do vice-presidente Pedro Vital:

Olaria está captando muitos sócios, porque o Olaria melhorou muito nessa parte, tirando o futebol né. O Olaria melhorou muito nessa parte social na...na parte recreativa, obras de um modo geral. O Olaria remodelou totalmente auditório dele né, o salão social está todo remodelado. Agora nós estamos partindo para o ginásio. Então Olaria tem melhorado muito essa parte tanto é que o Olaria se não tiver o futebol, o clube está cheio.

Segundo ele em entrevista acerca da gestão durante o período da covid-19:

O Olaria promoveu uma anistia pra sócio que durou bastante tempo, porque muitos perderam emprego, perderam renda e não podiam pagar mensalidade, na ocasião o Olaria decretou uma anistia para sócio inadimplente né de 6 meses de duração (inaudível...) pagar aquilo tudo, né.

Já no lado da oposição, projetou-se uma chapa dissidente do presidente Lenivaldo, chamada de “Chapa Branca – União Olariense”, sob a liderança de um ex-vice-presidente da gestão do Lenivaldo, André Luis Santos Freire, mais conhecido como André Batata. Vale

destacar, que dentro da política partidária, o termo “chapa branca”, possui normalmente uma ligação com situação de governo ou não opositora. André Batata aliás, já pertenceu a diretoria de Lenivaldo, mas posteriormente deixou-a para se candidatar como adversário político em decorrência de certas discordâncias em sua gestão. Ademais, a escolha pela cor branca justifica-se, pois é um dos tons do clube, ao fazer assim, alteridade ao azul do então grupo de situação.

No Instagram, mencionou-se quatro propostas para sua presidência: modernização das infraestruturas; ambiente familiar e acolhedor; inclusão social e transparência e eventos e atividades diversificadas. No primeiro ponto abordado acerca dos equipamentos, mencionou-se uma série de construções e, sobretudo, de revitalizações, em espaços como na piscina, no ginásio esportivo e em espaços ociosos como geradores de receitas para o clube. No ponto do ambiente familiar, apontam-se mudanças no período de uso da piscina, na reforma da churrasqueira e do parquinho, tendo como foco a atração de novos sócios e a qualidade de uso. No quarto ponto, acerca dos eventos, estava a questão da diversificação dessas atividades culturais para um público amplo, bem dos campeonatos esportivos. Todavia, o ponto mais chamativo na durante a atividade de pesquisa, está no ponto referente ao ponto da transparência da gestão.

De acordo com informações tidas através do Instagram da Chapa Azul, os critérios para estar apto a votar nas eleições são as seguintes: a pessoa deve ser sócio titular do clube há pelo menos 1 ano, sem permissão de voto para dependentes desse plano, por exemplo, familiares. Além disso, ela deve ser maior de 18 anos, ter regularizado seu pagamento e é proibido votar por meio de procuração, sendo obrigatório o comparecimento presencial à sede do clube. Para votar, é necessário apresentar uma carteira social ou documento com foto. Após a identificação, o sócio recebe um envelope do presidente da assembleia para depositar sua cédula na urna.

Por coincidência, estive presente na inauguração da Chapa Branca no dia 2 de novembro de 2024, pois havia marcado uma entrevista com um dos interlocutores da pesquisa. Ao aguardar o entrevistado, foi possível perceber uma movimentação acima do padrão dentro do clube (Figura 8). Na realidade, naquele sábado era a inauguração desse grupo para as eleições, fato este que não era sabido antes da pesquisa, mas que passou a ser um ponto a ser destacado dentro dela. Durante a presença naquele momento, percebeu-se que a maioria das pessoas que estavam presentes ali, com exceção dos usuários da piscina, trajavam camisas regatas com alusão a “chapa branca”.



Figura 8 - Lançamento da Chapa Branca e aniversário do candidato opositor - Foto de Gabriel Franco Borba

As pessoas se concentraram na área próxima ao bar, em frente à entrada principal da arquibancada. Vale lembrar que esse acesso se dá no caminho da área social ao estádio, sendo uma característica singular do Olaria em comparação a outros clubes, que se caracterizam pela separação desses dois espaços, segundo o vice-presidente administrativo. Assim, era um evento que tinha como público os sócios, em especial para aqueles que acreditavam na Chapa Branca e que era acompanhado de churrasco e com uma diversidade musical que misturava desde samba ao pop-rock. Sobre esse aspecto eleitoral, foi questionado o entrevistado Bruno Feijão, um dos conselheiros do clube, a respeito dessa questão:

Bom o que eu posso te dizer é que depois do falecimento do Augusto Pinto Monteiro, na época da COVID. Houve que o vice ter que assumir o clube e o vice, por motivos pessoais, não quis optar e aí foi para a assembleia geral, o Lenivaldo assumiu a gestão do Olaria e assumiu de forma boa né. Não podemos também falar mal da gestão dele. Ele fez um mandato tampão, muito bom e agora chega a época da eleição, né. Ele fez o mandato de tampão de 1 ano, depois fez mais mandato, foi eleito, não teve chapa concorrente, ele foi eleito né e aí durante esses 3 anos, a ideia inicial, eu como conselheiro acompanhei as reuniões. A ideia dele era passar o bastão só que as pessoas mudam de opinião e a gente tem que respeitar. Ele optou e está voltando a se manter como presidente e quer continuar como presidente. Então aí daí surge uma divergência entre o atual vice-presidente, que é o André Batata, e o André Batata como vice esperava o apoio dele para ele assumir a presidência.

Através disso, vale ressaltar que mesmo dentro desses clubes locais tradicionais, existem divergências políticas. Nesse caso, a discordância decorreria da expectativa de assumir a

presidência pelo André Batata em substituição ao presidente Lenivaldo. Em entrevista ao blog “Pedro Paulo Rasga a Mídia” do vice-presidente administrativo Pedro Vital em 4 de Janeiro de 2021, o então presidente provisório Lenivaldo ao ser perguntado se disputaria a eleição em dezembro do mesmo ano, afirmou que não, já que não se considerava uma figura política. Porém, mudou de ideia, se candidatou e venceu o pleito para o biênio 2022-2024.

Após a realização da entrevista com Bruno Feijão, foi possível ouvir o discurso de eleição do candidato André Batata. Nele, ressaltaram-se questões relativas ao pagamento dos associados inadimplentes, que somente entrariam no clube aqueles com situação regularizada. Ademais, informou que apenas os regularizados poderiam votar na eleição em dezembro. Porém, o tópico que mais chamou a atenção foi com relação à transparência das contas frente aos associados. Em sua perspectiva, a gestão do Lenivaldo deveria trazer mais transparência em relação as finanças. Além disso, reforçou sua honestidade e paciência para resolver qualquer tipo de dúvida sobre sua hipotética gestão.

Um dos pontos ausentes nas propostas de ambos os candidatos, mas que em 2024 se tornou célebre na Série A até mesmo dentro dos clubes de divisões de menor investimento, trata-se da transformação em Sociedades Anônimas do Futebol, as SAF. Objeto este, extensamente trabalhado por Simões (2023), que abordou os processos de transformação dos clubes em empresas e a formação da rede multi-clubes. Debate este que dentro do Olaria é alvo de polêmica entre torcedores, entre aqueles que apoiam e outros que discordam. Nos últimos dois anos, clubes de divisões inferiores e de estados fora do eixo sudeste, começaram a experimentar de forma mais intensa esse processo, tornando-se uma prática comum. Em São Paulo, casos como da Ferroviária de Araraquara, a Portuguesa, Novorizontino de Novo Horizonte. No Estado do Rio de Janeiro o Boa Vista de Saquarema se tornou em 2024. Na região Nordeste, o Bahia e o América de Natal são alguns dos exemplos de clubes com já se tornado SAF e outros em processo em processo de transformação.

Assim, o torcedor do Olaria (Bruno Feijão) ao ser indagado sobre o que deveria mudar:

Olha, hoje o clube, ele existe, tem uma dívida grande com a receita. Existe algumas situações de pouca informação sobre essa dívida e penso e entendo como administrador que sou, penso que essa dívida, ela tinha que ser um pouco mais transparente para todo o conselho administrativo do Olaria para que a gente tenha esse entendimento de qual é a dívida real do clube hoje. É uma dívida que a gente sabe que é impagável. Mas de quanto? Como que se pode se depreciando? Como que se pode negociar essa dívida? Eu acho que se faz necessário tanto de um ou de outro que for eleito ou reeleito. Uma maior transparência perante pelo menos ao conselho. Aos conselheiros, às pessoas que organizam a esse clube, eu acho que daí o clube tendo essa transparência,

ele com certeza vai gerar mais credibilidade para todos que aqui frequentam, principalmente para os seus conselheiros.

Diante de tudo o que foi exposto nas duas chapas, tiveram como propostas semelhantes um planejamento de reformas dentro da sede social visando o bem-estar dos associados e seus familiares. No que tange a isso, obras de caráter estrutural, bem como no aprimoramento da integração desses associados às diferentes atividades do clube se tornam importantes no processo de ampliação do número de sócios provenientes do bairro de Olaria e adjacências. Ambas as chapas também possuem a visão de que o Olaria tem capacidade de subir para a primeira divisão do campeonato estadual, mas não explicitam o que de diferente é possível fazer. Como já dito, o que mais foi chamou a atenção em uma das entrevistas é a questão da transparência maior perante os associados, ponto este criticado pela chapa dissidente e valorizado pela governante. Dentre os quais, a relação da Ric's Estrela, administradora do futebol com o clube.

A eleição do clube foi realizada no dia 11 de dezembro de 2024, com horário de funcionamento das 12 às 19 horas na própria sede social e esportiva. O vencedor dessa campanha foi a chapa “União Olariense – todos por todos” liderada pelo candidato André Batata, que recebeu o resultado no turno da noite após o encerramento do período de votação com uma diferença de 55 votos a favor. Em decorrência do resultado de vitória, ocorreu uma celebração entre os favoráveis da chapa no lado de fora do clube, com direito a fogos de artifício e abraços em vídeo e comentários de parabenização publicados no *Instagram*. Sua gestão adquiriu assim um mandato de 2025 a 2027.

Em um dos jogos finais do Olaria em casa, notou-se a presença de uma faixa da torcida organizada agradecendo o apoio da gestão do presidente Lenivaldo, com ele estando presente no estádio. Ademais, também foi percebido durante o lançamento da chapa do candidato André Batata uma faixa característica da torcida estendida em cima das imediações da confraternização. Já com relação ao envolvimento da Web Rádio Jovem Olaria com o pleito, não se encontrou qualquer tipo de informação a relacionada no seu site nem na sua conta do *Instagram*.

Segundo o conselheiro Bruno Feijão, ex-integrante da TJO e membro da rádio disse que:

É eu inicialmente eu não estive presente no primeiro jogo da copa Rio, onde eu soube dessa faixa que a torcida apoiava o presidente atual. É, conversei com alguns membros e os principais cabeças, eles diretamente não estão apoiando nem A nem B, né e eu acho que esse é o intuito inicial, é não apoiar, não direcionar, nem A nem B, porque uma torcida organizada ela tem que se fazer neutra. Agora, o membro dela, ela pode sim ter a opção de definir

A ou B. Essa é a minha orientação porque eu passei para os diretores, agora, como que eles estão administrando isso, né, por exemplo, a web rádio ela não vai se manifestar de qual lado vai estar. A gente espera que a eleição seja uma eleição limpa, justa e que vença o melhor, né. Agora eu, Bruno Soares, como pessoa física, eu vou opinar de um lado ou de outro, né, mas eu penso que as instituições, né podemos chamar assim TJO, Web Rádio Olaria, ela não tem que se posicionar. Ela tem que deixar as coisas acontecerem e parabenizar o vencedor.

A partir dessa declaração podemos abordar alguns aspectos sobre o papel que essas organizações relacionadas ao clube como a TJO e a Web Rádio Jovem Olaria detiveram durante o pleito eleitoral. Nesse sentido, compreendeu-se que o seu envolvimento político por determinado candidato esteve mais relacionado com as escolhas individuais dos integrantes do que com uma diretriz única para um dos lados de cada chapa. Nesse sentido, em muitos clubes populares, a participação das torcidas organizadas no apoio e desagravo de determinados candidatos pode estar relacionado às negociações políticas de troca envolvendo a diretoria e a torcida, seja através de apoio econômico e material seja através de indicações. Pois, as torcidas organizadas galgaram uma importância no que tange à pressão esportiva e política dos clubes, a depender da situação do momento, seja ela favorável ou negativa. Em momentos de crise, especialmente esportiva, no Brasil as organizadas se acostumaram a serem recebidas pela diretoria dos clubes, ora de forma impositiva ora de maneira cordial. Particularmente, no caso do Olaria, percebeu-se que a nível simbólico, ao acompanhar as redes sociais e as páginas das organizações, que o envolvimento ou informativos relacionados à eleição foi limitado.

Sobre a TJO como a única organizada presente no ano de 2024, parabenizou a eleição vencida pelo candidato André Batata da chapa de oposição, demonstrando assim um canal de abertura da torcida com o novo presidente empossado, mesmo tendo apoiado publicamente durante um dos últimos jogos da gestão Lenivaldo, por meio de uma faixa de agradecimento. Esse reconhecimento à diretoria do clube se justifica, pois ela ajudou nos custos de transporte da torcida e na distribuição de ingressos para seus membros a fim de facilitar a maior presença dos membros nos jogos. É válido dizer assim que, a cooperação entre a organizada e a diretoria vigente se calca a partir de um processo contínuo de relacionamento, a partir do apoio político de seus integrantes e dos benefícios concedidos a torcida.

Após a eleição da nova gestão, às 21:30 horas do dia 20 de fevereiro em 2025 o Olaria voltou a disputar a Copa do Brasil, desta vez contra o ABC Futebol Clube do Rio Grande do Norte, válido pela primeira fase da competição. Em razão do Estádio da Bariri não deter refletores, o jogo foi disputado em Bangu, no Estádio Moça Bonita. Sua escolha também foi motivada pelo valor de aluguel ser menor que o Luso-Brasileiro, na Ilha do Governador, mesmo

que mais próximo de Olaria. Essa transferência de local da Bariri para outro espaço desgostou parte dos torcedores que queriam que fosse em casa. Tal como o jogo de 2024, contra o São Bernardo, tinha uma grande importância financeira para o clube, no que tange a quitação de dívidas. Mesmo com o horário e local ruim para os torcedores olarienses, o público pagante foi de 603 pessoas, inclusive com presença dos adeptos adversários.

O resultado de jogo foi de 1 a 0 para o Olaria, com gol de Wesley Manga aos 33 minutos do primeiro tempo. Em virtude dessa vitória histórica que valeu pela primeira vez um avanço para a segunda fase do torneio, o clima de alegria se disseminou entre jogadores e aficionados, o que se fez repetir a célebre frase “faz o pix CBF” como premiação pelo feito. Sendo a Confederação Brasileira de Futebol, a CBF, organizadora da competição. O dinheiro acumulado com esse resultado foi de R\$1.830.000, sendo 1 milhão de reais pela vitória e R\$830 mil pela conquista da vaga no torneio. Porém, o dinheiro não pôde ser recebido em sua integralidade, pois o clube detinha uma dívida de R\$ 5.665.165,38. Na fase seguinte, o Olaria disputou contra o Brusque de Santa Catarina, desta vez no Luso-Brasileiro no dia 6 de março, onde perdeu por 2 a 1. Mesmo com o insucesso da partida, a campanha histórica foi comemorada tanto por aqueles presentes no estádio quanto por aqueles que deixaram mensagens no *Instagram* do clube, que felicitaram e pediram para que finalmente subisse para a elite estadual, sua principal missão esportiva.

3.3 A influência das *bets*

A discussão sobre as *bets*, ou apostas online no Brasil, se tornou nos últimos anos um tema corriqueiro na área dos esportes em geral, tendo seu impacto refletido entre outros assuntos nos altos valores publicitários gerados por elas aos clubes e campeonatos disputados, como o “Brasileirão Betano 2024”. Essa nova modalidade de apostas veio a substituir a preferência do público pela tradicional Loteria Esportiva, mantida pela Caixa Econômica Federal desde 1970. Assim, partir de um sistema mais interativo ao usuário, com a expectativa de retorno financeiro maior, aliado a um ambiente jurídico incerto no país, as *bets* se popularizaram em diferentes faixas de etárias e de renda. Dificilmente alguém escapa em seu cotidiano por elas, seja apostador de fato ou não, pois suas propagandas se alastraram nas diferentes mídias e formas de consumo de entretenimento como televisão, redes sociais e plataforma de vídeos por exemplo. Todavia, elas geraram um alto custo social a uma parcela das famílias brasileiras que são acometidas por entes que passaram a se viciar e endividar com

esses palpites. Nesse novo cenário, parece que o jogo mais importante é o online, não mais o espaço dentro de campo. Desse modo, não importa necessariamente o envolvimento afetivo com o clube ou campeonato, mas sim a falsa expectativa financeiro. Basta apenas entender as estatísticas a fim de maximizar as *odds*, ou seja, a probabilidade de um evento acontecer.

Dentro do campo de pesquisa, tendo acompanhado jogos com a torcida na Bariri, bem como junto das caravanas, percebeu-se que essa questão das apostas esportivas é uma temática recorrente em conversas escutadas. Esses diálogos versaram acerca de diferentes campeonatos e times de futebol nacionais e internacionais, inclusive do próprio Olaria. Pode-se escutar frases como “apostei 0 a 0 no Olaria no primeiro tempo”, que faltava determinado número de escanteios para que o palpite fosse correto e que estava a faltar apenas uma vitória simples do Olaria. Tudo isso, imbricado com a conectividade dos aplicativos de placar e dos sites de aposta que ofertam a possibilidade de assistir os jogos ao vivo.

Além disso, esse hábito também foi percebido em jogos do Olaria a partir da presença in loco de influenciadores dessas plataformas que estiveram no clube para fazer propaganda dessas casas e comentar os principais lances do jogo. Em determinado dia, o Olaria enfrentou o Zinzane Futebol Clube, válido pelo Campeonato Carioca A2, sendo três jovens do sexo masculino que realizaram a propaganda para a casa de apostas. Nela, um deles gravava e outros dois interagiam no vídeo proferindo uma das frases ditas “tá vendo esse *green* aí” se referindo ao campo de futebol *society* dentro do clube e depois faziam alusão as *odds* dos jogos do dia na casa de apostas.

Para os clubes de futebol, essa questão das apostas esportivas é um assunto importante e urgente. Um dos acontecimentos que mais chamaram atenção nos últimos anos sobre esse assunto, envolvendo jogadores, foi com a operação “Penalidade Máxima” iniciada no ano de 2022 pelo Ministério Público de Goiás. A investigação tinha como objetivo investigar casos de manipulação de resultados envolvendo jogadores e intermediários em jogos do Campeonato Brasileiro das séries A e B, bem como também de alguns estaduais. Essa situação demonstra que até mesmo a elite nacional pode ser impactada frente às manipulações e apostas esportivas. Nesse sentido, o futebol praticado nas divisões inferiores, especialmente nos campeonatos estaduais, tende a ser mais suscetível às influências e aliciamentos de jogadores e árbitros, tendo em vista alguns motivos, dentre eles a questão da menor visibilidade desses torneios e da facilidade de interação com os envolvidos. Perante isso, segundo Pedro Vital ao ser perguntado sobre como percebe essa questão das apostas esportivas, relata:

Olha só é uma praga. Qualquer negócio de aposta é praga. Qual foi o primeiro alerta que tive sobre esse negócio de *bets* né. Sites clandestinos já existiam, sites clandestinos de aposta sempre existiu. Eu comecei a ligar um alerta dentro de mim quando pessoas que nunca foram ligadas no futebol queriam saber “pô, quanto foi o jogo? Vem cá, quem é melhor, Atlético ou Internacional” que não entende nada, não conhece, não acompanha nada, não é do ramo, mas porque que eles estavam querendo saber?

De acordo com os dados analisados pela consultoria PWC (2024) sobre 2023, o maior público percentualmente está no intervalo de pessoas entre 18 e 30 anos com 54%, sendo a maioria (58%) representados por homens do total de apostadores. A região que mais recebeu apostas proporcionalmente foi o Sudeste com 48% e a menor o Norte com 7%. Com relação à maior representatividade entre as classes sociais, a maior incidência atinge 45% a classe C e 40% as classes C e E. Outrossim, destacar que a própria consultoria explicita uma diferença geracional entre o público apostador das *bets* e da Loteria Federal, sendo o primeiro mais jovem e o segundo formado por pessoas, acima de 55 anos. Ela ainda indica que com a regulamentação das *bets* no Brasil, haverá um cenário de crescimento em valores unitários e com isso impactos em diferentes segmentos da sociedade. Dentre os maiores impactos está a questão da substituição em gastos de entretenimento relacionados aos esportes, cultura e lazer bem como da limitação dos gastos do cotidiano.

Diante desse cenário que impacta a economia e a cultura brasileira, mas também mundial, o mesmo dirigente aponta:

[...] Tem que ter algum tipo de limitação, tem que ter um acompanhamento do CPF do apostador. Alguma coisa nesse sentido, uma tributação, uma tributação até pesada. Eu sou a favor de tudo isso, só não pode tributar é pesadamente, alimento, saúde, remédio, isso daí não pode. O jogo é uma ilusão, o jogo é feito para quem banca. Eu nunca vi um banqueiro, quem vai a falência é o jogador. Aquele que promove a aposta não. Infelizmente isso chegou no futebol a ponto de no primeiro tempo vai sair 2 jogos, 2 gols. No segundo tempo vai sair um gol só. Gente, não é só o placar, então, infelizmente.

A partir disso, nota-se como a questão das apostas esportivas no futebol transformou em novos patamares a mercantilização do prazer, se alastrando e afetando diversas camadas econômicas da sociedade, em especial, das mais baixas. Ela assim, possui um componente viciante que atinge, sobretudo os mais jovens, mesmo dentre aqueles menores de 18 anos, em teoria impedidos de praticarem tal ato. Esse relato expõe ainda que pessoas que até então tinham pouco ou nenhum contato com o futebol começaram a se interessar mais, não pelo jogo em si, mas pelos placares e estatísticas em torno dessa modalidade. Como apontado por Elias e Dunning (1992), o componente das apostas teve uma certa relevância na sociedade inglesa na

forma regulamentação das disputas dos jogos, bem como do prazer relacionado a esses momentos. Nesse sentido, elas contribuíram no processo civilizador em transformar determinadas práticas tradicionais intransigentes em atividades esportivas controladas bem como mais justas e éticas. Atualmente, a preocupação com a lisura dos jogos se tornou constante dentro dos jogos, tanto pelas *bets* que não querem que seu sistema seja descredibilizado quanto pelas entidades organizadoras.

Desde que elas aportaram legalmente no país em 2018 a partir da Lei 13.756/2018 autorizando provisoriamente, se pediu a regulamentação da atividade num prazo de dois anos prorrogáveis por igual período. Seu ambiente jurídico era de limbo, até entrar em vigor de fato em 2025 com a Lei 14.790/2023. Essa normatização visava entre os principais benefícios prestar maior segurança aos consumidores bem como servir de combate à lavagem de dinheiro, além de possuir um componente arrecadatório ao país, já que antes o dinheiro não ficava no Brasil, indo para o exterior. Porém, é preciso de tempo para perceber se essas medidas são efetivas de fato ou se apenas postergam os problemas.

4. TORCIDA JOVEM OLARIA

Nesse capítulo, será abordada a parte empírica e analítica com relação à torcida organizada do Olaria durante a pesquisa. Assim, é necessário contextualizar antes de que forma esses grupos torcedores se originaram e se estruturaram até a chegada do objeto investigado.

4.1 Origem e formação da torcida

De acordo com Toledo (1996), as torcidas organizadas se consolidaram ao final da década de 1960 e se construíram como organizações burocratizadas de apoio ao clube. Ainda diz que elas cresceram em diversos níveis, tanto em quantidade, poder e visibilidade, constituindo um estilo de vida próprio, tendo como base hierarquias, padrões estéticos de marca e comportamentos específicos de torcer. A partir dessa colocação, entende-se que elas desempenham uma função importante dentro dos jogos de futebol, apoiando seus clubes antes, durante e após os jogos. Diferentemente da torcida comum, que possui uma característica mais passiva, as organizadas desempenham um papel mais ativo.

Dentre algumas das mais conhecidas no país estão a Mancha Verde do Palmeiras, a Raça Rubro-Negra do Flamengo, a Força Jovem do Vasco e a Gaviões da Fiel do Corinthians. Além delas, existem outros grupos organizados também presentes nos clubes de proporções menores, que desempenham formas de sociabilidade em certo sentido semelhantes e por vezes diferentes desses últimos. Nesse sentido, existe um outro futebol para além dos clubes mais populares do país, sendo na realidade a maioria da prática profissional formada por essas instituições esportivas localizadas nas diferentes divisões nacionais e estaduais do país.

Dentre elas, a TJO se estabelece como um coletivo de torcedores que buscam a visibilidade do futebol periférico e de um estilo torcedor menos elitizado percebido em outros lugares. Cabe também informar que existiram outras torcidas dentro do Olaria, porém sem a mesma hierarquização, quantidade e durabilidade que a TJO tem. A organizada ainda se divide em departamentos e hierarquias como presidente, vice-presidente, diretor de patrimônio, de bateria e de marketing, por exemplo. Dentre algumas delas, como conta Nascimento (2016), registram-se na história do clube no final da década de 1940 dois agrupamentos, um formado por taxistas chamado de “Terceiro Time” e outro formado por uma associação chamada de Oriente, por sócios. Na década de 1950, ficou famosa a história do índio Egídio Queiroz, que coordenava a torcida e que acabou se tornando mascote do clube. Posteriormente surgiram outras iniciativas como a “Turma da Pipoca”, “Turma da Bateria”, “Fiel”, “Império Olariense”

e “Bravura Azul”. Todavia, por motivos não explicitados, elas deixaram de existir, tendo alguns de seus membros migrado ao longo do tempo para outros grupos.

O surgimento da TJO, segundo um dos seus fundadores em entrevista, deu-se a partir da insatisfação pessoal com o comportamento habitual de parte da arquibancada, que torcia em favor dos clubes mais populares como Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense durante os anos de 1996 e 1997. Tal grupo incluía até mesmo parte dos associados que também tinham esse tipo de vínculo afetivo. Durante as partidas ele relatou que, quando acontecia gol dessas equipes, parte da arquibancada do setor do Olaria comemorava o feito, o que não seria tolerado pelos demais torcedores se fosse o contrário. Tendo sido criado em sua juventude no Olaria, desenvolveu uma conexão desde cedo com a instituição. Em razão desse incômodo latente, ele, juntamente com outros amigos que moravam próximos à rua Bariri, criaram a TJO em 1998, com o intuito de fortalecer uma cultura torcedora orgânica.

Assim, com o crescimento da torcida de apoio exclusivo ao clube, novos adeptos chegaram a se unir à causa pensada e a tentar mitigar os efeitos desse processo de filiação. Nesse sentido, segundo ele, “hoje não se comemora mais gols dos grandes na social[...]”. O que é possível dizer a partir dessa afirmação é que durante a pesquisa não foram observadas camisas das agremiações mais populares na arquibancada, fenômeno este mais normalizado naquela época. Todavia, atualmente essa relação é percebida de outras formas, sendo o caso da visita do então vice-presidente de futebol do Flamengo Marcos Braz, que visitou a Bariri no jogo contra o Araruama pelo Carioca A2 e nesse dia tirou várias fotos com torcedores do Olaria.

Com isso, percebe-se que mesmo entre os clubes “locais”, de “menor investimento” ou “menos populares”, existe a formação torcidas organizadas, sobretudo entre aquelas oriundas através de um nascedouro orgânico. Dentro deles, segundo Campos e Toledo (2013), a bifiliação clubística é um fenômeno comum, sendo um fato relativizado nessas torcidas de um modo geral. Por outro lado, nos clubes “grandes” isso é considerado uma conduta reprovável, uma espécie de “traição”. Todavia, destacam que essa manifestação é enfrentada de diferentes formas entre os torcedores, podendo ser negociados e enfrentados com base no regionalismo, familismo, representação política e do comprometimento local. No Olaria, a partir das atividades e idas a campo nos dias com jogos e sem jogos no bairro, esse fenômeno é encarado de variadas maneiras entre as pessoas vinculadas ao clube.

A partir das observações de campo e das entrevistas realizadas, percebeu-se que uma quantidade expressiva dos torcedores comuns, especialmente os mais jovens, apoiam também

outras agremiações mais populares da capital do Rio de Janeiro. Ademais, outra realidade reconhecido dentro desse último grupo é a presença dos uniformes europeus como, por exemplo, Borussia Dortmund, Real Madrid e Paris Saint-Germain. Dentro desse aspecto, o Olaria tem um aviso em frente a sua secretaria, um alerta proibindo a presença no recinto dessas vestimentas, sejam nacionais ou internacionais. De forma geral torcedores e associados adentram o clube com diferentes camisas alusivas ao Olaria a partir das camisas do futebol ou com cores azul e branca. Fora do espaço, nas redondezas, percebeu-se, sobretudo, em dias sem jogos uma prevalência de mantos vascaínos e em segundo lugar flamenguistas. Essa percepção tem como uma das hipóteses da pesquisa, a própria ascendência portuguesa do bairro, a proximidade com o Vasco e relação de amizade entre as instituições. Tendo não sido produzido dados quantitativos a esse respeito, apenas uma impressão a partir de conversas trocadas com os torcedores do Olaria.

4.2 Composição e comportamento da torcida

Com relação à forma pela qual os membros aderem à TJO, é possível perceber a existência de algumas razões, dentre as quais a que mais se destacou na pesquisa foram as relações de amizade e de convencimento entre pessoas pertencentes à torcida e aqueles que não tinham ligações com ela até então. De acordo com um dos entrevistados, sua inserção na organizada se originou a partir da ligação próxima com um amigo que o convidou, de forma surpresa, para uma confraternização da organizada dentro do clube. A partir desse momento desenvolveram-se laços duradouros com outros membros desde 2006, se tornando uma figura reconhecida pelos seus pares em razão de sua longevidade e participação na torcida. Segundo ele a diferença entre ser um torcedor do Olaria e de um clube popular nacionalmente:

Aqui no Olaria eu sou “o profeta”, eu sou porra... eu conheço todo mundo, né? As pessoas me conhecem aqui. Eu sou muito bem tratado. Então...eu acho que é um pouco dessa diferença entendeu? O time grande, o seu eu sou mais um e aqui eu sou o “profeta.

Essa situação foi constatada, em contato informal, em outros dois momentos com outros dois membros, que relataram que foram chamados por amigos a adentrarem, pois gostavam de assistir futebol no estádio do Olaria. Acerca da origem do apelido do entrevistado:

Isso foi só não só não vou lembrar o ano, mas o time que a gente estava jogando foi o Quissamã, que estava jogando com o time do Quissamã e pô, um jogo difícil, a gente perdendo o jogo 3 a zero a 0. A gente pô, fomos para o intervalo, perdendo de 3 a zero, e aí? E na época eu tinha uma barba muito grande, né? Eu falei “porra e aí o Olaria vai virar esse jogo, e aí o Olaria no

segundo tempo entrou com uma outra, outra postura, né? E conseguimos virar para 4 a 3 e aí desde então pegou o apelido “profeta” e pegou! Aí desde hoje pessoal não me conhece como Filipe, né, que meu nome é Felipe. Se alguém chegar aqui no clube e perguntar pelo Felipe, ninguém vai saber... é profeta, Ah, o profeta. Então é isso, essa é a história.

A partir dessas falas, com base na análise feita através de Bourdieu (1989), é interessante notar como essa questão de se sentir parte de uma família e adquirir um *status* dentro dela possui um valor simbólico importante para seus membros. O anonimato dentro das torcidas maiores se torna um elemento de contraste frente ao reconhecimento dentro das de proporção menor. O capital social e simbólico assimilado pelos membros durante suas interações com o resto do grupo é a principal fonte de poder adquiridos por meio delas. Cenário este diferente daquele encontrado por cada um no seio da sociedade, onde essa identificação não se atribui da mesma forma.

Vale destacar assim que a torcida conseguiu expandir as fronteiras de adesão para outras regiões fora do bairro original, alargando sua participação especialmente entre regiões mais próximas. Atualmente a organizada é constituída por sete “tribos” numéricas com base nas regiões geográficas dos membros, onde as regiões próximas a Olaria como Penha, Vigário Geral, Irajá, Cordovil e Cidade Alta estão incluídas nesse rol. A classificação “tribo” alude ao mascote do clube, o Índio, em referência a um famoso torcedor do clube de origem indígena que habitava a região e que apoiava o Olaria nas décadas de 1950 e 1960. Anteriormente, sem data precisa, os grupos já foram chamados de “talibãs”.

A mudança de denominação, segundo um dos interlocutores, foi motivada por uma mudança nas diretrizes para um ambiente exclusivo de apoio e menos de briga. Seguindo Toledo (1996), essas escolhas, tanto nominais quanto dos símbolos utilizados pela organizada, visam remeter tanto a origem geográfica quanto comportamental frente a seus adversários, se tornando uma marca distintiva a ser respeitada ou temida. Mesmo sendo uma de pequeno porte em comparação às grandes como a Gaviões da Fiel do Corinthians e a Raça Rubro-Negra do Flamengo, a TJO apresenta certas características comportamentais análogas e particulares em relação a elas. Dentre os aspectos comuns a esse tipo de associação, a afirmação da masculinidade, é um dos elementos que mais se destacam. Segundo o mesmo autor, o caráter competitivo liga-se à virilidade masculina aliado às relações de poder envolvidas nesse tipo de ambiente, ao permitir a produção de vínculos entre os pares. Essas conexões podem ser ora jocosas, ora agressivas manifestadas de forma mais explícita por meio dos xingamentos aos entes participantes das partidas como jogadores, árbitros, diretoria, policiais entre outros.

Dentro desse aspecto, Gastaldo (2005) chamou a atenção para o papel de mediação que as sociabilidades masculinas possuem no universo do futebol em suas relações de pertencimento e exclusão, ao mesmo tempo que tem a capacidade de diminuir as tensões. Outrossim, Toledo (1996) discute a questão da masculinidade dentro das torcidas organizadas e dos *hooligans* ingleses.

As sociabilidades dentro da torcida podem ser descritas através dos próprios atores como uma relação de família entre os membros. Nesse sentido, Hansen (2007) aponta em sua pesquisa que esse termo “família” foi utilizado em diversos momentos dentro da “Torcida Os Fanáticos” principal organizada do Athletico Paranaense, especialmente dentro da diretoria. Essa utilização visava fomentar um ambiente de solidariedade entre os membros, afastando-se do clima de hostilidade e de excessos. Dentro da torcida do Olaria, percebeu-se durante os encontros antes, durante, após e fora dos jogos uma relação de afinidade entre os integrantes, especialmente entre aqueles que participavam da mesma tribo. Pois, em razão da quantidade de cerca de 300 membros ativos dentro da organização, fora os inativos, existe o desenvolvimento de laços maiores com determinadas pessoas, tal como numa grande família.

Assim, um dos principais elementos de prestígio em uma organizada é o número de afiliados a ela (TOLEDO, 1996). No campo, foi exaltado o crescimento da quantidade integrantes e de sua capilaridade territorial em comparação a outras torcidas de clubes de proporções semelhantes ao Olaria. A composição da TJO incorpora a característica jovem em seu grupo, sendo formado por pessoas desde abaixo dos 18 anos, a chamada “molecada”, os jovens adultos e aqueles acima dos 30 anos de idade. Nesse sentido, a partir da noção de capital simbólico em Bourdieu (1989), podemos dizer que quanto maior o tempo de presença na torcida e das boas relações com outros membros, o integrante se insere mais dentro do quadro hierárquico e de prestígio.

Um outro elemento a se destacar, mesmo nas de porte menor, é o estabelecimento de relações de amizade e rivalidade entre elas. Segundo Toledo (1996), essa sociabilidade torcedora perpassa por elementos de semelhança entre as organizadas, seja a partir das cores ou localidade da torcida. Quanto maior o paralelismo, maiores serão os níveis de hostilidade e das próprias relações de afinidade de alguns membros com as de outras torcidas. No caso da TJO, existe uma relação amistosa com várias organizadas do estado, como os “Leões Macaé” do Macaé, a “Torcida Jovem Bangu” do Bangu e a “Garra Alvinegra” do Americano de Campos do Goytacazes. Já tratando-se das rivais podem ser citadas a do Madureira, do Goytacazes, do América-RJ e do São Cristóvão.

Acerca da continuação dessas rivalidades, às 10 horas no dia 18 de novembro de 2024, foi realizado um inusitado jogo amistoso entre o São Cristóvão e a seleção russa de futebol sub-23 no estádio Ronaldo Nazário, localizado no bairro de São Cristóvão na Zona Norte. O jogo se tornou conhecido dentro dos aficionados por futebol na rede social “X”, em razão da excentricidade deste momento divulgado no perfil do “Futebol no Rio”. O resultado do jogo foi 4 a 0 para a Rússia, porém o que mais chamou atenção foram os cânticos provocativos e jocosos da torcida mandante frente a determinados destinatários, dentre eles o Olaria e o presidente Putin, típicos das “relações jocosas futebolísticas” nomeadas por Gastaldo (2005). Um dos cânticos proferidos foi “Ah que bom seria, se o Putin acabasse com o Olaria”. Outro escutado, “Doutor eu não me engano, esse juiz é ucraniano” e “Chama Samu, desde a Guerra Fria a Rússia toma no cú e o Putin e o Putin dá o cuzinho”. Essa rivalidade que outrora já mais acentuada entre o Olaria e o São Cristóvão, continua a persistir através das vozes dos torcedores.

A relação do Olaria com o Bonsucesso Futebol Clube é uma questão interessante a ser ressaltada. O Bonsucesso foi fundado em 1913, dois anos antes do Olaria. Segundo Nascimento (2016), o primeiro jogo entre eles foi realizado em 1918 no Instituto de Manguinhos e desde então formou-se uma rivalidade que era sinônimo de guerra entre os dentro dos jogos e mesmo fora até a década de 1950. Na época existiam várias provocações a partir das revistas de ambos os clubes bem como de confrontos físicos em ambos os bairros. Posteriormente, na década de 1960, a hostilidade viria a diminuir e pacificada na década de 1970 em diante. Além disso, uma outra história apresentada por Nascimento foi a possibilidade de fusão em 1945. Nesse ano, o então presidente do Conselho Nacional de Desportos chamado de João Lyra Filho, benemérito também do Olaria, tentou fundir ambos os rivais com o objetivo de formar a maior agremiação da região leopoldinense. Todavia, apesar de duas reuniões realizadas, alguns membros do Bonsucesso declinaram da proposta, já os do Olaria eram favoráveis à união.

Em termos contemporâneos, como relatados pelo autor e vice-presidente do clube Olaria em seu livro e em entrevista para esta pesquisa, a relação com o Bonsucesso é de amizade entre as instituições. No campo das torcidas organizadas existe, como apontado anteriormente, uma relação de amizade e de aliança entre elas. Essa relação de demonstração de afetividade pode ser constatada, por exemplo, durante períodos de datas comemorativas, como foi o caso quando a Rubro Anil, organizada do Bonsucesso parabenizou pelo aniversário da TJO em 22 de fevereiro de 2024. Nesta publicação do Instagram, a Rubro Anil a felicitou, chamando-a de aliada para tudo com uma conexão que não mudou e nada mudará nessa relação.

O nível de reciprocidade varia a cada jogo, ou seja, as sociabilidades torcedoras existentes podem ser confrontadas, reafirmadas ou desfeitas entre as torcidas. Por exemplo, a TJO tem relações positivas com a organizada do Maricá, o que foi confirmado durante uma “caravana” realizada até a cidade litorânea no primeiro turno do Campeonato Carioca A2, onde antes da partida aconteceu uma confraternização entre as torcidas. Todavia, durante ela, em especial após o gol do Maricá contra o Olaria, houve provocações verbais por parte do estádio em relação à torcida visitante, o que gerou uma certa tensão por parte de alguns membros, mas insuficiente para desfazer a relação de amizade entre as torcidas por esse motivo.

A mediação entre as torcidas amigas é geralmente realizada através do consumo de bebidas alcoólicas em um bar ou em um determinado ponto de encontro próximo ao estádio. Nestes espaços, compartilham impressões acerca do jogo, bem como de outros assuntos pessoais. Num desses momentos como mandante, a TJO e a Infernizada Tricolor do Duque de Caxias se encontraram no bar para confraternizar de maneira amigável, compartilhando garrafas de cerveja. Encontro similar também aconteceu no retorno durante uma das “caravanas”, dessa vez com o Duque de Caxias de mandante em Xerém, quando ambas as torcidas celebraram o momento no barzinho em frente ao estádio. Nossa “caravana” chegou primeiro ao bar, algumas horas antes ao jogo e depois se encontrou com alguns membros da organizada anfitriã nesse espaço. Ao final da interação, como de costume, ambas registraram uma foto que foi compartilhada no seus respectivos perfis do *Instagram*. Posteriormente se depararam e rumaram ao estádio para torcerem separadamente num clima ordeiro.

4.3 Sociabilidades torcedoras da TJO

Os hábitos em dias jogos do Olaria como mandante normalmente acontecem da seguinte maneira pela TJO. Diferentemente da identidade clubística que não se altera, segundo Souza e Antônio (2014), as sociabilidades torcedoras dizem respeito as dinâmicas fluidas de atuação da torcida dentro e fora do estádio. O ponto de encontro tradicional entre os membros é o restaurante e bar “Sabor e Brasa” e o Posto de Gasolina Ipiranga localizados ambos na Rua da Bariri, a mesma do estádio. Neste primeiro recinto citado, eles se encontram horas antes do início do jogo para conversarem enquanto bebem suas cervejas e/ou comem algo a respeito do confronto e de outros temas do cotidiano. É o período em se estabelecem aquilo que Gastaldo (2005) chamou de “relações jocosas futebolísticas”, onde o bar se configura como um dos icônicos espaços para a sociabilidade torcedora, especialmente masculina se expressar. No

mesmo local, é também ponto de encontro para confraternização com torcidas amigas, onde reveem antigos amigos e possibilitam novas amizades entre os membros.

Já no posto de gasolina é o espaço onde todos se juntam para caminhar ao longo da rua até seu espaço dedicado, tradicionalmente no quarteirão da “Feirinha” atrás de um dos gols, precisamente no lado da Avenida Professor Plínio Bastos. A torcida visitante fica no lado oposto, onde excepcionalmente ficou na (Figura 9). Nesses momentos, os membros realizam seus cânticos em prol do clube Olaria, bem como cânticos que ressaltam o próprio grupo, acompanhados de tambores de diferentes tamanhos, bandeiras e de fogueteiros. Essa manifestação, diga-se, é considerada uma demonstração de poder da associação e de apoio prestado pela torcida ao time. Dentro desse contexto, a perda desses bens por rivais gera um valor de vergonha e consequentemente de “troféu” para aquele que os tomou.

A data de maior impacto percebido ao longo da pesquisa aconteceu justamente quando o Olaria disputou depois da Série C de 2003 uma competição nacional, no caso a Copa do Brasil em 2024 contra o São Bernardo, oportunidade conquistada após os resultados na Copa Rio do ano anterior.



Figura 9 – Caminhada da Torcida Jovem Olaria no dia de jogo pela Copa do Brasil - Foto de Gabriel Franco Borba

Nesse dia, aconteceu um engajamento acima do padrão por parte de diferentes agentes do futebol e do clube. Foi inclusive palco para o acompanhamento da Rede Globo no local da

partida para testemunhar o fato histórico, de orgulho para os torcedores do Olaria como símbolo de resistência. No caso dos organizados, houve uma presença massiva dos seus membros, mesmo se tratando de uma partida em dia de semana, numa tarde de quarta-feira. O aparato policial acompanhou também as necessidades de uma competição nacional organizada pela CBF. Desse modo, a TJO fez esse percurso descrito na rua Bariri até o setor tradicionalmente referente à torcida visitante, com maior espaço do que o habitual, mas descoberto à luz do sol atrás de uma das traves. O outro setor onde se localizou a visitante do São Bernardo ficou na zona onde habitualmente fica a organizada, “a feirinha”, de menor capacidade, mas coberta por uma estrutura que a protege da luz do sol.

Nesse setor tradicional da organizada, o número de membros presentes varia de acordo com a importância do jogo, bem como do dia da semana, já que a presença maior acontece nos finais de semana, quando boa parte dos integrantes pode participar do momento por estarem de folga. As faixas, bandeiras e instrumentos são um outro elemento a se destacar dentro da organização dos jogos. Nesse sentido, existe um grupo de pessoas que fica encarregado normalmente de estender as faixas de frente para os torcedores, faixas essas que representam a presença de cada “tribo” respectiva no estádio, da organizada como um todo em diferentes tamanhos, aliado com o emblema do clube.

O acesso, apesar de ser destacado para os componentes, também pode ser adentrado por outros torcedores que prefiram assistir naquele espaço com uma atmosfera futebolística mais calma das arquibancadas da Bariri. Esse outro setor, localizado no meio do estádio, possui uma melhor visão para o campo e uma comodidade maior do que o da organizada, pois parte dela possui assentos de plástico para se sentar. Retomando a esse setor, o comportamento torcedor precisa ser de apoio irrestrito ao Olaria, ou seja, não é tolerável que não se engaje junto com o resto da torcida no apoio ao time. Em uma das idas ao campo, uma das lideranças presentes buscou reanimar aqueles presentes, mesmo que em número menor em relação aos outros jogos, encorajando aqueles mais silenciosos a gritarem mais.

A maioria das músicas é copiada ou inspirada em outras torcidas, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, mas existem também músicas autorais. Quem as puxa varia de acordo com o momento do jogo e com quem se sente disposto a incitar os outros membros, alternando-se entre si esse papel, normalmente feito por quem possui uma voz alta e já possui um *status* na torcida. Ademais, tem como suporte, aqueles ligados aos instrumentos musicais que tem como função amplificar o som da festa. Algumas dessas pessoas inclusive, como foi relatado são ligados as escolas e grupos de samba. Nesse sentido, Toledo (1996) ressalta que a relação entre

o samba e o futebol é antiga, datando do início do século XX, principalmente nas no Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo das décadas o futebol e o samba dessas regiões tomaram rumos organizacionais diferentes, cada qual se profissionalizando e se tornando independentes. Porém, as influências do samba continuam presentes em muitas torcidas, inclusive na própria organizada do Olaria, bem como do clube como um todo, vide sua relação com os grupos de samba do Cacique de Ramos, Imperatriz Leopoldinense e Independentes de Olaria. Durante o período carnavalesco não foi incomum o registro da participação de alguns membros da TJO presentes nos ensaios e apresentações.

A distribuição da torcida se inicia do centro para as laterais atrás do gol. Quando a equipe visitante está próxima da organizada, quem mais sofre com os xingamentos é o goleiro adversário. Um dos cânticos para tentar irritar o goleiro é de conotação homofóbica, ainda presente nas torcidas. Já com relação aos cânticos e xingamentos de conotação racista, estes não são tolerados pela torcida, algo que o “Profeta” me relatou que esse tipo de comportamento não é admitido:

Então isso foi tratado com muita naturalidade, né. Porque as nossas canções sempre foram de incentivo ao time né. Nunca foram sobre esse tipo de assunto, né então foi muito bem aceito. Claro que de vez xinga o jogador, xinga a mãe do jogador, mas é absolutamente normal né, mas tratar adversários com canto homofóbico, canto racista. Isso aqui na torcida não tem.

Um outro cântico recorrente na TJO é o “Vamos beber cerveja, chup* bu* e torcer pro azulãooooo”. Nesse em específico, pode-se perceber características de uma cultura jovem e do espírito do futebol raiz pregado pela torcida, onde “beber uma cerveja” simboliza o clima de prazer através do álcool e “chup* bu*” ligado a exaltação da virilidade masculina. Nesse aspecto aqui abordado é interessante perceber como o discurso de repúdio ao racismo não se contrapõe na prática às de estímulo ao machismo. Mesmo que existam membros que discordem desses cantos no seu cotidiano, eles podem se deixar levar durante os jogos por esse hábito costumeiro do futebol.

Uma justificativa para a diferença de entendimento a respeito dessas duas temáticas, o racismo e o machismo, pode estar relacionado ao fato de que no Brasil, o debate sobre o racismo faz parte do cotidiano da população e é criminalizado. Já a compreensão sobre o machismo ainda não existe um consenso em relação aos direitos e formas de respeitar as mulheres e minorias, requerendo um maior trabalho educativo em relação ao tema por parte da sociedade para que isso se solucione. O Brasil nesse sentido, é um dos países que mais matam mulheres e pessoas trans por exemplo, mesmo com um arcabouço legal que de algum modo as protegem.

Por outro lado, a Espanha possui um debate mais avançado em relação as prerrogativas das mulheres, com a promoção de leis de endurecimento aos crimes sexuais. Porém, naquele país, em relação ao combate à discriminação racial, o entendimento sobre essa questão é distinto da Brasileira, vide os casos de ataque ao jogador negro brasileiro do Real Madrid Vinicius Junior. Outro exemplo recorrente que demonstra essa diferença cognitiva em relação especificamente ao racismo está nas competições sul-americanas, quando os clubes brasileiros por vezes sofrem atos discriminatórios dos adversários, tanto fora de casa quanto dentro. Vale ressaltar que isso não quer dizer que o Brasil não seja um país racista, porém que essa problemática é enfrentada pelos diferentes entes do esporte de forma mais explícita em relação ao machismo.

O clima do “futebol raiz” pôde ser percebido através desses cânticos, aliado ao consumo de cerveja durante os jogos. Quando acontece um gol próximo à torcida, não é incomum que os membros joguem a cerveja para o alto em sinal de comemoração pelo momento. Através da teoria de Elias e Dunning (1992), podemos analisar essa excitação a partir do seu efeito catártico e libertador das tensões geradas pela partida.

O discurso contra a elitização do futebol é uma questão sociológica interessante a ser ressaltada, tendo em vista que muitas torcidas organizadas e coletivos de torcedores rechaçam e combatem a ideia do “futebol moderno” que levou a transformação de certas tradições antigas do esporte (LOPES e HOLLANDA, 2018). Esse combate simbólico e material ao novo pode ser expresso a partir de diferentes formas e conteúdo, tendo cada organização e característica de clube sua frente de abordagem. Dentro desse contexto de elitização, Simões (2023) fez uma análise detalhada desses efeitos e formas de resistência em países europeus como Inglaterra, Espanha, Portugal, Alemanha e da América do Sul como Argentina, Chile e Brasil.

A transformação do futebol em mercadoria e a expectativa de maiores lucros fez com que clubes da Europa Ocidental privilegiassem a transformação dos estádios em Arenas modernas, SAFs e internacionalizassem suas marcas. No Brasil do século XXI, Mascarenhas (2013) destaca essa substituição dos antigos e gigantes estádios de futebol construídos no passado para as arenas multiuso modernas, bem como da transformação da própria cultura torcedora. Anteriormente, os estádios tinham espaços designados a preços populares onde as pessoas podiam frequentá-los regularmente e eram mais atuantes com a liberdade de portar adereços como bandeiras e cartazes. Já esse novo período é marcado pela elitização com ingressos mais caros, torcedores vigiados, assentos confortáveis, redução do comércio informal, entre outros aspectos com o objetivo de formar um torcedor “civilizado” e menos “bárbaro”.

Em outra perspectiva, os clubes de divisões inferiores e locais, em contraposição as divisões superiores e com maior orçamento, expressam a resistência contra a elitização e ao direito de existência de clubes de menor escala de torcedores que carregam tradição e expressão social. Ademais, o uso de sinalizadores também é um dos elementos de festejo da torcida, especialmente em momentos decisivos como finais e estreias, a exemplo do primeiro jogo da final da Copa Rio contra o Maricá em outubro de 2024. Nesta partida, as cores azul e branca, cores do Olaria, foram acionados momentos antes do início, criando uma atmosfera futebolística raiz, algo que é malvisto pelas novas arenas.

O clima raiz também foi percebido quando alguns membros conseguem ter um nível de interação com os jogadores adversários, por exemplo, no aquecimento pré-jogo. Em um jogo contra a Cabofriense, torcedores se encostaram no alambrado para provocar esses jogadores a partir de diferentes tipologias de provocações. A que mais chamou atenção foi a de tom jocoso, quando repetidas vezes se falou que as mulheres desses jogadores estavam na praia, ao contrário deles que jogavam sob uma temperatura acima dos trinta graus em Olaria. Isso gerou risadas dos jogadores, que fizeram contato visual com os torcedores. Em outro momento, dessa vez contra o América-RJ na Rua Bariri, proferiu-se provocações jocosas para o jogador André Felipe Ribeiro de Souza, conhecido no folclore do futebol como André Balada, o convidando para tomar uma cerveja com eles. Esse tipo de relação é comum dentro dos jogos tanto no setor da organizada quanto no setor das arquibancadas.

Os cânticos das torcidas e dos xingamentos é outro tópico aparte interessante a se discutir. De acordo com Toledo (1996), esses duelos verbais que fazem parte da “ordem cósmica do jogo” possuem significações simbólicas oriundas da própria sociedade e que são diversas em seus sentidos de ação tipicamente percebidos nas torcidas de futebol. Elas podem ter diferentes conotações como satíricas, jocosas e até mesmo ofensivas para adversários e outros torcedores. O mesmo autor destaca que os cânticos e gritos de guerra podem ser classificados da seguinte forma: incentivo, protesto, intimidadores e de autoafirmação. Os de incentivo se referem ao apoio aos jogadores e ao time como o todo, o de protesto se trata de reclamações aplicáveis em diferentes situações, intimidadores são aqueles que têm como finalidade amedrontar os jogadores e juízes e os de autoafirmação das próprias torcidas.

A partir dessas categorias, podemos ressaltar que os cânticos da TJO contemplam essas tipologias de cânticos torcedores. Canções de apoio ao time podem ser escutadas durante os jogos como “é o azulão, é o azulão, é o azulãoooo!”, “Ole...Ola...Ola...ria”, “o sentimento não para, pois todo olariense, tem amor infinito, cantarei de coração, sou Olaria...”. É interessante

destacar que essa última se baseia na música Anna Júlia da banda brasileira Los Hermanos, a qual a torcida do Vasco também a compartilha, assim expressando o sentimento pelo seu clube. Além dessas, por exemplo, há outra música em tom provocativo, também adaptada de outras, como a do Corinthians e que nos jogos do Olaria é utilizada tanto quando o time estava perdendo quanto vencendo as partidas. Outras variações de outras músicas também são entoadas para destacar esse espírito de vencedor do time bem como de insultar o outro.

A partir disso, Toledo (1996) aponta que os xingamentos não podem ser analisados de forma rígida, sendo manifestações da sociedade complexa e que são dinâmicas em suas expressões. Além disso, acrescenta que o aspecto simbólico tem um sentido importante dentro das organizadas, expresso no design das camisas, mascotes e bandeiras. Dentro desse aspecto ressalta que a escolha dos símbolos das torcidas basicamente permeia três categorias: animais como periquito, lobo, urubu; personagens em quadrinhos como Zé Carioca, mosqueteiro, índio; entidades fantásticas e divindades. Essas mascotes são incorporadas na história dos clubes e das torcidas de maneira dinâmica com base em aspectos geográficos, origens sociais, valores morais, cores e estereótipos.

A partir dessa colocação, o mascote tanto do Olaria, quanto da Torcida Jovem é o índio. Ele tem origem como já mencionado, segundo Nascimento (2016), a partir de uma figura real que existiu em Olaria entre a década de 50 e 60, o chamado Egídio Queiroz, o qual era descrito na época como um torcedor que brigava pelos interesses do clube. O índio, por vezes na historiografia brasileira, foi descrito como pacífico e coletivo, todavia, dentro da linguagem da organizada toma-se um aspecto animicamente altivo e confrontador. Sua figura apresenta olhos de cores vermelhas e em diferentes símbolos veste-se com os uniformes da torcida, bem como se apresenta com um porte físico forte, como se fosse pronto para batalhar.

4.4 A bifiliação dentro das organizadas

Dentro do cenário competitivo da globalização, o futebol passou a expressar uma série de práticas sociais e esportivas que afetam o reconhecimento dos clubes. Um dos primeiros efeitos dessa integração é o fenômeno da bifiliação ou trifiliação clubística, os chamados torcedores mistos que torcem para mais de um, algo comum nos estados do Nordeste, mas que também é encontrado em outras regiões do país, onde as pessoas criam afeições com o time principal de sua cidade e um popular nacional (CAMPOS e TOLEDO, 2013). Com a globalização, essa ocorrência se expandiu não apenas nos clubes brasileiros, mas também

internacionalmente, sobretudo entre os mais jovens que torcem para Barcelona, Real Madrid e Manchester City, por exemplo.

Dentro da torcida do Olaria, essa questão das múltiplas filiações clubísticas foi um aspecto comum de ser observado ao longo da pesquisa. Dentro das torcidas organizadas, especialmente dos clubes mais populares, a questão das outras filiações é uma característica difícil de ser reprovada pela instituição. Na medida em que existe um processo de comprometimento entre os pares de que a identidade futebolística deve ser exclusivamente canalizada apenas aquele do coração. Ademais, outra justificativa para essa visão é o fato de que essas torcidas defendem agremiações que tradicionalmente possuem uma maior inserção na mídia nacional, fortalecendo os vínculos afetivos com seus antigos e novos torcedores. Ademais, a expansão das redes sociais também foi outro aspecto a ser ressaltado, na medida que fomentaram novas formas de relações com esses torcedores.

Para clubes locais ou menos populares nacionalmente, essa situação das múltiplas filiações, como visto anteriormente, depende de algumas influências. No caso da TJO, ela é percebida por diferentes formas de discurso e sensação. Existe um discurso na instituição torcedora quando os membros se juntam para apoiar em dias de jogos para o Olaria, quando o espírito futebolístico deve ser canalizado exclusivamente para o time. A partir disso, não se pode ter conversas a respeito de outros clubes de futebol do Rio de Janeiro ou do exterior, tratando-se de um código de conduta acordado dentro da torcida. Contudo, a partir das entrevistas realizadas com membros da organizada e com pessoas vinculadas ao Olaria, essa questão quando não há jogos é percebida de outra maneira, na medida que a maioria dos componentes da torcida possuem vínculos afetivos com os outros quatro “grandes” do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense). Inclusive, alguns desses componentes já foram filiados a outras dessas torcidas organizadas populares.

Em algumas atividades de campo realizadas antes dos jogos, foram escutadas conversas entre membros da torcida acerca dos acontecimentos futebolísticos desses clubes, ora conversando sobre a fase do jogador uruguaio do Flamengo De Arrascaeta, ora conversando sobre a fase do Botafogo no campeonato brasileiro. Segundo um dos entrevistados da organizada, essa questão de apoiar também outros é considerado um comportamento normal. Dentro dessa acepção, percebe-se que a inserção e permanência nela não está conectada ao membro pertencer unicamente à torcida do Olaria. Na realidade, existe um processo de compreensão acerca do fenômeno pelo qual o futebol brasileiro adquiriu. Ademais, esse mesmo

membro apontou a importância da vinda de pessoas dos clubes mais populares da cidade e que vem a acompanhar o Olaria por sua simpatia.

Outro acontecimento que vale ser relatado foi em um jogo no estádio do Olaria, junto da organizada, antes do início do jogo, no setor da “feirinha”, quando um membro chegou vestido com a camisa do Borussia Dortmund de cor preponderantemente preta. Essa situação gerou um embaraço jocoso por parte de alguns dos membros, que o alertaram para que estivesse trajado com o uniforme da torcida ou com as cores do Olaria, o azul e branco. Assim, mesmo os clubes de fora do Brasil também são tratados em dias de jogos como elementos não pertencentes ao hábito futebolístico da torcida, que solicita aos seus membros um comportamento ativo de apoio ao time. Fora dos jogos do Olaria, os membros podem exercer a sua afetividade clubística por outras instituições, comparecendo a essas outras partidas. O que parece estar claro é que a fidelidade naqueles de menor orçamento não impede que organizados possam desenvolver relações com outros mais populares. Ademais, essa liberdade do grupo indica que podem exercer diferentes tipos de apoio também a outras organizadas irmãs, como um prolongamento dessa rede de relações.

4.5 Caravana - uma etnografia com a Torcida Jovem Olaria

O acesso a essa atividade de campo em específico foi possível ser realizada graças a uma aproximação prévia com alguns integrantes da torcida, sem que houvesse qualquer impedimento de inserção. Ademais, foi exequível, pois a própria TJO convocou seus membros e demais torcedores externos da organizada a estarem naquele momento especial, a primeira rodada do campeonato carioca A2 realizada no dia 18 de maio de 2024. A seguir é narrado todo o processo de preparação e deslocamento com a torcida até o retorno ao local de residência, na primeira viagem com ela.

A participação na “caravana” (viagem com a organizada) era de R\$15,00 e R\$ 20,00 reais para o público externo e inadimplentes, que incluía o traslado, o ingresso e as bebidas ao longo dessa jornada. Essa informação foi fornecida através de uma publicação no *Instagram* da TJO, sendo a existência das redes sociais para as torcidas organizadas um aparato comunicativo comum sobre as ações e planejamentos desses grupos, tanto nos jogos quanto fora deles. O recebimento dos valores era creditado na conta do diretor financeiro, que os utilizou posteriormente no pagamento das bebidas. A informação foi obtida graças a uma conversa com o presidente da TJO que explicou como era a logística da “caravana”. Segundo ele, esses valores

compreendiam, como dito anteriormente, apenas as bebidas, sendo o valor do ingresso e o traslado das pessoas para Maricá, um ofício concedido pela diretoria do clube. Nesse sentido, percebe-se a existência de uma parceria entre diretoria e organizada no que tange a auxiliar o seu apoio em partidas, especialmente fora de casa, onde a dificuldade de enfileiramento é maior, pois atua fora do seu campo habitual e com torcida em menor número.

No tocante a preparação para a observação participante, busquei organizar os instrumentos de trabalho envolvidos durante esse período, sendo utilizadas duas ferramentas importantes ao longo desse processo: o diário de campo que registrou as observações e conversas tidas, bem como do celular para o registro das imagens e vídeos. Ademais, foi levado juntamente uma mochila, caneta, protetor solar, carteira e um lanche para acompanhar.

Assim, o percurso até a observação propriamente dito começou ao de sair de casa de ônibus no bairro de Copacabana até chegar à sede do clube em Olaria, onde estariam os membros da organizada e o ônibus fretado pela “caravana”. A linha mais adequada para chegar à Olaria é a 483 que liga Ipanema/General Osório com a Penha, sendo um dos trajetos de transporte público mais longos e tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. De forma habitual, o tempo, de onde moro, para chegar a Olaria dura cerca de 1 hora de duração, excluindo interrupções inesperadas, sendo uma das principais linhas para quem sai da Zona Sul até a Zona Norte. Naquele sábado, acordei às 6 horas da manhã para conseguir tomar café da manhã com tranquilidade e poder chegar até lá às 8 horas, 1 hora antes da partida previamente acordada. No ônibus da linha 483 às 7 horas, busquei treinar a observação que seria praticada ao longo do dia, analisando as conversas e todo o trajeto envolvido. Durante o trajeto, notei um trânsito tranquilo com a maior parte dos usuários daquele momento de nacionalidade brasileira pertencente a pessoas negras, em sua maioria.

Apesar de ser uma manhã de sábado, o ônibus encheu rapidamente, não sendo encontrado mais espaço para ficar em pé confortavelmente a partir de Botafogo. Nesse interim de trajeto, escutei poucas conversas, pois a maioria das pessoas tinha o comportamento de se entreterem com o celular, seja jogando ou mesmo escrevendo para terceiros nos aplicativos de mensagens. Em consonância a abordagem que Caiafa (2005) realizou nos ônibus do Rio de Janeiro, estive atento aos diálogos, olhares e silêncios carregados de afetos dentro do transporte público. Os temas de conversa entre estranhos tendem a ser gerais e impessoais, mas podem ser permeados pela pessoalidade. Ela ressalta ainda que a observação e o silêncio também fazem parte desse processo comunicativo constante dentro do transporte público mesmo que discretamente, pois portam a necessidade de socializar na cidade. Assim, o que chamou atenção

verbalmente foi uma mulher negra por volta dos 50 anos, que conversava com um conhecido ao lado sobre o casamento de um sobrinho que no passado esteve envolvido com roubo e drogas, mas que aparentemente tinha se restabelecido graças ao apoio dessa mulher citada. Uma outra parcela de pessoas que não conversava com seus acompanhantes, se atinha a comodidade e o conforto dos celulares ao ouvir músicas, ao jogar ou mesmo em apostar nas plataformas.

Posto isso, a chegada ao ponto de encontro no clube Olaria ocorreu às 8h30 da manhã sem sobressaltos com relação ao tempo previsto, sendo este o ponto de encontro dos integrantes da caravana. Nesse momento, poucos membros da TJO haviam chegado para se deslocarem até Maricá, mas aos poucos o volume de pessoas aumentou na zona do bar que se localiza próximo as piscinas, aos campos *society* e atrás do campo de futebol. Foi interessante observar nesse primeiro momento a preparação dos membros sobre a viagem e sobre o jogo e como as conversas eram trocadas entre si, intermediadas a partir do uso de bebidas alcoólicas. A bebida é historicamente comum no universo do futebol, sendo uma das partes constitutivas do torcedor nos estádios, bares e nos domicílios no acompanhamento dos jogos. Ao passar do tempo, pude escutar algumas frases compartilhadas entre os membros como “Se o Olaria perder o que você vai fazer?” e a resposta “vou quebrar tudo” num tom jocoso. Além desta, escutei outras conversas que giraram em torno da masculinidade e das bebidas alcoólicas como “se dormir no ônibus vai tomar leite na cara” e “eles estão com medo”. Notei que mesmo sendo ainda cedo, o consumo álcool era incentivado pelos membros, sendo por vezes notado o exagerado por um desses, que tinha bebido tarde da noite no dia anterior e não tinha condições de deslocar-se sozinho da cadeira.

Vale dizer também que a TJO possui também em seu corpo constitutivo a presença de mulheres que viajaram juntamente com os membros masculinos. Essas mulheres eram jovens namoradas ou casadas com outros integrantes da organizada, sendo seu surgimento em 2012 enquanto grupo oriundo do aprofundamento das relações delas entre si e da necessidade trazer novas vozes para a torcida. Nesse dia, a maioria delas ficaram juntas enquanto aguardavam a saída de toda a Caravana para os ônibus.

Durante uma parte considerável do período da pesquisa, esse grupo de integrantes participou dos jogos do Olaria, desempenhando o mesmo papel que os homens durante o apoio dos jogos. Todavia, na reta final, houve algum tipo de divergência dentro da torcida que impossibilitou a realização de conversas individualizadas com elas.

Outra linha de diálogo interessante que já tinha sido notada anteriormente, em outras investigações de campo e de acesso à literatura especializada sobre futebol e globalização, foi no tocante a falar sobre torcer para outros times de futebol para além do Olaria. Em uma dessas conversas, escutei falarem sobre o Flamengo a respeito da “10 de Arrascaeta” e de como a crise de imagem e técnica de Gabigol ídolo do clube naquele momento se relacionava com essa questão. Em outra conversa iniciada por uma pessoa que tinha chegado com uma camisa do Botafogo, falou-se de forma breve sobre a situação do alvinegro da Zona Sul. Essa situação é interessante de ser notada, pois, como já dito, discutir sobre times fora o Olaria, no interior da sua sede é considerado um tabu entre os membros da TJO, mesmo sabendo-se que existe uma incidência de torcedores mistos.

Ademais, o consumo das bebidas foi compartilhado por comidas de café da manhã como pão com queijo e presunto enquanto se aguardava a chegada da totalidade dos membros da caravana. Apesar da viagem ter sido marcada para 9h, o ônibus saiu com um atraso considerável, às 10h40 (Figura 10).



Figura 10 - Torcida Jovem Olaria a caminho do ônibus rumo à Maricá – Foto de Gabriel Franco Borba

Nesse meio tempo, percebeu-se uma preocupação dentro da organização da viagem com relação aos instrumentos musicais, sendo o principal deles o maior tambor, tocado por membro especializado nesse tipo de ação que acompanha o ritmo das canções nos jogos. Além dos instrumentos, outra preocupação de quem organizava foi quanto às bebidas alcoólicas que seriam consumidas durante a caravana, sendo comprado para ser compartilhado whisky, vodka e cerveja. Vale ponderar aqui outra preocupação pessoal com relação de como o consumo desse

tipo de bebida e afins poderia interferir no meio da pesquisa de campo, sendo um tópico que ao longo da viagem foi-se dissipado com os eventos do momento.

Ao longo dos preparativos, pude conversar brevemente com o presidente da TJO, que deu algumas informações da organização da caravana e da expectativa para o primeiro jogo do Olaria no campeonato carioca da segunda divisão. Segundo ele, a viagem continha dois ônibus de turismo à disposição, que levaria um número aproximado de 120 pessoas, essencialmente de membros da própria organizada. Nesse período, percebi o encontro do vice-presidente do clube Pedro Vital, que cumprimentou o presidente da TJO, bem como do presidente, o senhor Lenivaldo Gomes da Silva que estava presente na ocasião. Ademais, o presidente da organizada respondeu que tinha expectativas com relação ao primeiro jogo por se tratar de um confronto fora de casa, bem como do campeonato em geral em virtude de outros times também se prepararem para a disputa do acesso com o Olaria. Dentre o mais perigoso, em sua visão, estava o América, tradicional da cidade do Rio de Janeiro, que já conquistou títulos importantes como campeonatos cariocas e revelou jogadores como Tostão ídolo do Cruzeiro e o próprio presidente em 2024 e senador da república Romário. O qual foi inscrito e que tinha dito que montaria um time forte para essa edição. Todavia, no transcurso da competição, o América nem conseguiu se classificar para a fase final que o Olaria iria disputar.

Ao longo da caravana, o presidente da TJO se mostrou solícito sobre a pesquisa, sendo até mesmo indicado um apelido a mim de “jornalista”, em virtude da atividade de campo realizada naquele momento e em outras ocasiões pregressas. Vale pontuar que essa referenciação de interlocutores com o pesquisador é uma questão histórica dentro do campo das ciências sociais, especialmente desde o surgimento da antropologia quando o emissor e o receptor eram descritos a partir de termos próprios da sua cultura para descrever o outro.

Como constatado, as primeiras etnografias em culturas distantes eram realizadas forma assimétrica entre aquele que investigava e a cultura investigada (CLIFFORD, 2011). O antropólogo de campo, segundo o autor, foi uma figura legitimada tanto profissionalmente quanto publicamente tal como Malinovski e Mead. Abordagens estas que foram sendo alteradas ao longo da antropologia e sociologia ao longo do século XX. Outro nome que discutiu essa relação foi Castro (2002) ao defender uma abordagem relacional entre o antropólogo e o nativo, sem que houvesse uma tradução unilateral dessa cultura, mas sim uma espécie de troca entre ambos durante esse processo de interação.

Outro ponto interessante observado nas rodas de conversas entre os membros era o tipo de linguagem utilizada entre eles, com um sotaque diferente daquele típico da Zona Sul. A forma de comunicação entre os mesmos era informalizada, com a utilização de gestuais e apelidos para se referenciar. Sendo inspirados a partir de características físicas, de comportamento ou religiosas por exemplo.

Esta ocasião também foi importante para conversar e conseguir contato com torcedores e pessoas importantes para a pesquisa. Dentre essas pessoas esteve a de César Vital, irmão do vice-presidente que estava no clube e que foi abordado num primeiro momento como um aparente torcedor comum para falar acerca das expectativas para o Olaria nesse campeonato, mas que se revelou como um nome vinculado a instituição. Ele se demonstrou interessado em contribuir ao saber sobre a pesquisa, bem como incentivou acerca do seu desenvolvimento e da importância dela para o clube. Assim, contou em como se deu esse envolvimento bem como da sua própria relação como ex-aluno do curso de direito da Universidade Candido Mendes.

Graças ao tempo cedido com ele, também me foi apresentado pessoalmente ao presidente do clube Olaria o senhor Lenivaldo, que demonstrou felicidade naquele momento com a pesquisa e que também compartilhou o seu contato em caso de inquireições futuras. Ademais, perguntou a razão pelo qual se desejava realizar uma pesquisa sobre o Olaria por uma pessoa de fora da comunidade. Em razão desta pergunta foi respondido os interesses por trás, sobretudo para entender a importância da existência de clubes tradicionais como o Olaria e da sua relação com o bairro. Diante dessa situação, isso engrandeceu o prosseguimento da pesquisa bem como da responsabilidade envolvida perante a comunidade.

Outra situação interessante que vale destacar foi a de um torcedor que estava na área do bar confraternizando com os colegas, mas que dizia que não poderia participar da caravana em virtude de ter que trabalhar naquele dia. Todavia, após idas e vindas com seus amigos, decidiu se ausentar do serviço, para estar juntamente daqueles seus mais íntimos, pois se tratava de um momento importante para ele e que costuma não faltar ao trabalho como se poderia acreditar. Além disso, foi notado que, apesar da maior parte do grupo ser formado por jovens adultos entre 20 e 30 anos, existia também uma minoria de outras faixas etárias. Dentre essas que podem ser compartilhadas está a de um casal que, fanático pelo clube e que tinha um filho mais novo que não gostava do hábito envolvido nesse tipo de incursão fora de seu território, tinha preferido ficar em casa.

Após a chegada da maioria dos integrantes da viagem no ponto de encontro, a concentração frente ao jogo se acirrou com a entonação de cânticos referentes ao clube Olaria como “Ole...Ole...Ola...ria” além de odes relacionadas à própria torcida organizada, comportamento tradicional nesse tipo de organização esportiva. O grupo se reuniu próximo a zona do bar em frente à entrada interna do estádio e escutou em silêncio a “preleção” do presidente da TJO, que discursou para os membros sobre a importância daquele jogo para o clube e para a torcida, demonstrando também uma atenção com relação ao encaminhamento ordeiro da viagem, já que a organizada do Maricá é aliada. Após isso, todo o grupo se dirigiu ao lado de fora da sede e se locomoveu para os dois ônibus destinados para a viagem. Vale destacar que nessa ocasião existiam dois tipos com perfis diferentes, sendo o primeiro voltado para os membros que visavam sentir uma experiência mais agitada com várias brincadeiras envolvidas e o outro em teoria mais tranquilo, com menos pessoas no ônibus, que foi o escolhido pelo presidente da TJO para o pesquisador fazer a observação.

Já dentro do ônibus, percebeu-se uma empolgação envolvida naquela primeira viagem de estréia da segunda divisão do campeonato carioca. A saída ocorreu às 10:40 de uma das ruas ao lado ao estádio, rumo a Maricá. Em teoria, o trajeto da viagem naquele sábado dia 18 de maio deveria durar cerca de 1 hora e 30 minutos de carro, mas como foi de ônibus durou cerca de 2 horas e 20 minutos, incluindo o trânsito envolvido até o ponto de almoço antes da ida ao estádio do Maricá. O seu tamanho era de grande porte, similar aqueles de turismo e dentre os passageiros estavam o próprio pesquisador, o presidente, membros mais antigos da organizada, além de dois torcedores novatos que experienciavam a primeira incursão fora da Bariri. Outro ponto a ser chamado a atenção foi com relação a um membro que levou sua filha pequena na Caravana, que ficaram posicionados em assentos próximos ao motorista. A divisão do ônibus constituía da seguinte forma: na frente se localizavam as pessoas mais silenciosas, e na parte mais funda, aqueles que gostavam de “zoar” mais entre os colegas.

O local onde fiz a observação se situava na zona intermediária, com o intuito de passar despercebido, para não influenciar no comportamento dos envolvidos, a fim de observar e escutar as ações ali envolvidas. Ao mesmo tempo, o pesquisador naquele momento também tinha receio de ser zoadado de forma mais intensa por eles. Durante a viagem, presenciei a ocorrência da famosa brincadeira/castigo chamado de “batizado” com os membros novatos da TJO. Esse tipo de ação se estrutura normalmente da seguinte maneira: formam-se duas fileiras de pessoas que permitem a passagem de pessoas dentro desse corredor com o intuito de serem

acertadas com tapas e pontapés. Nesta situação apenas foi observado tapas que tinham o intuito de recepcionar bem os membros novatos da organizada.

Esse tipo de ação é comumente percebido também em times de futebol brasileiros quando algum jogador recém-contratado se integra ao grupo e precisa passar por esse rito de passagem para adentrar no grupo. A reação dos novos membros após o rito de passagem tornou-se mista, ao mesmo tempo em que expressavam uma satisfação em adentrar simbolicamente no grupo da organizada, sentiram dores corporais em virtude de tal prática. Já entre os membros mais antigos, havia uma satisfação pelo crescimento do grupo e pela repetição dessa tradição.

Em outro momento após esse ritual foi possível conversar de forma breve com um dos estreantes, que relatou que tinha entrado na organizada em consequência do convite de um amigo para assistir aos jogos do clube, bem como de adentrar associadamente no corpo dos torcedores mais animados. Tendo observado suas reações, percebia-se em suas expressões corporais e nas suas falas uma ansiedade quanto à recepção pelos membros mais experientes, que aos poucos se amansou perante o encadeamento dos eventos e das interações com seus “irmãos”.

No aspecto relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas dentro do ônibus, seu uso foi permitido e utilizado de forma recreativa pelos membros como expressão do símbolo da masculinidade, contravenção e união entre eles. Minha relação é interessante de ser exposta pois, num primeiro momento antes do campo pensou-se em não consumir desse tipo de droga, pois a priori interferiria na observação dos eventos e violaria um código informal de não beber durante o trabalho. Todavia essa questão se diluiu ao longo da jornada já que percebi que uma recusa insistente fecharia certas aberturas de conversa e observação com os membros, pois o não consumo de bebidas alcoólicas naquele tipo de evento seria uma quebra de regra de aceitação entre a comunidade. Após aceitar o consumo de cerveja, tive a sensação de que a distância entre nós tinha se reduzido, assim melhorando a conexão. Todo esse relato envolvendo a dúvida em ingerir álcool durante a pesquisa e de se relacionar com os interlocutores pode ser assemelhado com a abordagem pelo qual Whyte (2005) vivenciou.

Por conseguinte, a caravana de uma torcida organizada em jornadas de distâncias relativamente longas como esta até o estádio do Maricá é permeada também por pequenas e médias paradas até seu destino. Nesse sentido, a viagem perpassou por algumas pequenas paradas que tinham o intuito de alimentar e “hidratar” alcoolicamente os tripulantes, embora nem todos tenham saído, apenas as principais lideranças do grupo. A parada mais longa foi

realizada para o período do almoço, por volta das 13 horas, num bar simples em frente à praia de Maricá, mas ainda distante do estádio. Neste local, percebeu-se uma tomada de território simbolicamente por parte da TJO. Em primeiro lugar, a maioria das pessoas que estavam lá naquele momento eram da organizada, sendo poucos os clientes avulsos do bar.

A dominação simbólica também foi percebida em seu redor na medida em que se estenderam bandeiras que aludiam aos símbolos da organizada e do clube (Figura 11), como forma de demonstração de poder e de representatividade deles perante um local diferente do seu. Além disso, o acionamento de foguetórios típicos antes dos jogos de futebol também foi percebido, que denotam esse simbolismo de territorialização da torcida naquele espaço.



Figura 11 – Parada de almoço em Maricá durante a caravana. Foto de Gabriel Franco Borba.

Durante essa pausa objetivou-se realizar mais anotações a respeito das observações e das conversas realizadas até aquele momento num espaço mais afastado da confraternização. Após isso, um dos membros da organizada chamou-me para confraternizar também com eles, oferecendo uma cerveja para o consumo. Uma parte dos membros ficaram no recinto do bar bebendo cerveja, já outros se aventuraram nas águas de ondas grandes e azuladas de Maricá, vizinha de Saquarema, mais conhecida como um dos principais pontos de surf no Brasil. Ademais, Maricá é conhecido por ser um dos municípios brasileiros que mais arrecadam royalties do petróleo do pré-sal, e com isso a prefeitura tem conseguido fazer grandes investimentos no principal clube de futebol da cidade. A partir desse aporte financeiro e do desempenho técnico da equipe no Carioca A2, o Maricá Futebol Clube fundado em 2001

conseguiu subir de divisão, inclusive contra o próprio Olaria na final dessa edição de 2024. Tendo planos para crescer futuramente.

Em outro momento, em uma conversa com um cliente do bar, aparentando ter uns 70 anos de idade, falou do seu desejo em assistir ao jogo do Olaria contra o Maricá, mas que por algum motivo não seria possível. Por coincidência, esse senhor não era natural de Maricá, mas de Ramos, bairro próximo de Olaria, intercalando sua moradia nesses dois locais, se considerando naquele confronto indeciso perante sua torcida. Nesse diálogo falou-se a respeito de outros tópicos como o futebol internacional como a final da Liga dos Campeões da Europa, principal campeonato de clubes do continente que tinha como um dos protagonistas para aquela final Vinicius Junior, ex-jogador do Flamengo que representa o movimento contra o racismo.

Instantes antes do começo do jogo, a caravana se reuniu novamente nos ônibus, com empolgação e confiantes de que o resultado seria de vitória para o “Azulão”. Ao chegar ao Estádio Municipal João Saldanha, o jogo já havia iniciado, sendo a entrada no recinto dos torcedores visitantes de forma ordeira, sem ocorrências atípicas para uma situação de ansiedade pelo confronto. O estádio local foi inaugurado em 26 de maio de 2023, dia do aniversário da cidade num confronto entre a seleção de Maricá e um time de ex-jogadores conhecidos do passado, sendo sua capacidade máxima de até 2 mil pessoas. O nome do estádio faz referência ao ex-jogador, técnico e jornalista de contribuições marcantes para a história do futebol brasileiro, além de ter sido um opositor ao regime militar.

De acordo com um dos membros da torcida organizada, em tom jocoso, esse estádio não deveria ser considerado como tal, pois assemelha-se mais a um campo comum como os vistos nas praças públicas do Rio de Janeiro. Essa visão advém das estruturas para acomodar-se serem de arquibancadas suspensas com a utilização de metais em suas estruturas de sustentação e de plástico nas poltronas, diferentes do tradicional estádio como o do Olaria, que possuem uma estrutura arquitetônica mais antiga feita de concreto. A separação da torcida com o gramado do jogo é feita a partir de alambrado de metal, típico de ginásios (Figura 12).



Figura 12- Torcedor do Olaria em Maricá - Foto de Gabriel Franco Borba

Durante o jogo, a TJO se distribuiu no espaço demarcado para o setor visitante, tendo a maioria deles ficado em pé na parte suspensa e alguns na parte de baixo rente ao campo de jogo. Vale dizer que uma parte importante da missão da torcida foi a de colocar as faixas juntas ao gradeado em frente à observação do jogo, sendo esta função de alguns torcedores específicos, dentre eles mulheres. Esta é uma função de grande importância no contexto dos jogos, considerada sagrado.

Para além da própria organizada, houve a presença de torcedores comuns dentro do setor visitante, que se distribuíram nas cadeiras mais afastadas à dos cânticos da organizada, bem como foi notada a presença da diretoria no setor. Durante o início da partida, houve o registro de um conflito verbal pela posição da colocação da faixa por um dos adeptos, que solicitou que um dos adereços fosse retirado, pois impedia sua visão. Após uma discussão com um membro da organizada, ficou decidido que fosse colocada em outro espaço, permitindo a melhor visão do restante do público. Outro atrito posterior foi notado entre parte dos organizados e um segurança do local no que tangia ao ponto de localização da bandeira.

Já no setor do clube mandante, o Maricá, a torcida preencheu em grande quantidade e apoiou o time durante toda a partida, sendo percebidos adereços distribuídos aos torcedores do Maricá. O jogo em si foi marcado por poucas chances até a ocorrência do primeiro gol do Maricá no segundo tempo. Após a expulsão de um dos jogadores do Olaria, a partida se inclinou

de forma favorável para o Maricá, que conquistou maior posse de bola e um apoio maior de sua torcida, que se concretizou ao final da partida com um placar de dois a zero. Os gritos de provocação à torcida visitante foram escutados após o primeiro gol como “Olaria veio para Maricá para se foder” e “Olaria só tem viado”, expressões que trouxeram indignação por parte de alguns membros da TJO, que disseram que a relação de amizade com a organizada adversária seria desfeita. Desse modo, nota-se como a questão provocativa a masculinidade nos jogos continua a ser um aspecto recorrente no cotidiano do futebol, beirando uma infantilidade capaz de romper ligações.

Ao final do confronto, parte dos membros da TJO foram cobrar os jogadores, em especial do capitão do time que ouviu as colocações e discutiu a respeito das razões pelas quais a equipe não tinha conseguido o resultado favorável, prometendo que no próximo jogo a vitória aconteceria. Esse tipo de discussão entre torcida organizada e atletas se tornou comum entre clubes de futebol, especialmente em momentos de crise técnica, tendo como objetivo pressionar os jogadores e a comissão técnica para que seus trabalhos tenham maior êxito futuro, caso isso não ocorra ações mais drásticas poderiam ser sentidas. Naqueles mais populares da cidade do Rio de Janeiro como Flamengo e Vasco, por exemplo, em momentos de crise de resultados, os jogadores são aconselhados a ficar em casa para não serem surpreendidos. Se vistos em baladas são interpretados como irresponsáveis e sem amor à camisa do time que vestem.

Após a discussão, a TJO rapidamente desfez as faixas do gradeado e retirou os equipamentos musicais da arquibancada, preparando-se para adentrar nos ônibus para retorno à sede do clube. Um clima de silêncio foi sentido em quase a totalidade da viagem, diferentemente da ida à Maricá, quando contou com uma participação constante por parte dos membros. Desse modo, vale apontar o contraste entre o início da viagem e o seu fim. Se por um lado o começo foi marcado pela alegria dos organizados por um resultado positivo na estreia, o desfecho pôde ser sinalizado como um momento de luto coletivo. A trajetória do torcedor no geral é construída por mais derrotas do que triunfos, porém ele tende a criar em si a esperança de sucesso. A excitação pelo lazer apontada por Elias e Dunning (1992) nesse aspecto possui uma característica mitigadora das dores do indivíduo, pois não se revela uma situação mortal corporalmente, mas sim espiritualmente.

Alguns integrantes até tentaram elevar o ânimo do ônibus com brincadeiras e cânticos da organizada ao visar o próximo jogo, mas foram impelidos a fazer silêncio em virtude do mau resultado e do cansaço físico vivido durante o trajeto. Nesse período, o ônibus ficou totalmente escuro, o que impossibilitou o processo de novas observações de campo no caderno. Apenas

uma parada foi realizada semelhante àquela da ida. Nesse momento, alguns foram beber mais cerveja, o que atrasou a nossa chegada ao bairro que se concretizou às 19:30.

Após a chegada em Olaria, novamente tomei de volta o mesmo ônibus, o 483, em direção à Copacabana no ponto próximo na rua Leopoldina Rego próximo ao estádio, sentindo-me extenuado após todo o processo de observação de campo e das experiências novas sentidas naquele dia. Essa tinha sido a primeira vez que realizei esse trajeto de retorno, já com o céu escurecido. O ônibus, diferentemente da ida, já não possuía a mesma proporção de pessoas, apresentando-se com assentos disponíveis ao longo do trajeto. Diferentemente do período diurno, quando as pessoas da Zona Norte se deslocam em massa para o centro da cidade e na Zona Sul, esse itinerário noturno, em contrafluxo, já não se apresenta essa mesma intensidade.

Ao chegar em casa, cansado, mas contente com a experiência e com o resultado da observação. Assim, descasei mentalmente e fisicamente da viagem nesta noite, retomando novas notas na segunda feira, dia seguinte à caravana e ao jogo.

4.6 A questão da violência nas organizadas

A violência no futebol é uma discussão antiga, que tomou proporções cada vez maiores com a popularização da prática e das torcidas. Sendo, particularmente no século XXI, concentrado as atenções em boa parte da responsabilidade às torcidas organizadas, como sendo os principais grupos arruaceiros que afetam a harmonia do jogo, especialmente na mídia esportiva. Todavia, ao analisar os estudos sobre esse fenômeno, a questão da segurança pública no futebol deve estar situada numa outra forma de abordagem. Nesse sentido, alerta Murad (2017), que essa questão necessita de um entendimento mais amplo sobre o tema, pois está inserida dentro de um escopo maior de diferentes violências praticadas na sociedade, sendo o futebol apenas parte dela. Diante disso, o autor pondera que apenas uma parte dos membros de organizada perpetram atos ilícitos ao ordenamento público, sendo a maioria integrantes que respeitam os códigos e agem de forma pacífica nos jogos. Assim, ele advoga que a solução não seria extingui-las, pois isso as levaria à marginalidade, mas sim adequá-las com medidas de prevenção, punição e reeducação a fim formar um ambiente ordeiro para as partes envolvidas.

Assim, a generalização e a criminalização das torcidas organizadas é um preconceito comum entre torcedores, pela segurança pública e pela mídia esportiva e não-esportiva, como se todas elas fossem iguais. O argumento é que elas perderam seu sentido original de existência que era o apoio de forma ordeira aos clubes. Ademais, é importante diferenciar também os

diferentes tipos de violência dentro do futebol, pois elas não se limitam apenas às práticas de violência física estritamente, mas também podem ser percebidas a partir de outras formas. Segundo o ex-torcedor organizado (Bruno Feijão) acerca do estereótipo dos torcedores organizados, diz que:

Olha, eu vejo ultimamente muita preocupação. Eu acho que torcer é uma paixão pelo clube é uma coisa. Agora guerrear, é pancadaria, bomba, eu acho que isso foge totalmente dos princípios de torcer. Eu entendo que hoje a juventude tem uma outra mentalidade, uma outra competitividade que erradamente, na minha concepção, se faz presente. Quando eu falo isso, não falo só da nossa torcida, mas no modo geral, que a gente acompanha aí constantemente nas grandes mídias e isso me entristece muito, porque eu acho que o futebol é lazer, é esporte, é torcer por sabedoria, sem excesso de conflito. São confrontos diretos de chegar ao ponto de pessoas até de morrer por causa de rivalidade de torcida, eu acho, eu lamento muito por tudo que está acontecendo não só no nosso Brasil, no nosso país, na nossa nação, mas no âmbito em geral. A gente vê tantas conclusões de torcida, a gente já vive vários problemas na nossa realidade e o ato de torcer, um ato de alegria, um ato de estar com os amigos, eu acho que as pessoas deveriam rever um pouco mais essa questão.

Diante dessa fala, é interessante perceber os afetos envolvidos nesse tipo de grupo torcedor. Como aponta Vidal (2020), os organizados são aqueles que puxam a festa nos estádios através de cânticos, bandeiras, xingamentos e artefatos festivos. Toledo (1996) reforça ainda que eles constroem um estilo de vida próprio em torno do seu modo de torcer, fazendo parte da sua vida cotidiana como processo identitário. Todavia, casos de violência envolvendo esses membros ao longo das últimas duas décadas, especialmente sendo noticiados pelos veículos de imprensa e posteriormente nas redes sociais, favoreceram a constituição generalista de que todo torcedor organizado é violento. Dentro desses grupos a questão da violência passou a ser tema de debates entre os próprios a fim de mitigar os casos relacionados, surgindo assim entidades representativas defendessem e criassem canais de diálogo, principalmente com os órgãos de segurança pública.

A partir da fala do torcedor podemos compreender, através da perspectiva de Murad (2017), que a violência torcedora não está circunscrita apenas no campo do futebol, mas faz parte de um contexto mais amplo relacionado à própria sociedade brasileira, mediante os índices de educação, por exemplo. Uma alternativa para combater essas situações foi o surgimento de coletivos torcedores como o das mulheres e da comunidade LGBTQIA+, ao propor novas formas de sociabilidades dentro dos estádios de futebol, tentando retirar assim o componente masculinizante tradicionalmente fermentado no futebol. A adesão às torcidas organizadas de menor porte também se torna um espaço propício para aqueles torcedores que almejavam torcer

de um modo específico, sem o elemento da violência envolvida. Nesse sentido, foi isso o que ocorreu quando pude conversar com um membro da TJO que me relatou em *off* que um dos motivos para ter integrado a torcida, era que não se sentia à vontade com determinadas práticas de violência por certas torcidas do Rio de Janeiro.

Dentro dessa vertente do campo da pesquisa, é interessante perceber como a violência pode ser entendida dentro da própria organizada, bem como de outros componentes torcedores do clube Olaria. Nesse sentido, ao longo da pesquisa, ao acompanhar os jogos no ano de 2024, percebeu-se de forma geral um ambiente estruturado, tanto dentro do clube quanto fora dele.

Todavia, existiram dois casos que merecem discussão. No primeiro caso, num jogo válido pela terceira rodada do Campeonato Carioca A2 contra o Duque de Caxias, o Olaria tinha perdido a terceira partida consecutiva, o que acarretou num clima de maior pressão sobre o time e direção. Na saída da arquibancada rumo à secretaria, deparou-se com um barulho intenso próximo a saída. Ao chegar ao local avistou-se o vidro quebrado, onde estava a equipe de segurança e parte da diretoria tentando acalmar os torcedores. Após a esse momento, na página do Instagram da TJO publicou-se que tinham identificado a pessoa que cometeu tal ato e que as providências seriam tomadas para que não se repetisse o incidente. Um segundo caso a ser elencado foi durante o jogo válido pela décima rodada do Campeonato Carioca A2, onde jogaram América e Olaria no Estádio Giulite Coutinho, no município de Mesquita, com a vitória final por 1 a 0 para o Olaria (Figura 13).



Figura 13 - América X Olaria, jogo do primeiro turno carioca A2 - Foto de Gabriel Franco Borba

Por volta do intervalo de jogo, na posição onde se encontrava a torcida do América, percebeu-se um sinal de confusão fora do estádio, com homens sem camisa e sem identificação brigando. Vídeos foram compartilhados nas redes sociais e o assunto chegou a repercutir em meios de comunicação, como CNN Brasil, Globo Rio de Janeiro e SBT Rio, por exemplo, apontando como uma briga entre torcedores do América e Olaria. Essa situação gerou uma intensa discussão dentro do universo olariense. Do ponto de vista do clube não existiam indicativos de que eram torcedores de ambos os times, pois não estavam identificados. Uma das justificativas em entrevista com o vice administrativo do Olaria:

Eles estão assim, desinformados, porque pro GEPE só existem 4 torcidas, não existe mais, mas a gente tem que ver o seguinte, por exemplo, parece que dia de jogo, Olaria e América é uma senha para ter briga em algum lugar das proximidades [...].

O GEPE citado, refere-se ao Grupamento Especial de Policiamento em Estádios, um núcleo especializado em competições de futebol e de outros eventos esportivos no Estado do Rio de Janeiro. Sua função nesses dias é de revistar os torcedores, prestar segurança a arbitragem, escoltar as delegações e torcidas organizadas envolvidas segundo o próprio grupo. Diferentemente de outros clássicos e partidas do “4 grandes” da cidade, o número de oficiais é menor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi escrito nesta dissertação acerca do Olaria Atlético clube, seus torcedores e seu bairro, é importante abordar algumas questões norteadoras para sua conclusão. Em primeiro lugar, um dos principais desafios foi em como se situar frente aos interlocutores e ao espaço da pesquisa, tendo em vista que não tinha qualquer identificação familiar e pessoal com o clube e o bairro. Considerando era um nordestino de classe média recém-chegado na cidade do Rio de Janeiro a fim de pesquisar esse tema.

O decorrer dela foi marcado por um processo de autoaprendizado no que se refere aos valores e desafios que antes possuía e que ao seu término, pude conhecer mais a respeito dessa realidade. Se a princípio estive inseguro em como se envolver perante os interlocutores devido a timidez pessoal, ao longo do percurso, ao me inserir cada vez mais na pesquisa, tanto a nível teórico como principalmente empírico, foi possível conquistá-la com o tempo. Todo deslocamento da região de Copacabana até o bairro de Olaria através de transporte público, permitiu que pudesse vivenciar e perceber questões não apenas inerentes ao futebol como também em relação ao comportamento das pessoas em seu cotidiano de trabalho e de lazer.

Dessa forma, em termos históricos e urbanísticos, podemos dizer que bairro de Olaria se estabeleceu, sobretudo a partir do início do século XX, quando ocorreu o deslocamento de uma massa de pessoas das regiões próximas ao centro da cidade para locais mais afastados, em virtude do processo de modernização do Centro e do seu consequente encarecimento. Anteriormente, a região era caracterizada pela atividade agrícola, sendo poucas as pessoas que tinham outros ofícios e que lá residiam. A partir da abertura de novos ramais de trem para atender essa população, indústrias se instalaram nas regiões de subúrbio e modificaram aquele espaço rural. Lá se estabeleceram também figuras do serviço público e do comércio que ajudaram a desenvolver o bairro.

Em Olaria, em comparação aos seus vizinhos como Bonsucesso e Ramos, por exemplo, estabeleceram-se poucas indústrias, sendo o bairro caracterizado como um lugar residencial para uma classe média com infraestrutura voltada para o lazer e a cultura. Ademais, conta com uma presença satisfatória de serviços públicos de saúde e de educação bem como de atendimento de serviço ao cidadão com o Fórum da Leopoldina.

Nesse processo de urbanização, a linha férrea que cruza por dentro do bairro estabeleceu duas zonas, uma mais propriamente habitacional próxima à Avenida Brasil e a outra próxima aos morros, com maior atividade comercial. Vale frisar que essa linha dificultou a passagem dos pedestres e veículos para ambos os lados, o que acabou fomentando uma diferenciação também socioeconômica em relação ao preço dos imóveis. Modal de transporte ferroviário que continua sendo importante para os moradores da Zona Norte em seu deslocamento pela resto da cidade somado aos ônibus e ao BRT.

Em termos futebolísticos, foi possível perceber como no Brasil é rico em si mesmo e maior do que o microcosmo dos principais clubes da Série A, que a priori possa parecer, com suas torcidas numerosas e suas arenas multiuso modernizadas. A maior parte do futebol brasileiro é formada como o Olaria, espalhados nas diversas divisões nacionais e estaduais e que contam com uma torcida atuante. Eles fazem parte de um grupo, cada qual com suas particularidades regionais, que compartilham desafios e culturas torcedoras próprias. No particular caso do Olaria, ele está situado numa antiga capital federal, envolto entre quatro populares de expressão nacional. Um segundo elemento a ser considerado é a posição geográfica na qual se encontra, num subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro, diferentemente dos da Zona Sul como Flamengo, Botafogo e Fluminense. Ademais, prefeituras do interior passaram a incentivar seu principal clube da cidade a partir do apoio financeiro. Em contrapartida, o Olaria que faz parte da capital do estado, passou a disputar os recursos e mídia com os mais populares citados.

Por outro lado, o Vasco da Gama, um clube com torcida nacionalizada da Zona Norte e do subúrbio, passou a receber muitos torcedores dessa região. Tendo em vista a herança cultural do bairro de Olaria com os imigrantes portugueses que se deslocaram para o subúrbio durante seu intenso desenvolvimento no início do século XX, parte dos moradores e de adjacências passaram a apoiar tanto para o Olaria quanto para o Vasco. Em virtude dessa influência, dentre os “quatro populares”, o Vasco foi o clube com maior capilaridade registrada nas observações de campo.

Nesse sentido, o elemento da bifiliação clubística abordada nessa dissertação também se fez presente perante a compreensão das sociabilidades torcedoras dos aficionados do Olaria, na medida que esta condição é disseminada, especialmente entre as pessoas mais jovens que frequentam o estádio e tem um interesse maior pelo futebol em geral. Porém, que não se limitam apenas a esses, sendo um fenômeno também percebido em indivíduos de outros grupos etários.

Outro fator incidente para os clubes do porte do Olaria que não disputam as divisões nacionais é a falta de um calendário anual. Isso resulta num processo em que não podem jogar regularmente e fomentar uma cultura torcedora robusta. Aliado a isso, o futebol brasileiro, com a globalização econômica, profissionalização do esporte e mais recentemente com as SAF, se tornou cada vez mais caro administrá-lo. Soma-se a isso o cenário particular do campeonato estadual do Rio de Janeiro, que permite que apenas um clube possa subir de divisão, o que impede que outras torcidas adentrem ao principal espaço de disputa do estado. É uma situação conservadora que preserva o *status quo* daqueles de maior faturamento frente aos de menor aporte financeiro e faz com que campanhas consistentes de times como o Olaria nos últimos anos “batam na trave” nas eliminatórias finais, impedindo sua ascensão. Desse modo, isso reforça a hipótese de que esses torcedores operam na resistência de sua identidade local.

Em termos de perfil de público, ele pode ser classificado como de característica familiar, ou seja, que se conhece nos jogos e vivenciam as mesmas áreas de uso social. Em razão disso, as sociabilidades torcedoras, termo que utilizo para abordar essa relação social-esportiva com o clube e o bairro, se fazem presentes de forma capilarizada entre os agentes em torno dele, ou seja, são pessoas com diferentes funções dentro e fora da instituição que se conhecem e produzem expressões de afeto ao Olaria. Elas se estabelecem pelos torcedores comuns, ou seja, aqueles que não possuem qualquer tipo de vínculo político ou administrativo. Dentro dos comuns, eles se dividem entre os não associados, que acompanham os jogos do time; os associados que vão aos jogos e acessam o espaço social; os sócios que apenas vão os jogos e os sócios que apenas utilizam exclusivamente para confraternizar. Como dito anteriormente, desenvolveu-se uma condição de uma bifiliação clubística, um para o do seu bairro/região e outro de maior popularidade nacional.

Em segundo lugar, existem os torcedores organizados, sendo a TJO aquela com maior número de membros, mais longeva e ainda presente nos jogos disputados. Em terceiro, estão os dirigentes do Olaria, que tomam as decisões e precisam conciliar os desafios esportivos e financeiros do clube de futebol, historicamente o principal esporte, bem como da parte social e dos outros esportes, além obviamente das dívidas pretéritas comumente encontradas em diferentes estruturas do futebol nacional. Por fim, há uma imprensa formada por torcedores, a Web Rádio Jovem Olaria, que narra e comenta os jogos nas plataformas da internet como o YouTube e que foi formada por um grupo de aficionados.

Com relação à história dos torcedores organizados do Olaria, identificou-se que durante sua existência houve outros grupos com diferentes segmentos e proporções que apoiavam o

clube. Com o passar do tempo, essas torcidas se extinguíram, o que propiciou o surgimento da maior e mais organizada em termos administrativos, a TJO, surgida no final da década de 1990. Essa torcida, como já mencionado, foi criada como resposta ao processo de bifiliação clubística que os torcedores olarienses possuíam. Como consequência desse incômodo, um grupo de amigos que moravam próximos à rua Bariri criaram a TJO em 1998, com o intuito de fortalecer uma cultura torcedora orgânica.

Tendo acompanhado os jogos, conversado e realizado entrevistas com membros da organizada, compreendi que a própria torcida se modificou ao longo do tempo, com novas dinâmicas de atuação e socialização, bem como de pessoas que deixaram a comunidade e outras que foram incorporadas. Nesse movimento, ela se expandiu para outros territórios próximos ao bairro de Olaria, como núcleos interdependentes da administração central do grupo. Tal como outras dos clubes mais populares do Brasil, ela compartilha o sistema de alianças e rivalidades com outros grupos de torcedores.

Nesse sentido, o estabelecimento de torcidas amigas e rivais varia por diferentes razões, sendo sua manutenção ou desfeita condicionada por meio de cada jogo disputado entre os clubes desses grupos. Através desses encontros pré-jogo e pós-jogo é que esse sistema de troca simbólico entre elas pode ser reafirmado. No caso da TJO, existem, a título de exemplo amigas, a “Infernizada” do Duque de Caxias e a “Garra Alvinegra” do Americano de Campos do Goytacazes. Para as rivais estão entre as mais hostis ao grupo, a do América e do Goytacazes. A estigmatização das torcidas também é outro ponto abordado nessa pesquisa, na medida que existe uma generalização desse tipo de agremiação relacionada ao tema da violência no esporte. Como tratado, a violência faz parte de um debate mais amplo que envolve a sociedade relacionado ao machismo e à repressão policial, que atinge com maior grau as pessoas negras e vulneráveis que compõem grande parte das organizadas. Perante isso, é necessário que haja uma conscientização tanto por parte das organizadas, fato este em curso, quanto do aparato policial de forma mais inteligente e menos intolerante tanto para as torcidas maiores quanto as menores, onde também acontecem casos graves de conflito.

A partir das redes sociais, ela consegue trazer mais visibilidade às suas ações, principalmente em dias de jogos, mas também a outros assuntos relacionados à torcida e ao clube como um todo. Outro aspecto, a questão da violência, é trabalhada dentro do grupo a fim de que não ocorram incidentes nos jogos. Para além do apoio clubístico do jogo em si, a TJO prega, como outras grandes e menores, o “futebol raiz” para a experiência do torcedor, ao fugir assim da influência da elitização dos estádios e do preço dos ingressos. Ademais, ao ter contato

com os membros durante os jogos em casa e nas caravanas, pude quebrar determinados preconceitos e entender suas formas de socialização. Nesse aspecto, fazer parte de uma organizada, como um membro relatou, é fazer parte de novas experiências e de conhecer outras pessoas em prol de um objetivo comum. Com esse processo de ameaça de extinção das atividades esportivas em razão do encarecimento do futebol, a organizada, bem como de outros torcedores de um modo geral, elas adquirem importância para o processo de resistência dos clubes locais. Pois, o maior patrimônio não são seus títulos, mas na realidade são seus apoiadores, que podem modificar a política dos clubes.

Outro aspecto importante revelado é de como os organizados entendem aspectos sociais relacionados ao jogo, especialmente os relacionados ao tema da raça e do machismo. Com base em conversas e observações no campo de jogo, costuma ser reprimido, seja explícita ou velada. Já a questão do machismo é interessante de ser notada, pois se revela de outra forma, mais naturalizada e compõe a cultura torcedora do futebol raiz, em virtude de ser ainda marcado por práticas hegemônicas masculinizadas.

Um dos principais problemas sociológicos objeto dessa pesquisa referia-se a como explicar a continuidade de uma instituição centenária esportiva até os dias atuais. Nesse sentido, como foi tratada a justificativa primeva para a criação do clube, teve como um dos seus principais motivos fomentar uma cultura esportiva na região, se inspirando em moldes parecidos praticados pelos da Zona Sul naqueles anos. Essa matriz oriunda das tradições inglesas prezava pelas boas condutas éticas e o aperfeiçoamento corporal, sendo incorporado nos instrumentos de prática como o futebol e o remo. Diferentemente de outros clubes da cidade como Flamengo e Botafogo que surgiram primeiro pelo remo e depois incorporaram o futebol, o Olaria surgiu a partir do futebol. Posteriormente, ele se transformaria em poliesportivo, através da inserção de outras atividades até hoje presente essa característica.

Vale dizer que seu surgimento se somou ao espírito da época de criação de associações de pessoas em prol de espaços de lazer e diálogo, em particular, ao visar a democratização de novos espaços de convivência na região para os moradores locais. A partir de então o Olaria Atlético Clube, não mais Olaria Futebol Clube, passou a se transformar concomitantemente com o desenvolvimento do bairro, ao aprimorar suas estruturas internas e externas e se tornou desde então uma das instituições mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, ao passo que o futebol se tornava cada vez mais competitivo e dependente de aportes financeiros, o clube passou por um processo de perda de relevância técnica no cenário regional.

Outro elemento diferenciador do Olaria para outros do Rio de Janeiro é a coexistência entre o acesso a área social e ao estádio de futebol. Nesse sentido, para ter acesso ao jogo, é necessário passar por dentro da área da piscina e do corredor de troféus de conquistas do clube. Percebeu-se então o Olaria possui uma dupla função: esportiva e social. A faceta esportiva foi a primeira desde o seu surgimento e que permanece nos tempos atuais. Nesse sentido, ele se estruturou ao longo dos anos a partir da contribuição de sócios e de moradores do bairro a fim de que a estrutura esportiva do clube possibilitasse que o futebol fosse o carro-chefe e desde então rivalizasse com os principais rivais do estado nos diferentes campeonatos disputados.

A partir do futebol, surgiram outros esportes que fizeram parte da sua história e outros que foram incorporados nas atividades realizadas de maneira competitiva. Ademais, o clube também se vale como de importância social para a região, ao possibilitar que pessoas possam frequentá-lo e terem acesso às diferentes estruturas de lazer como a piscina, os encontros festivos e a academia de ginástica. Outrossim, sua função social e esportiva se destaca ao dar oportunidade para que jovens das categorias de base do futebol e de outros esportes como a natação, bem como oportuniza que pessoas de outras idades possam disputar campeonatos da categoria. Também se destacam o processo de inserção e profissionalização das mulheres e a criação da categoria feminina de futebol, fato este de orgulho para o clube em seu processo de democratização ao acesso ao esporte.

Diante do atual cenário do futebol mundial, os clubes de menor investimento vem a ser influenciados pela dinâmica das apostas esportivas bem como das SAF. Durante a pesquisa, essa dinâmica não se revelou na concretude em relação ao Olaria A.C., mas já houve conversas informais a respeito da intenção. Em termos práticos, no período da pesquisa, o Olaria tinha sua parte futebolística administrada pela Ric's Estrela, administradora do futebol, já a sua parte social era administrada pelos próprios membros da diretoria.

Em relação à memória do clube, existe um entendimento por parte de alguns membros da comunidade do Olaria de que sua preservação deve ser realizada a fim de que suas conquistas e histórias continuem a perdurar. Nesse sentido, o clube possui uma galeria de fotografias com os ex-presidentes e conta com um acervo de conquistas que acolhe todos os troféus do futebol, esportes e atividades relacionados, sendo um orgulho por parte dos torcedores e associados.

Destaca-se ainda um trabalho de memória realizado pelo principal conhecedor da história do Olaria, Pedro Vital, o qual foi vice-presidente administrativo enquanto a pesquisa foi realizada e que possui uma trajetória familiar vinculada também com o clube. Ele escreve a

respeito dessas memórias, recontando histórias curiosas e marcantes a fim de que a comunidade olariense possa conhecer mais a respeito da instituição. Durante a sua entrevista, percebi a importância do seu trabalho, pois, se não fosse sua iniciativa individual ou algum membro da comunidade que almejasse escrever, ninguém fora dela falaria acerca do clube, pois não é do interesse público maior da cidade em comparação com os considerados mais populares. Outrossim, a inserção e comunicação de antigos atletas do Olaria também é outro elemento de trabalho com a memória da instituição, a partir da realização de eventos e encontros com estas figuras que marcaram sua trajetória. A valorização de nomes importantes no cenário nacional que passaram pelo clube e que vestiram rapidamente a camisa, como Pelé em um amistoso, podem ser vistos no mural da secretaria, tamanha é a importância pelo qual possuem.

Além disso, nomes relacionados à história do bairro e do clube são homenageados através das placas das ruas. Em contrapartida, alguns elementos tradicionais do bairro como antigos cinemas da região não possuíram o mesmo interesse público em conservá-los, tendo em vista se encontrarem hoje totalmente descaracterizados, com outra finalidade. Mesmo quando permanecida sua estrutura original, encontram-se em estado de total decrepitude. Nem mesmo a administração pública parece ter um interesse maior de reaver esses bens para fins de tombamento e revitalização.

Outro interesse da pesquisa foi relacionar o envolvimento do clube e de seus torcedores com a história e dinâmica social do bairro, pois intencionava entender de que forma vice-versa se afetavam. Ao frequentar os jogos e caminhar pelas redondezas, percebeu-se determinados aspectos interessantes a respeito da região, como o seu rico patrimônio cultural, expandindo-se assim a noção de que apenas o Centro ou a Zona Sul possuem tais atributos a priori. Com o samba, o cinema, a gastronomia e o futebol, a região de Olaria se reconhece como um lugar atrativo para o público local bem como de pessoas de outras localidades que venham a conhecer tais espaços de lazer. O Cacique de Ramos, no limite entre Olaria e o bairro de Ramos é o representante mais popular, ao atrair milhares de pessoas de diversos lugares do Rio de Janeiro e mesmo de outros estados do país para conhecerem e confraternizarem num dos espaços mais importantes do samba no Brasil. Além do Cacique, outros grupos musicais se fazem presentes no bairro, por exemplo o Reduto Pixinguinha, reconhecido também como um espaço cultural importante para os moradores. A relação desses núcleos com o clube Olaria vinculam-se com a presença de integrantes que frequentam esses dois espaços de cultura: o samba e o futebol. Em particular, na TJO, onde existem integrantes que também atuam como instrumentistas em grupos de samba da região.

Desse modo, essa pesquisa objetivou compreender os vínculos afetivos e futebolísticos do Olaria com o seu bairro. Sem ter tido a pretensão de esgotar o tema, buscou somar aos estudos da sociologia do futebol, a fim de incentivar novas investigações, bem como fornecer uma contribuição para os próprios torcedores olarienses. Assim, buscou-se entender esse subúrbio como um espaço plural e complexo, sem analisá-lo de forma simplista, um local de produção de cultura e lazer.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Publicações Pereira Passos, 2022.

ALBERNAZ, Maria Paula. Olhares para o subúrbio da Leopoldina a partir de Bonsucesso, Ramos e Olaria. *In*: SANTOS, Joaquim Justino; MATTOSO, Rafael; GUILHON, Teresa (orgs). **Diálogos suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. Cap. 4. P. 87-114.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Transcrito de Associação dos Geógrafos Brasileiros (Secção Regional do Rio de Janeiro). Curso de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia, 1968. p. 74-89. *In*: _____; SOARES, Maria Therezinha. **Rio de Janeiro: Cidade e Região**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser desportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2004. Cap. 15. P. 181-204.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BROMBERGER, Christian. Por que se interessar pelo património esportivo? **Museologia e Patrimônio**, v. 14, n. 1, 2021.

CAIAFA, Janice. Comunicação e expressão nas viagens de ônibus. **Contemporanea**. Vol. 3, no. 1. p. 123-137, 2009.

CAIAFA, Janice; FERRAZ, Talitha. Comunicação e sociabilidade nos cinemas de estação, cineclubes e multiplex do subúrbio carioca da Leopoldina. **Galáxia**, n. 24, p. 127-140, 2012.

CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 99, p. 123–138, 2013.

CENTRO DE MEMÓRIA DOMINGOS FÉLIX DO NASCIMENTO. **Cacique de Ramos**, 2022. Cacique de Ramos: 6 décadas de Carnaval. Disponível em: <[inicio\(cmcaciqueramos.com.br\)](http://inicio(cmcaciqueramos.com.br))>. Acesso em: 14 de Ago. 2023.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica antropologia e literatura no século XX**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 139–150, fev. 2008.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub) urbanos – o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Geografia – Revista da faculdade de Letras**. I série, vol. X, XI. Porto, 1994/95 pp. 5-18.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. Memória e Sociedade. **A Busca da Excitação**. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

EL-KAREH, Almir Chaiban. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. In: OLIVEIRA, Marcos Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (Orgs). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF. 2010

FRAIHA, Silvia; LOBO, Tiza (Orgs). **Ramos, Olaria e Penha**. Rio de Janeiro: Fraiha, 2004.

GASTALDO, Édison. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 107-123, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOMES, Eduardo de Souza. **A invenção do profissionalismo no futebol**: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Curitiba: Appris, 2019.

HANSEN, Viviane. **Torcida Organizada Os Fanáticos**: relacionamentos e sociabilidade. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: História e Implicações. Tradução: Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

HELAL, Ronaldo George. Futebol, Cultura e Cidade. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 5–7, 2014.

HIERNAUX, Daniel; LINDON, Alicia. La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos. **Pap. poblac**, Toluca , v. 10, n. 42, p. 101-123, dic. 2004

INSTITUTO CULTURAL GRUPO 100% SUBURBANO. **Base de Dados – Choro patrimônio**, [s.d]. Disponível em: <
<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/choropatrimonio/associacoes-e-clubes/instituto-cultural-grupo-100-suburbano/>>. Acesso em: 15 de maio. de 2025.

JÍMENEZ, Luini da Silva. **Revitalização Cine Olaria**: um espaço de encontro e memória. 2020. 61 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

JUNIOR, Valdemar Valente. A trajetória do samba no século XX: da marginalidade à indústria cultural. **Revista Recorte**, v. 9, n. 2, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e narrativa ou, existe um discurso da imagem? **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, UFRGS, IFCH, PPGAS. Ano 5, n.12, p. 59-68, dez.1999.

LIMA, Lais Lucena de. **Casa de Artes de Olaria**: reativação de um centro de bairro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, RJ, v. 24, n. 2, p. 206–232, maio 2018.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica** – origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Ed. 34, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v.10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MATTOSO, Rafael. Histórias e vivências suburbanas: valorização das experiências cotidianas na resistência cultural dos subúrbios cariocas. *In*: SANTOS, Joaquim Justino dos; MATTOSO, Rafael; GUILHON, Teresa (orgs). **Diálogos suburbanos**: identidades e lugares na construção da cidade. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. Cap. 7. P. 163-190.

MELO, Victor Andrade de. Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (Rio de Janeiro, 1915-1930). **Tempo**, v. 27, n. 3, p. 561–584, set. 2021.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? **Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.3, ago - nov, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MIYASAKA, Cristiane Regina. **Os trabalhadores e a cidade**: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920). 2016. 1 recurso online (328 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2017.

NASCIMENTO, Pedro Paulo Vital do. **A volta ao mundo em 30 jogos**: a excursão do Olaria em 1954. Rio de Janeiro: Ed. Do autor, 2023.

NASCIMENTO, Pedro Paulo Vital do. **O pecado de ser grande**: o time do Olaria de 1971. Rio de Janeiro: Ed. Do autor, 2024.

NASCIMENTO, Pedro Paulo Vital do. **Olaria**: Histórias de um centenário. Rio de Janeiro: Ed. Do autor, 2016.

NETO, Otávio Cruz. o trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

PAES, Marcelo. **Olaria**: a conquista da taça de bronze. Rio de Janeiro: Libertad Editora, 2021.

PIMENTEL, Márcia. O leopoldinense bairro de Olaria. **MultiRio**, 2020. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16873-o-leopoldinense-bairro-de-olaria>. Acesso em: 31 de maio. 2024.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PWC Strategy&do Brasil Consultoria Empresarial Ltda. **O impacto das apostas esportivas no consumo**. Rio de Janeiro. PWC.2024. Disponível em: [\[https://www.strategyand.pwc.com/br/pt/relatorios/impacto_apostas_esportivas_consumo_pub_strategy_2024.pdf\]](https://www.strategyand.pwc.com/br/pt/relatorios/impacto_apostas_esportivas_consumo_pub_strategy_2024.pdf). Acesso em: 13 de dezembro. 2024.

SANTOS, Noronha. **Meios de transporte no Rio de Janeiro: história e legislação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

SIMMEL, Georg. (2006). A Sociabilidade (Sociabilidade: Um exemplo de sociologia pura ou formal). In: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar.

SIMÕES, Irlan Santos. **A produção do clube: poder, negócio e comunidade no futebol**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2023.

SOARES, Maria Therezinha Segadas. Bairros, Bairros Suburbanos e Subcentros. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 1, n. 1, p. 143–154, 2011.

SOARES, Maria Therezinha Segadas. Divisões principais e limites externos do grande Rio de Janeiro. Transcrito de anais de Associação dos Geógrafos Brasileiros, v. XII (1958)-59). São Paulo, 1960, p. 187-295. In: BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti Bernardes; SOARES, Maria Therezinha Segadas. (org). **Rio de Janeiro: Cidade e Região**. Rio de Janeiro: Biblioteca carioca, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

SOUZA, Bruno Jeuken; ANTÔNIO, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. Ponto Urbe. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 14, 2014.

SOUZA, Márcia Cristina da Silva. Ser ou não ser: a memória dos cinemas de rua como patrimônio cultural do Rio de Janeiro. **XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio**, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Sociabilidade: etnografia de um conceito. In: CAMARGO, Wagner, PISANI, Mariane, ROJO, Luiz (Orgs). **Vinte anos de diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira**. Brasília e Curitiba: ABA Publicações, 2021. Cap 1. P. 24-42.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996.

VENTURA, Larissa. Diário do Rio, 2021. **Prefeitura inaugura posto de vacinação contra Covid no Olaria Atlético Clube**. Disponível em: [.<Prefeitura inaugura posto de vacinação contra Covid no Olaria Atlético Clube - Diário do Rio de Janeiro \(diariodorio.com\)>](https://diariodorio.com.br/prefeitura-inaugura-posto-de-vacinacao-contracovid-no-olaria-atletico-clube). Acesso em: 19 de ago. 2023.

VIDAL, Gabriela Bento. **Goytacaz Futebol Clube**: análise sobre conflitos e sociabilidade entre torcedores organizados; modernização do clube e tempos de pandemia. 2020. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113–148, abr. 2002.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

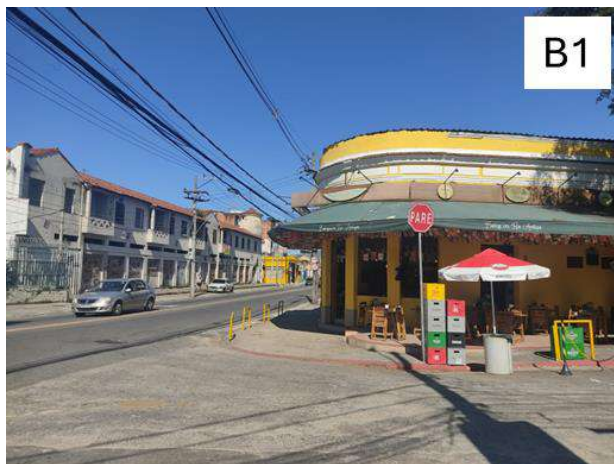
ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXO A – Ingressos dos jogos disputados pelo Olaria em 2023 e 2024 acompanhados pelo autor.



ANEXO B –Fotografias adicionais

B1 –Bar Rio Antigo na Rua Uranos; B2 – Grêmio Recreativo Independentes de Olaria; B3 – Linha férrea que divide o baixo; Igreja da Penha ao fundo.



B4 – Igreja de São Geraldo; B5 – Prédios de dois andares no lado residencial (direito da linha férrea) no Bairro de Olaria; B6 – Residências com arquitetura portuguesa no lado direito da linha férrea.



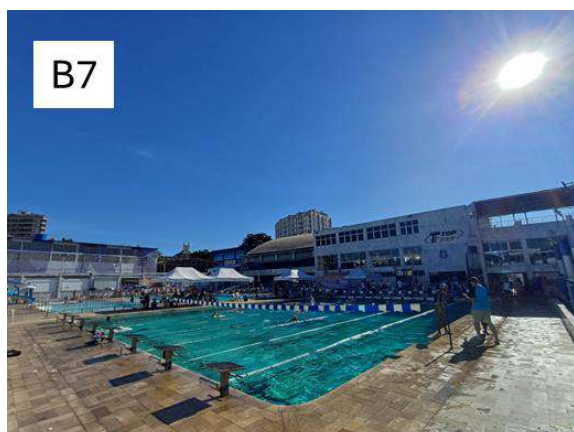
B7 –Piscina da sede do Olaria Atlético Clube;

B8 – Parte da galeria de troféus, no saguão de entrada do clube;

B9 – Galeria dos ex-presidentes, no saguão de entrada do clube;

B10 – Bar, localizado entre a área da piscina e o estádio;

B11 – O autor na arquibancada do Olaria, segurando o livro de Pedro Vital.



Visitas a outros estádios durante o Campeonato Carioca da série A2 em 2024:

B12 – Arquibancada do Estádio João Saldanha, em Maricá, em jogo do Maricá x Olaria; B13 – Estádio Los Larios, em Xerém, no jogo Duque de Caxias x Olaria;

B14 – Manifestações da torcida Infernizada, do Duque de Caxias;

B15 – Estádio Ronaldo Nazário em São Cristóvão (Rio de Janeiro), no jogo São Cristóvão x Olaria.

